



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

IASMIN CASTRO DE SOUZA

**O OCIDENTE ORIENTAL:
MIGRANTES ZOROASTRIANOS NA INGLATERRA (2019)**

Londrina
2020

IASMIN CASTRO DE SOUZA

**O OCIDENTE ORIENTAL:
MIGRANTES ZOROASTRIANOS NA INGLATERRA (2019)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação, *Stricto Sensu*, em História Social, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margaret Marchiori Bakos.

Londrina
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

c355 Souza, lasmin.
O Ocidente oriental: migrantes zoroastrianos na Inglaterra (2019) / lasmin Souza. - Londrina, 2020.
140 f. : il.

Orientador: Margaret Marchiori Bakos.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2020.
Inclui bibliografia.

1. História - Tese. 2. Migração - Tese. 3. Religião - Tese. 4. Identidade - Tese.
I. Marchiori Bakos, Margaret . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 93

IASMIN CASTRO DE SOUZA

**O OCIDENTE ORIENTAL:
MIGRANTES ZOROASTRIANOS NA INGLATERRA (2019)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação, Stricto Sensu, em História Social, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Margaret Marchiori Bakos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Richard Golçalves André
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr^a Katia Maria Paim Pozzer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS

Londrina, 29 de julho de 2020.

Aos estudantes e pesquisadores que se interessarem pelo tema.

Aos zoroastrianos, em especial aos migrantes da fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família. Em especial à minha irmã Isadora, que se eu não destacasse seu nome nesse momento, provavelmente me apoquentaria pelo resto da vida, afinal foi ela quem investiu financeiramente na viagem à Londres. Querida irmã, só não esqueça que se não fosse o meu senso geográfico, você ainda estaria perdida pelas ruas da Europa toda. Obrigada.

Como não agradecer às amigas? Entre elas, à querida amiga Lunielle, que sempre me ajudou tanto, desde a graduação até a conclusão desta dissertação. Obrigada por tudo, Luni, inclusive por ler meu trabalho e pelas conversas! Obrigada também às Mais Lindas, que mesmo não gostando quando eu começo a falar sobre História, me ajudaram a treinar as apresentações para banca do Mestrado. Feliz 2010!

Agradeço também a minha orientadora Margaret Marchiori Bakos, uma inspiração de pesquisadora, por ter encarado junto comigo essa pesquisa, desde o início de 2018.

E como prometido, agradeço ao Bomy, um zoroastriano de Londres que me ajudou no início dos projetos da pesquisa a conseguir contatos importantes. Uma pessoa tão solícita e gentil que ajudou uma pesquisadora que ele ao menos conhecia por mensagens no Facebook e por email. Sem ele, os processos seriam mais difíceis ainda.

Falando em gentileza, meu milésimo muito obrigada ao Malcolm Deboo e ao sacerdote Yazad, ligados a ZTFE, que aceitaram a minha pesquisa e a minha visita. Tiveram toda dedicação em conversar comigo, me mostrar todo prédio da *Zoroastrian Centre*, realizar uma cerimônia zoroastriana para que eu presenciasse pessoalmente, e por fim, além de servirem biscoitos iranianos, me ofertaram materiais sobre o Zoroastrismo, sendo um deles, um livro recente e incrível sobre o tema.

Por fim, agradeço também aos zoroastrianos que participaram dos questionários da pesquisa. Não sei nem explicar a minha felicidade ao receber os questionários respondidos. Muito obrigada!

When he came out it was impossible to miss a sense of difference about him. After a few days I could not help but ask a very western and naïve outsider's question: 'Kaikhusroo, can you put into words how you feel in the prayer-room?' He answered simply, but powerfully, 'I stand in the presence of God'. (HINNELLS, 1996, p.27).

SOUZA, I. C. **O Ocidente oriental: migrantes zoroastrianos na Inglaterra** (2019). 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

RESUMO

Trabalhar com o conceito de identidades pode ser uma proposta complexa e interessante. Quando inserimos em um contexto migracional, focando em uma comunidade religiosa, as questões parecem ainda mais relevantes e intrínsecas ao desenvolver dos imigrantes. A proposta da pesquisa é discutir o conceito de identidade e reconhecimento a partir da comunidade zoroastriana que vive atualmente na Inglaterra. Para obtenção das fontes, em 2019 foi realizado um trabalho de campo na cidade de Londres, na qual foi organizado visitas a instituição Zoroastrian Trust Funds of Europe (ZTFE), ao cemitério de Brookwood, e entrevistas com o presidente da ZTFE, Malcolm Deboo e com o sacerdote da instituição, Ervard Yazad T. Bhadha. Além disso, foi realizado um questionário online através da plataforma Google Formulários, em que 29 adeptos ao Zoroastrismo que vivem na Inglaterra responderam. De modo geral, o perfil dos respondentes são zoroastrianos na média dos 61 anos, que vivem em Londres e em outras regiões na Inglaterra, e que vieram de países como Índia, Hong Kong, Iêmen, Tanzânia, Quênia, Seicheles e Inglaterra. Entre os resultados, observamos que a comunidade zoroastriana inglesa não é homogênea. Os desafios de se estabelecer em um local tão dessemelhante fazem com que parte da comunidade defenda a permanência de estruturas orientais, e outra parte busque pela inserção nos padrões ocidentais. A identidade nesse meio é um campo de conflitos e interesses, em que os sistemas simbólicos são importantes pontos para manutenção desta. A partir disso, enxergamos certas mudanças em aspectos de comportamentos e socialização dos adeptos e até nas estruturas da religião, como nos ritos funerários e na lógica da lei da pureza. A comunidade zoroastriana inglesa está presente desde o século XVIII, e construiu bases para permanecer no território. Para fundamentação teórica-metodológica, ao que se refere as fontes orais das entrevistas, utilizo os estudos de Alessandro Portelli e Michael Pollak. Emprego ainda as discussões de identidade e reconhecimento propostos por Zygmunt Bauman, Caterine Koltai, Astor Diehl, Kathryn Woodward, e Charles Taylor. No que se refere a compreensão do objeto de pesquisa como um indivíduo migrante, me oriento pelos estudos de migração e diáspora de Steven Vertovec, Fábio Bertonha, Aurélia Castiglioni, André Golgher e Avtar Brah. Para um entendimento significativo do tema, utilizo também os trabalhos de John Hinnells, Mary Boyce, Micahel Stausberg e Almut Hintze.

Palavras-chave: Zoroastrismo. Migração. Inglaterra. Identidade.

SOUZA, I. C. **The eastern West: zoroastrians migrants in England** (2019). 2020. 138 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

ABSTRACT

Operating with the concept of identities can be a very interesting and complex proposal. When inserted in a migration context, focusing on a religious community, the problematics seems to be even more relevant and intrinsic to the immigrants development. The research proposal is to discuss the concept of identity e recognition from the zoroastrian community that lives currently in England. To obtain the sources, in 2019 was accomplished a fieldwork in London, in which was organized visitations to the institution Zoroastrian Trust Funds of Europe (ZTFE), the Brookwood Cemetery, and interviews with the president of ZTFE, Malcom Deboo, and with the institution priest Ervard Yazad T. Bhadha. Furthermore, it was accomplished an online questionnaire through the platform Google Forms, wherein 29 adepts from Zoroastrianism that lived in England, took part. In general, the respondents profile are, in average, 61 years old zoroastrians that live in London and in other England regions, and that came from countries like, India, Hong Kong, Yemen, Tanzania, Kenia, Seychelles and England. Among the results, it was observed that the english zoroastrian community is not homogeneous. The challenges of setting in a local so dissimilar, makes a part of the community to defend the permanence of the eastern structures, and the other part to search for their insertion into western standards. The identity in this environment, is a conflict and interests field, in which the symbolic systems are important gates to the identity's maintenance. From that, it was detected certain changes in behavior and socialization aspects from the adept, and also in the religion structure, as in the funeral rites and in the purity law logic. The english zoroastrian community is present since the 18th century, and have constructed bases to remain in the territory. For the theoretical-methodological reasoning, what is refers to the oral sources from the interviews, it was adopted the studies from Alessandro Portelli and Michael Pollak. Also, it was applied the identity and recognition discussions proposed by Zygmunt Bauman, Caterine Koltai, Astor Diehl, Kathryn Woodward, and Charles Taylor. Regarding the comprehension of the research object, as a migrant individual, the discussion was oriented by the studies of migration and diaspora from Steven Vertovec, Fábio Bertonha, Aurélia Castiglioni, André Golgher and Avtar Brah. For a significative understanding of the theme, it was applied the researches from John Hinnells, Mary Boyce, Micahel Stausberg and Almut Hintze.

Keywords: Zoroastrianism. Migration. England. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01	Inscrição na escadaria do Palácio de Dario	52
Imagem 02	Comércio na rua Edgware	66
Imagem 03	Comércio na rua Kingsgate.....	67
Imagem 04	Comércio na rua Bascobel.....	68
Imagem 05	Placa de entrada do Cemitério de Brookwood.....	73
Imagem 06	Entrada da repartição zoroastriana do Cemitério de Brookwood	74
Imagem 07	Lápide de Rustomjee Burjorjee	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Número da quantidade de adeptos relacionados ao local de nascimento e residência80
Tabela 02	Relação entre a identificação como adepto e a percepção quanto um adepto ativo.....82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Relação das idades informadas pelos adeptos no questionário ..80
Gráfico 02	Identificação de gênero entre os participantes.....82
Gráfico 03	Locais frequentados por zoroastrianos95
Gráfico 04	Importância da ZTFE para o cotidiano dos adeptos.....95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ZTFE	Zoroastrian Trust Funds of Europe
SOAS	School of Oriental and African Studies
DESA	United Nations Department of Economic and Social Affairs
UNICEF	United Nations Children's Fund
WZO	World Zoroastrian Organization
XYZ	eXtra Young Zoroastrians
FEZANA	Federation of Zoroastrian Associations of North America
A.E.C	Antes da Era Comum
E.C	Era Comum

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONCEITO E HISTÓRIA: DISCUSSÕES BASES PARA COMPREENSÃO DA PESQUISA	21
2.1	DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	21
2.1.1	No Que Se Refere Aos Conceitos De Diáspora E Migração	21
2.1.2	Como Fazer? A História Oral E Os Conceitos De Identidade E Reconhecimento	26
2.2	INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA ZOROASTRIANA NO OCIDENTE	36
3	O QUE É O ZOROASTRISMO?	41
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA RELIGIÃO ZOROASTRIANA...41	
3.1.1	Sobre As Principais Crenças E Práticas.....	41
3.1.2	Adentrando Perspectivas Históricas	44
3.2	A RELIGIÃO E OS GOVERNOS PERSAS	51
3.3	A CHEGADA AO OCIDENTE E O DESENVOLVER DE INSTITUIÇÕES EUROPEIAS.....	55
3.3.1	Zoroastrianos Em Números.....	60
4	DE OLHOS PARA OLHOS: TRAJETOS DO TRABALHO DE CAMPO E ANÁLISES DAS FONTES	62
4.1	PLANEJAMENTO DO TRABALHO DE CAMPO	62
4.2	RECONHECIMENTO DO LOCAL.....	64
4.2.1	O Cemitério De Brookwood	72
4.3	ANÁLISE GERAL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	79
4.4	INTERPRETANDO O MIGRANTE: ANÁLISE DAS FONTES	84
4.4.1	“Yes, It’s Who I Am”: Sobre A Identidade	84
4.4.2	“So We Are Now Here To Stay”: O Papel Da Zoroastrian Trust Funds Of Europe	94
4.4.3	“Your Religion Is Not Known”: Mudanças	101

5	CONCLUSÃO.....	114
	ANEXOS	120
ANEXO A	Discursos dos respondentes relacionados com os pontos Família, Comportamento e Comunidade	120
ANEXO B	Questionário aplicado.....	121
ANEXO C	o Nascimento da Zoroastrian Trust Funds of Europe. Carta de Seth Muncherji Hormusji Cama, 1861	123
ANEXO D	Transcrição da entrevista com Malcolm Deboo e Ervard Yazad T. Bhadha.....	124

1. INTRODUÇÃO

Fatos curiosos fazem nosso trajeto acadêmico. O processo de criar, questionar e refletir é tão amplo que as vezes surpreende nós mesmo até onde nossa pesquisa pode ir. Quando se trabalha com um tema tão incomum, no sentido pouco explorado e conhecido, os caminhos parecem se multiplicar. Tudo aparenta ser possível de estudar já que nunca foi estudado antes. Um exemplo é a presente pesquisa.

Durante os dois anos de Mestrado, apresentei e publiquei textos em anais de eventos pelo Brasil. Em sua maioria falavam sobre questões do Oriente Médio ou sobre o Zoroastrismo. Após as apresentações de todos esses artigos, eu esperava a mesma pergunta: De onde surgiu a ideia de estudar isso? A resposta estava pronta na minha cabeça pois após algumas vezes perguntada, o discurso já estava basicamente decorado.

Pois então...De onde surgiu a ideia de trabalhar com migrantes zoroastrianos que vivem na Inglaterra?

De modo geral, uma coisa levou a outra.

Enquanto estava ainda na graduação, fiz parte de uma disciplina optativa com o professor Richard Gonçalves André, do departamento de História da UEL, matéria qual estudávamos religiões e religiosidades orientais. Nessa disciplina, conheci o trabalho de Mircea Eliade intitulado, *História das Crenças e das Ideias Religiosas I, II e III*. Na certeza de que tinha encontrado minha área de estudo para o TCC e futuras pesquisas, comprei os três livros do autor. As obras são, sobretudo, manuais gerais que desenvolvem ideias sucintas sobre religiões e religiosidades presentes no mundo todo.

Um dos últimos capítulos do primeiro livro se intitula *Zaratustra e a religião iraniana*. Como uma forte apreciadora do mundo médio oriental, logo me interessei pelo título e li o capítulo, que se tratava da apresentação de uma religião chamada Zoroastrismo. Até esse momento, nunca tinha ouvido falar sobre Zoroastrismo. Nem mesmo durante a graduação nas disciplinas de História Antiga. De fato, algo tão importante acaba por passar despercebido, assim como inúmeros outros temas que mal possuem um suspiro nos quadros da historiografia.

Talvez essa seja uma das justificativas para se estudar o Zoroastrismo durante a graduação e no mestrado. Acredito que o estudo da religião é de extrema

importância para sociedade, ainda mais nos dias atuais, em que as bandeiras religiosas tomam um espaço inapropriado e tremulam sob o ataque ao próximo.

Quando estudei sobre as origens da fundamentação do Zoroastrismo, alguns importantes pontos foram descobertos, trazendo uma ligação entre o século XII a.e.c e o século XXI da era atual. Entre eles, descobri sobre a importante influência que o Zoroastrismo exerceu entre os hebreus na formação das bases de um “Judaísmo” no período antigo, e que essas influências foram levadas até o Cristianismo e Islamismo, séculos mais tarde.

Para refletir sobre a notoriedade dessas influências, destaco algumas. Antes mesmo de consistir o Judaísmo como religião, o Zoroastrismo já era uma religião monoteísta. Zaratustra, o grande profeta responsável por trazer o Zoroastrismo ao mundo, de acordo com as escrituras, nasceu de uma virgem, assim como Jesus no Cristianismo. O número sete aparece fortemente na descrição da cosmogonia zoroastriana, assim como na tradição judaico-cristã e islâmica. O número aparece novamente, como um algarismo importante, pois são sete também os *amesha spenta*, traduzido da língua avéstica¹ literalmente como imortais santos que auxiliam o deus único Ahura Masda na propagação do bem, presente também na tradição cristã². Por fim, trago a noção de inferno e paraíso após a morte. Na tradição zoroastriana, *pairidaeza* é o termo em avéstico que dá origem a concepção de paraíso após a morte. Ideia que seria futuramente também apropriada e desenvolvida em outras religiões (SOUZA, 2017).

Muito além das justificativas sociais e pessoais apresentadas, uma das minhas intenções com a pesquisa, é compartilhar o estudo acadêmico do Zoroastrismo no Brasil. Acredito que hoje nesse país, o estudante de graduação não estuda o que ele deseja, mas sim o que ele pode. Na realidade, ele trabalha o que deseja dentro das possibilidades intrínsecas a ele.

Quando averigui que se tinha pouca historiografia brasileira específica sobre o tema o qual trabalho, tive a oportunidade de comprar pela Internet os livros que precisava, pagando pelo preço exorbitante do frete internacional. Eu tive o privilégio também de conseguir ler esses livros em língua inglesa já que não se tem

¹ Língua antiga da família Indo-europeia utilizada pelos persas principalmente em escrituras sagradas do Zoroastrismo.

² Aqui faço referência a passagem bíblica de Apocalipse 5:6 “ [...] Ele tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda terra”.

nenhum material específico em português ou espanhol. De todos esses pontos, o mais importante foi a oportunidade financeira que tive ao realizar o trabalho de campo indo à Inglaterra sem nenhum auxílio da Universidade ou de qualquer programa. De forma resumida, tive a comodidade de poder estudar aquilo que gostaria.

Acredito que as situações e oportunidades dos alunos de graduação sejam bem diversas. Dessa forma, minha justificativa acadêmica se dá pela tentativa de uma democratização do conhecimento. Ou seja, é pretendido publicar materiais de qualidade no que tange o estudo da área de religiões orientais e migrações religiosas. É um trabalho que já vem sendo feito a partir da publicação e apresentação em anais de eventos acadêmicos, mas que ganha destaque com uma dissertação de mestrado.

Esses pontos citados serviram para fomentar a curiosidade de estudar um tema tão pouco desbravado, principalmente no Brasil, e que se tornou importante para mim tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito pessoal, a fim de se estabelecer correlações entre o período da antiguidade e a contemporaneidade. A presente dissertação se torna um exemplo dessa relação, pois designa o objeto de pesquisa no mundo contemporâneo, mas só se torna coerente quando analisado o contexto na antiguidade.

Dessa forma, tenho o objetivo com a pesquisa de analisar os padrões de identidade e reconhecimento entre os imigrantes zoroastrianos que vivem atualmente³ na Inglaterra. A partir desse objetivo geral, destaco alguns precisos propósitos a mais, como a relação entre indivíduo e religião, processos de adaptações nas práticas e costumes, o cotidiano religioso, os símbolos que envolvem a atmosfera, as principais diferenças entre ser zoroastriano no Oriente e no Ocidente e o papel de uma instituição zoroastriana londrina no que se refere a vida religiosa dos adeptos e na sociedade europeia externa.

Trago também algumas perguntas que ajudaram na trilha das problemáticas da pesquisa, como além da relação entre identidade e religião, mas o que a identificação implica e como ela se dá no contexto da pesquisa (Inglaterra em 2019), ou seja, como é ser zoroastriano em um lugar em que as pessoas não sabem o que é isso? Procurei refletir também sobre os desafios, que tanto adepto quanto religião, podem presenciar em um contexto migrante, chegando a questões envolvendo as gerações, como, de que forma estas e a ZTFE lidam com os desafios

³ Com “atualmente” faço referência ao ano de 2019, quando adquiri minhas fontes para pesquisa.

de manter uma religião minoritário em um país que tanto se dessemelha das regiões de origem.

Ao tornar o objeto da pesquisa os imigrantes que vivem em outro continente, um trabalho de campo foi prontamente requerido. A possibilidade e oportunidade de fazer uma pesquisa com esse objeto vieram a partir do investimento financeiro familiar. Não foi utilizado nenhum outro tipo de fomento partindo de instituições ou programas relacionados a academia.

A ideia original da pesquisa seria de trabalhar com a História Oral, aplicando entrevistas com os adeptos da religião zoroastriana que concordassem em participar da pesquisa. Contudo, empecilhos apareceram no caminho e quando tive mais acesso a livros específicos de fora do Brasil sobre o tema, percebi que o mecanismo não era viável. O fator principal foi a minha proximidade social enquanto pesquisadora brasileira não adepta em relação aos imigrantes zoroastrianos que vivem na Inglaterra. Não seria possível entrevistar a comunidade nos templos ou nas reuniões em instituições porque a presença nos lugares citados não é frequente. Diferentemente da maioria das religiões, os zoroastrianos não tem o costume de frequentar os templos ou instituições. A maioria das práticas são realizadas em casa. Em países onde o Zoroastrismo tem uma proximidade cultural com a sociedade, como no Irã, Paquistão, Índia e Iêmen, ainda é possível observar as construções dos templos, tornando a ida dos adeptos mais frequente. Porém, quando o cenário muda para um país ocidental como a Inglaterra, onde não há nenhum templo zoroastriano, as práticas realizadas em casa parecem ganhar força.

Se não seria possível o contato com os zoroastrianos através das instituições londrinas, agendar visitas nas casas dos adeptos seria um trabalho mais difícil ainda, o qual exigiria mais de dois anos (como projetado no programa de Mestrado) para aprimorar a relação entre a pesquisadora e os indivíduos. Na academia, tem-se o conhecimento de apenas um pesquisador que conseguiu realizar um trabalho de campo relativamente a domicílio, como era a princípio proposto em minha pesquisa. John Hinnells (1996), um historiador britânico, passou anos de sua vida trabalhando com zoroastrianos pelo mundo todo. Em seus relatos, Hinnells (1996) diz ter demorado anos para conseguir uma certa "credibilidade" para ser recepcionado nas casas dos indivíduos. Além disso, Hinnells contava com a orientação da professora Mary Boyce, um dos maiores nomes relacionado ao estudo

do Zoroastrismo, e também fazia parte da Escola de Estudos Orientais e Africanos, uma das maiores instituições ocidentais no âmbito de estudo do Zoroastrismo.

Ainda sem saber exatamente como a pesquisa seguiria, destaquei o primeiro passo para realizar um trabalho de campo na Inglaterra: Entrei em contato com uma instituição da região. Antes dos primeiros rascunhos do projeto de mestrado, já tinha o conhecimento da *Zoroastrian Trust Funds of Europe* (ZTFE), uma instituição zoroastriana localizada em Londres. Sem muitas informações nas redes sociais ou pela Internet, mandei alguns e-mails para a secretaria da instituição apresentando a minha pesquisa e a minha proposta. Embora nenhum dos meus e-mails fossem respondidos, o otimismo me confortava com a ideia de que os e-mails haviam parado no *spam*.

Já que o primeiro plano havia falhado, o plano B era tentar encontrar algum adepto que frequentava a instituição pelas redes sociais. O plano C era pagar uma ligação do Brasil para Londres e o plano D era mandar uma carta.

Pelas redes sociais, foi encontrado um grupo de socialização na plataforma *Facebook* chamado “ZTFE – The Zoroastrian Trust Funds of Europe – London”. Era um grupo fechado, ou seja, só membros do grupo podiam ver os conteúdos postados. Foi feita a tentativa de participar do grupo para tentar contato com alguém, porém o resultado não foi positivo. Ainda assim o grupo do *Facebook* foi útil pois me permitiu acessar a lista de membros e tentar contato fora do grupo, diretamente com a pessoa.

Inicialmente a tentativa de contato foi com quatro pessoas da lista de membros do grupo. Um sinal positivo de que minha pesquisa iria dar certo veio quando um dos contatos havia respondido. E a ele prometi fazer uma homenagem rápida nos agradecimentos da minha dissertação. Bomy, muito solícito, entrou em contato com o presidente da ZTFE e facilitou a conexão que tanto eu esperava.

Foram realizadas inúmeras trocas de e-mails com o presidente da ZTFE, Malcolm Deboo, durante dois anos, até que, após muitos documentos traduzidos, marcamos minha visita à instituição. O trabalho de campo foi realizado no mês de maio de 2019 e contou com visitas à ZTFE, entrevistas com o presidente Malcolm Deboo e com o sacerdote responsável pela Sala de Oração da ZTFE, Ervard Yazad T Bhadha; contou também com estudos de reconhecimento da região, participação de uma cerimônia zoroastriana e visita ao cemitério zoroastriano. Além disso, produzi um questionário online através da plataforma da Google, com perguntas destinadas a

zoroastrianos que vivem na Inglaterra. A partir da ajuda de Malcolm e Bomy, consegui respostas de vinte e nove pessoas.

Mas porque escolher a Inglaterra e a ZTFE para trabalhar? Em relação ao recorte espacial, a decisão surgiu a partir de inclinações acadêmicas e situações pessoais. Havia uma vontade em trabalhar com zoroastrianos migrantes por conta de uma curiosidade maior em saber quais os desafios que essas pessoas passavam, em um local que tem tanta dissemelhança com as regiões de origem no continente asiático e africano. Assim, minhas opções de recorte eram fora dos dois continentes citados. América e Austrália poderiam ser vistas como opções, mas as oportunidades pessoais foram determinantes para que a Inglaterra fosse escolhida. Juntei a proposta acadêmica com a vontade de minha irmã mais velha em conhecer a Europa e embarcamos para a viagem.

Sobre a escolha da instituição, optei pela ZTFE por ser a maior organização zoroastriana da Europa e a mais antiga também. Ainda que tenha sido realizado um trabalho com essa instituição específica, vários dos respondentes, como veremos com mais detalhes no capítulo 4 de análises, participam também de outras instituições na Inglaterra.

Com fontes históricas selecionadas, a metodologia de pesquisa também já estava sendo discutida. Aproximo-me então, metodologicamente para tratar das fontes orais das entrevistas, dos estudos de Alessandro Portelli (1997) e Michael Pollak (1992). Utilizo ainda as discussões de identidade e reconhecimento propostos por Zygmunt Bauman (2005), Caterine Koltai (2009), Astor Diehl (2002), Kathryn Woodward (2000), e Charles Taylor (2000). No que se refere a compreensão do objeto de pesquisa como um indivíduo migrante, me oriento pelos estudos de migração e diáspora de Steven Vertovec (1997), Fábio Bertonha (2015), Aurélia Castiglioni (2009), André Golgher (2004) e Avtar Brah (1996). Para uma compreensão significativa do tema, utilizo também os trabalhos de John Hinnells (1996), Mary Boyce (1984), Micahel Stausberg (2008) e Almut Hintze (2010).

O primeiro capítulo da dissertação conta com um delineamento teórico e metodológico da pesquisa no qual as ideias dos primeiros autores citados acima são apresentadas e discutidas. Como último tópico do primeiro capítulo, um levantamento da historiografia zoroastriana é feito, a fim de constar e refletir em qual plano acadêmico a atual pesquisa se insere.

Como forma de contextualizar o leitor sobre a história do Zoroastrismo, tendo em vista ser uma religião pouco conhecida, o segundo capítulo se inicia com uma breve apresentação dos dados básicos e mecanismos da religião no período Antigo. O capítulo segue com um estudo da presença do Zoroastrismo em diversos países e termina com uma introdução às instituições zoroastrianas na Inglaterra.

No último e mais importante capítulo será discutido as problemáticas propostas na dissertação e análise das fontes. Neste terceiro capítulo, o principal foco é a análise da pesquisa de campo e os resultados interpretados a partir desta.

Para finalizar a introdução, gostaria de esclarecer um ponto antes que se prossiga com o desenvolvimento do trabalho. Como possível de ser observado, o trabalho de campo é ponto chave de minha pesquisa. Dessa forma, utilizo, em diversos momentos da dissertação, a primeira pessoa no singular para conjugar as sentenças. Acredito que seria um tanto quanto impessoal e estranho, ao tratar de uma experiência minha a qual fui a testemunha ocular, escrever em terceira pessoa. Peço licença para o uso de tal pronome pessoal pois vivenciei durante a graduação em História uma certa preferência pela terceira pessoa.

2. CONCEITO E HISTÓRIA: DISCUSSÕES BASES PARA COMPREENSÃO DA PESQUISA

2.1 DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1.1 No que se refere aos conceitos de Diáspora e Migração

Ao pensar sobre os conceitos que envolvem as problemáticas da pesquisa, estabelece-se uma base teórica que engloba as discussões sobre migrações e diásporas em um primeiro momento. Esse estudo auxilia na compreensão do contexto histórico do objeto de pesquisa, que trata de migrantes, florescendo inúmeras questões que trazem uma noção mais crítica do processo complexo que é a migração e as diásporas.

O conceito de diáspora, que originalmente se restringia em torno dos judeus e armênios, ganha atualmente um novo caráter possível de ser usado em pesquisas sobre migrações (BERTONHA, 2015). Stuart Hall (2003) discutindo sobre identidades culturais na diáspora caribenha, e George Shepperson (1968) com o ensaio "*The African abroad or the african diaspora*" são importantes exemplos de pesquisas que passam a utilizar o termo fora da temática judaica ou armênia.

A princípio, o termo diáspora não seria adotado para a pesquisa. Contudo, após a averiguação dos trabalhos acerca da temática específica, foi constatado que alguns importantes autores utilizam o termo diáspora para se referir aos movimentos migratórios de religiões sul-asiáticas, como o Zoroastrismo. Entre eles estão Harold Coward, John R. Hinnells e Raymond Brady Williams.

Ainda dentro da historiografia sobre o tema, há contradições acerca do uso do conceito. William Safran (1991) e Robin Cohen (1997) argumentam que o termo diáspora não pode ser utilizado dentro da perspectiva zoroastriana pois os sujeitos que viajam não possuem um mito de retorno e nem almejam retornar a terra de origem, e não possuem uma área de dispersão grande, se concentrando apenas em Bombaim, na Índia. Dessa forma, uma diáspora zoroastriana não parece ser o termo mais correto para o contexto. Contudo, me afeição a contraposição apresentada pelo historiador John Hinnells (2005), que afirma estar incorreta a ideia exibida acima. De acordo com Hinnells

A disputa por trás desse livro é que ambas as ideias estão erradas. Eu acredito que o presente estudo sobre Parsis realizado em 11 países estabelece que Safran está factualmente incorreto em dizer que eles se estabelecem em apenas uma base, a região de Bombaim. O argumento de ambos Safran e Cohen que Parsis não constituem uma diáspora porque não

há nenhum desejo de retorno, ou a recriação da terra pátria, é igualmente factualmente incorreta (HINNELLS, 2005, p. 24, tradução da autora).

Hinnells ainda discorre sobre como os zoroastrianos tem um forte apreço pelo passado persa e em como muitos que vivem na Índia, preferem ser chamados de persas do que indianos. Vemos fortemente essa ligação principalmente dentro da estética de ornamentos e construções espalhados nas regiões diaspóricas zoroastrianas, que buscam a semelhança visual com a antiga Pérsia.

Por esta razão, a presente pesquisa se aproxima das definições de diáspora trazidas por Steven Vertovec (1997) e abraçadas por Hinnells. Em uma revisão teórica de literaturas sobre o conceito de diáspora, Vertovec (1997) apresenta 3 formas de compreender a diáspora. A primeira como uma forma social, pensada a partir de: relações sociais entre os indivíduos, criadas como um “resultado de uma migração forçada ou voluntária para pelo menos duas regiões diferentes.” (VERTOVEC, 1997, apud HINNELLS, 2005, p. 19); identidades coletivas sustentadas por um desejo e um mito de volta à terra de origem; uma solidariedade com imigrantes de mesma etnia, compartilhando sensações e sentimentos de rejeição ou exclusão pela sociedade de destino. O segundo entendimento, como uma forma de consciência, onde se destaca: um “estado mental” e um senso de identidade a partir de experiências ruins de exclusão e discriminação, e experiências positivas como ligações comuns a uma herança histórica; uma possível trilha de memórias coletivas, formadas a partir da diversidade de destinos de um grupo de mesma origem, dando diferentes sentidos de “aqui” e “lá”. O terceiro entendimento de diáspora como um modo de produção cultural, em que principalmente em um contexto de globalização, se enfatiza as identidades fluidas/híbridas, ou a mistura de diferentes identidades, atribuídas em sua maioria aos mais jovens, que por vez são responsáveis pela chamada “retradicionalização”, compreendendo as diferentes ideias que “tradição” possa ter.

Assim, me proponho a pensar na diáspora como um movimento com considerável número de pessoas que se sentem de certa forma, obrigadas a abandonar seu local de origem, para dispersão em diversas regiões de destino, não somente uma. As considerações de Avtar Brah (1996) também auxiliam na compreensão do conceito. “Diáspora é uma jornada”, apresenta Brah, e esse conceito “invoca constantemente a imagem de traumáticas separações e deslocamentos, e isto é

certamente um importante aspecto da experiência migratória. Mas diásporas são também potencialmente lugares de esperanças e recomeços”. (BRAH, 1996, p. 193).

Inserindo no contexto da pesquisa, o termo diáspora é utilizado para descrever o fenômeno de saída de zoroastrianos do continente asiático (principalmente da Índia e do Irã) e africano para a Europa. A diáspora iraniana, como denomina Shirin Hakimzadeh (2016), contabiliza atualmente a marca de um milhão de pessoas e é caracterizada como heterogênea em seus emigrantes. Dentro das estatísticas, a religiosidade se apresenta como um elemento principal para provocar essa heterogeneidade da emigração iraniana. Grupos de minorias religiosas no Irã como os bahaístas, judeus, cristãos e zoroastrianos se dispersam pelo mundo por decorrência da intolerância religiosa. As religiões sul asiáticas também trazem uma perspectiva diaspórica, incluindo os movimentos de zoroastrianos na Índia, como indicado no livro de Harold Coward, John R. Hinnells e Raymond Brady Williams, *The South Asian Religious Diaspora in Britain, Canada and United States*.

Trabalhar com processos migracionais implica primeiramente em entender o próprio conceito de migração em sua construção gramatical. Sabemos que quando acompanhado com a letra “I” antes da palavra (imigrante, imigração), o termo refere-se à entrada de pessoas em determinada região. Quando acompanha a letra “E” (emigrante, emigração) alude à saída de pessoas. Diante disso, quando utilizado o termo migrante ou migração, faço referência às duas perspectivas, pensando no imigrante como um emigrante primeiramente.

O próprio conceito de migração pode variar de acordo com os objetos de estudo. Existem inúmeras abordagens e vertentes dentro da área de estudo da Demografia que apontam diferentes métodos para trabalhar com a problemática da movimentação de indivíduos. São diferentes perspectivas que ganharam relevância em determinados períodos da história, e que foram sendo ultrapassados por outros modelos (CASTIGLIONI, 2009).

Me aproximo da definição de Hélio Moura (1980, p. 11, apud CASTIGLIONI, 2009, p. 40) que propõe a migração como um fenômeno de reflexo, que “representa uma resposta da população ao processo de mudanças socioeconômicas que opera em um contexto específico durante um determinado tempo”. Isso significa que a migração é um fenômeno complexo e heterogêneo, devendo-se sempre compreender o contexto histórico, além de ser pontuado como causa e consequência da transformação da sociedade.

A migração é um processo seletivo, explica Castiglioni (2009). Os indivíduos que atendem a migração, geralmente possuem traços comuns que se diferenciam daqueles que não atendem. Basicamente, alguns indivíduos tendem a migrar mais que outros (GOLGHER, 2004). É a partir dessa lógica que a seletividade da migração funciona para traçar o perfil do migrante e estudar suas características, como idade, gênero, estado civil, instrução técnica, escolarização e etc. A ideia de seletividade a partir do estudo do perfil do migrante é o primeiro conceito, dentre três, proposto por Castiglioni como um método para trabalhar com processos migratórios.

Ambos autores, Castiglioni (2009) e Golgher (2004), coincidem em seus perfis de indivíduos mais propensos a migrar: jovens, solteiros ou com família pequena, indivíduos com poucos filhos, altamente escolarizados e com média renda. Todas essas características formam um perfil geral de sujeitos que podem atender a migração, contudo, ressaltando que as situações difíceis no local de origem podem ocasionar a migração de qualquer categoria de indivíduo, sendo necessário o estudo da seletividade específica de determinado local e momento.

De acordo com Everett S. Lee, (1966, apud CASTIGLIONI, 2009, p. 50) as condições de origem determinam a seletividade do migrante. A seleção positiva acontece quando os migrantes possuem um alto nível de escolarização e vão em busca de melhores padrões de vida. A seleção negativa acontece quando se há fatores expulsivos no local de origem que desestimulam a população a permanecer no local. Acredito que no caso das migrações estudadas pela presente pesquisa, os dois quadros de seleção aconteçam. No Irã, a partir do final da década de 70, com a implantação da República Islâmica⁴ em 1979, houve a migração política contra o governo do Aiatolá Khomeini, a saída de jovens que fugiam do serviço militar obrigatório (Guerra Irã-Iraque) e a saída de mulheres contra as restrições de gênero impostas pelas leis islâmicas (uso do hijab e limitações educacionais) (HAKIMZADEH, 2016). No tocante às seletividades positivas, só na Índia, estima-se que saíram em 2013, trinta e oito milhões de estudantes em direção ao Reino Unido em busca de oportunidades de trabalho e de melhores condições de vida. Do Irã, estimam-se que saíram três mil estudantes no mesmo período buscando as mesmas oportunidades (Indicadores comuns dos perfis de Migração – DESA, UNICEF, 2014).

⁴ Em 1979 no Irã, o então governo monárquico regido pelo xá Mohammad Reza Pahlevi, após movimentações sociais, é tirado do governo e se implanta a chamada República Islâmica do Irã, sob o comando do aiatolá Ruhollah Khomeini.

Esse fenômeno é o que chamamos de *brain drain* (fuga de capital humano, fuga de cérebros), que caracteriza a grande saída de pessoas com aptidões técnicas e boa escolarização de determinado país ou região, trazendo grandes problemas de falta de mão de obra nesses países emigrantes. O fenômeno geralmente acontece em regiões em desenvolvimento como em partes do Caribe, África e Ásia. Todas essas suposições e fatores que impulsionam o migrante e os fluxos migracionais citados acima, fazem parte do segundo conceito importante para se trabalhar com migração: Determinantes. As condições do país ou região de origem e destino que impulsionam o migrante a migrar, são estudados pelos determinantes migracionais. Desde uma maior oferta de emprego, até uma maior liberdade social em relação a perseguições. O migrante e os grupos migracionais analisam as situações das possíveis opções e optam por migrar ou não. Até mesmo a intenção de reencontrar familiares e amigos e a existência de redes de assistência nos locais de destino se tornam um determinante (CASTIGLIONI, 2009).

O terceiro e último conceito, é chamada Consequência migracional. O conceito trabalha com os impactos, pessoais e regionais, produzidos pela migração tanto na origem quanto no destino. No que se refere ao eixo demográfico do local de destino, as consequências são geralmente positivas, trazendo com o aumento populacional de jovens instruídos, o rejuvenescimento da população. Todavia, nas regiões atrativas, a imigração massiva pode provocar problemas de desequilíbrio demográfico e de infraestrutura urbana. Aos locais de origem, as grandes emigrações são desfavoráveis pois podem causar o envelhecimento da população, reduzindo a capacidade local de gerar progresso e perdendo o dinamismo social e econômico (CASTIGLIONI, 2009).

Golgher (2004) aponta que dentre as consequências pessoais da migração estão melhores condições de vida, novas oportunidades, processos de adaptação, tais como modificação de costumes e de valores, e rompimento de relações. Tocante às situações de regiões de destino e origem, as consequências regionais podem ocasionar basicamente o aumento ou diminuição demográfico, proporcionando inúmeros outros efeitos, como o *brain drain* citado.

Com o conjunto de discussões apresentado, daremos sequência ao debate com os conceitos metodológicos da pesquisa. Os diálogos feitos até o momento servirão como auxiliares para uma melhor compreensão da proposta da dissertação relacionada com os métodos.

2.1.2 Como fazer? A História Oral e os conceitos de identidade e reconhecimento

Como parte fundamental da pesquisa, em maio de 2019 foi realizado o trabalho de campo na cidade de Londres. Em uma das atividades programadas uma entrevista foi realizada com o presidente e o sacerdote de uma instituição zoroastriana, a ZTFE⁵. O método da História Oral foi previamente escolhido para fomentar as bases teóricas que constituíram a entrevistas presentes no trabalho de campo.

Dessa forma, foi escolhido trabalhar com o método da História Oral para maior detalhamento do objeto de pesquisa e também por se tratar de um método moderno que permite analisar as convergências e diversidades de relatos e experiências sociais de pessoas ou grupos, sobre uma mesma questão. Torna-se ainda mais relevante quando se trata em pesquisas que buscam estudar grupos minoritários, que se encontram em perigo de extinção, ou marginalizados. (QUEIROZ, 1988).

Para o estudo da História Oral e dos mecanismos de uma entrevista, me apoio em Alessandro Portelli, que busca discutir em suas obras as problemáticas entre o entrevistado e o entrevistador. De acordo com Portelli (1997) a entrevista não pode ser encarada como uma simples conversa onde o pesquisador questiona e o depoente entrega todas as respostas passivamente. A entrevista é um espaço para trocas entre dois sujeitos. É uma troca de impressões, de olhares, e de informações. Pensar somente em um observador e um observado é uma ilusão. “Durante todo tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender o que é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções” (PORTELLI, 2010, p. 20).

Por conseguinte, ao narrador é colocado um papel tão ativo quanto o do entrevistador. Ele julga o pesquisador a fim de elaborar uma interpretação deste e assim organizar sua narrativa sobre o que dizer e o que esconder. A entrevista então se torna um exercício de reconhecimento do Outro, trazendo a identidade num plano social e interpessoal, e “ajudando a reconhecer a nós próprios no que nos faz semelhantes embora diferentes dos outros” (PORTELLI, 1997, p. 23).

⁵ Mais informações sobre o desenvolvimento do trabalho de campo estão no terceiro capítulo da pesquisa.

A diferença entre entrevistado e entrevistador é inevitável e também discutida por Portelli. “Sempre existe uma barreira” (PORTELLI, 2010), como diz o autor a respeito dos empecilhos em relação ao narrador e pesquisador como sujeitos que carregam diferenças. Essas diferenças podem e afetam o discurso do entrevistado, trazendo barreiras que impedem o pesquisador de se aproximar da narrativa. Exemplos como um entrevistado negro narrando casos de racismo para um pesquisador branco, ou então um professor universitário narrando sua trajetória acadêmica para um aluno de graduação, são possíveis de serem pensados. A igualdade, portanto, não pode ser almejada, pois a própria “hierarquia desigual de poder na sociedade cria barreiras entre pesquisador e o conhecimento que buscam” (PORTELLI, 1997, p. 10).

Contudo, Portelli traz uma interpretação otimista das diferenças entre entrevistado e entrevistador. Ele aponta que as diferenças são tão necessárias quanto a consonância, e que de certo modo podem trazer peculiaridades para entrevista. “Muito da dramaticidade e da eloquência da entrevista derivam da consciência da separação e da diferença que existe em nós” (PORTELLI, 2010, p. 35).

Pensando no caso da atual pesquisa, acredito que muitas barreiras se erguem entre a relação entrevistados e pesquisador. Encontramos mais diferenças entre o eu como pesquisadora, uma acadêmica brasileira que não possui ligação religiosa nem familiar com o Oriente, e os entrevistados, pessoas de diferentes classes sociais que se ligam através da religião zoroastriana e que possuem uma associação direta ou indireta com o Oriente, mas que assumem a posição de migrantes dentro de um país Ocidental. Mais diferenças do que semelhanças. O que torna interessante pensar na narrativa estratégica dos entrevistados. Será articulado um discurso singular organizado a partir das percepções que os zoroastrianos terão da pesquisadora como sujeito. “Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo” (PORTELLI, 2010, p. 19).

Nesse sentido, foi encontrado um outro conceito importante para a pesquisa: Memória. As observações de Michael Pollak acerca da memória se encaixam plenamente com os estudos citados.

Na entrevista, o depoente, segundo Pollak (1989), seleciona suas respostas a partir de uma demanda externa, trazendo um sentido político e moral da memória. Qual história o depoente quer narrar? Não há esquecimento, exclusão ou

mentira que não possam ser analisados. Não importa a veracidade da narrativa, mas sim o porquê. Tudo pode ser interpretado, de acordo com Pollak (1989).

Por conseguinte, a memória assume a característica de seletividade. A memória pode sofrer mudanças, adaptações em função do momento em que ela é articulada. As preocupações do momento indicam a estrutura da memória, que consciente ou inconscientemente, é construída (gravada, recalcada, lembrada...).

A coletividade e a individualidade também são estabelecidas na memória. Pollak (1992) ressalta que primeiramente a memória era pensada como algo relativamente íntimo dos sujeitos. Contudo, Halbwachs (2006) já nas décadas de 20 e 30, propunha compreendermos a memória “como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 02).

Para Pollak (1992) a memória individual se constrói a partir dos acontecimentos vividos pessoalmente, que se difere da memória coletiva por se tratar de acontecimentos vividos por tabela, ou seja, vividos pelos grupos ou coletividades que o sujeito que se identifica. A vezes não se situam nem no mesmo espaço tempo do sujeito, caracterizando um fenômeno de projeção de identificação.

Outro fenômeno discutido por Pollak é a ideia de enquadramento da memória, que se refere ao que deve ser mostrado e lembrado e ao que deve ser escondido e esquecido, através do discurso do narrador. É uma estratégia também utilizada por historiadores, Pollak enfatiza, que escolhem qual narrativa, quais pontos e qual perspectiva, devem ser enquadrados e guardados na História. Nesse sentido, ligado à seletividade citada, a “memória não é uma lembrança do passado, mas sim um processo de lembrar e esquecer, o poder de selecionar acontecimentos a partir daquilo que parece relevante, para um grupo ou para si mesmo” (BENTO, 2009 p. 21).

Se o silêncio é tão articulado quando o lembrar, o não dito pelo narrador também é alvo de debate para Pollak. Partindo do pressuposto que a memória é um campo de disputa, os silêncios podem ser interpretados como ações políticas e morais. O não dito geralmente é o que não pode ser público naquele momento, são lembranças proibidas, indizíveis, envergonhadas e guardadas em estruturas informais que “passam despercebidas pela sociedade englobante” (POLLAK, 1989, p. 06).

A fronteira entre o dizível e o indizível é o que separa a memória subterrânea da memória majoritária do Estado, geralmente impostas pelos valores da sociedade que determinam o que deve ficar submerso e o que pode emergir.

Nietzsche foi um dos primeiros a relacionar o exercício de lembrar com a moral, principalmente na lembrança da nossa cultura histórica. Lembrar-se dos deveres e não das alegrias, assumindo uma função normativo-impositiva (DIEHL, 2002).

Astor Diehl traz uma importante interpretação da formação da memória e identidade dos indivíduos. Ele relaciona tempo, espaço e movimento como atores da função de sistematizar as possibilidades de fragmentos do passado (lembranças), em memória. Ou seja, como o tempo, espaço e movimento, organizam as lembranças em memória. Ele identifica a lembrança como vivências fragmentadas, rastros e restos, e memória sendo uma estrutura mais consistente, uma representação produzida pela e através da experiência. Além disso, a possibilidade da memória ter características coletivas, faz com que ela assuma funções tais como de identificações culturais, de integrações, diferenciações e de controle político-ideológico.

Indicamos aqui que a memória e identidade são dois conceitos que andam juntos, sendo a memória um elemento constituinte do sentimento de identidade. Nesse sentido, Diehl aponta

O ato de rememorar produz sentido e significado através da ressubjetificação do sujeito e a repoetização do passado, produzindo uma nova estética do passado. [...] Isso explica que a identidade, os processos de identificação e identitários conseguem apenas ressubjetivar e repoetizar elementos e sentidos culturais para grupos sociais e jamais para sociedade como tal. Caso contrário, identidade passa a ser ideologia, facilmente vinculada à concepção de cultura nacional (DIEHL, 2002, p. 114-115).

Dialogando com Pollak, a memória é um elemento fundamental para a construção do sentido de identificar-se. Parte do processo de identificação se usa das referências do Outro e dos Outros, como apresentado por Pollak, partindo dos critérios de aceitabilidade e credibilidade. Ora então, a memória e identidade não são essências de um indivíduo pois são negociadas (dialogadas e barganhadas, visando os interesses dos sujeitos) diretamente a partir das relações de alteridade.

O processo de identificação do migrante, assim como de todo sujeito não é sólido nem perpétuo. Em diálogo com Bauman (2005), esse mecanismo está em constante trânsito e tem o poder de transformação contínua. Dentre as várias discussões sobre identidade, quando falamos de pertencimento, conceito importante para se trabalhar com temáticas migratórias, pressupõe-se um diálogo com as noções de nacionalidade e de Estado moderno. De acordo com Bauman (2005), a ideia de pertencimento a uma nação é uma convenção construída profundamente pela humanidade.

A busca pela identificação vem do desejo de segurança, apresenta Bauman (2005). Essa afirmação pode ser ainda mais contemplada no contexto dos imigrantes, que ao chegar em outra região passam por um processo de questionamento e busca por um pertencimento. As mudanças no mundo líquido⁶, conceito sugerido por Bauman (2005), atrelados a globalização trazem esses deslocamentos e transformações na identidade dos sujeitos. Se pensado em imigrantes que se deslocam para regiões longe de suas origens, como imigrantes internacionais, por exemplo, essa busca pela identificação parece ser ainda mais significativa. Em muitos casos, os diferentes padrões culturais estimulam conflitos entre identidades, que podem ser facilmente encontrados nos discursos de imigrantes. John Hinnells (1996) apresenta curiosos exemplos de discursos de imigrantes zoroastrianos paquistaneses que atualmente vivem na Inglaterra.

“Eu não sou totalmente britânico no agir e no pensar. Mas quando eu vou para o Paquistão eu não entendo o modo de vida deles e então eu me sinto preso em um limbo. Eu me pergunto: onde eu pertenço? ”. “Minha mente me diz que deveria me comportar como um zoroastriano, mas meu corpo grita Ocidente! Eu me sinto um zoroastriano mas eu tenho atitudes ocidentais” (HINNELLS, 1996, p. 239, tradução da autora).

A partir de fragmentos como estes, inúmeras questões poderiam ser desenvolvidas para pesquisas. Contudo, o importante é reconhecer nos discursos o conflito presente entre os padrões Oriente *versus* Ocidente que acarretam o confronto de identidade do imigrante. Nestes casos de conflitos, o desejo de seguridade que a afirmação de uma identidade traz, como sugerido por Bauman (2005), é certamente presente. Em relação a afirmação de uma identidade referente aos padrões do local de origem, correntes e comunidades de imigrantes são fatores excepcionais para exaltação dos costumes. Práticas religiosas, modos de vestimentas e de comportamento, músicas, culinária e idioma são importantes elementos que auxiliam na construção ou preservação de uma possível identificação do imigrante.

Esses elementos podem ser vistos como símbolos a partir da perspectiva de Kathryn Woodward (2000), que apresenta importantes discussões sobre identidade, convergentes com as ideias propostas na pesquisa. Woodward (2000) estabelece uma relação interessante entre identidade e diferença, no qual o primeiro conceito se organiza a partir de algo de fora, que fornece condições para que ela

⁶ A leitura desse conceito na presente pesquisa é tida a partir da definição do mundo líquido como aquele que sucede o mundo sólido do século XX, acompanhado pela pós modernidade que traz a fluidez do líquido, ignora divisões e barreiras, ocupa espaços diluindo certezas, crenças e práticas (LINS, 2016)

exista. A inserção do Outro e da identidade do Outro é fundamental para que se organize as diferenças e se proponha uma identidade. Os sistemas simbólicos, também ressaltados no parágrafo acima, são vistos como marcações para que as identidades adquiram sentido.

Um outro fator enfatizado por Woodward (2000) é o uso do passado que auxilia para estabelecer a identidade presente. Interessante como o assunto aqui se relaciona com a ideia de memória para Pollak (1992), no sentido em que, para construir a memória, os sujeitos podem se apropriar do passado, sendo essa apropriação muito mais significativa para compreender o presente do que o passado. Nas palavras de Woodward sobre identidade “Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação, e uma possível crise” (WOODWARD, 2000, p. 12).

Isto posto, o Outro parece ter um papel fundamental nas discussões sobre identidade e migração. Quando trabalhamos com esses dois temas juntos, um novo papel surge dentro das discussões: o estrangeiro. Caterina Koltai (2009) sugere que a convivência com o estrangeiro, com aquele que não é familiar, demonstra um problema social, e acarreta na efervescência dos estudos de identidade no período contemporâneo.

A recusa do Outro é algo muito mais universal do que gostaríamos de admitir e todas as sociedades, assim como todos os humanos, precisam enfrentar a questão de como lidar com outros humanos, outras sociedades, ainda que a solução encontrada para tanto ao longo da história nem sempre tenha sido a mesma (KOLTAI, 2009, p. 139).

A globalização do mundo moderno não criou o estrangeiro, pelo contrário, o estrangeiro existe desde períodos antigos da história, como forma de adjetivo e substantivo, principalmente com o Império Romano. O que o mundo moderno cria é o estrangeiro sociopolítico, um sujeito atrelado às noções de Estados nacionais e fronteiras. Desde então, as noções de nacionalidade estabelecem o estrangeiro e o não estrangeiro (KOLTAI, 2009).

Outro fator que a modernidade cria, são os fluxos migratórios “planetários”, como afirmado por Koltai (2009). Principalmente a partir das guerras do mundo moderno, a entrada e saída de pessoas buscando novas oportunidades ou fugindo de perseguições e devastações são mais comuns do que nunca. Abandonar o local de origem não é fácil. Contudo, por mais diversos que sejam os desafios no local de

destino do estrangeiro, novas experiências e novas realizações podem ser almejadas. Dessa forma, o estrangeiro deixa de ser o Outro que vive a quilômetros de distância, em outro continente, e se torna o vizinho.

Essa parece ser a problemática desenvolvida por Caterina Koltai (2009). Como conviver com o estrangeiro? Aquele que antes ocupava as cenas da TV e os livros, agora divide espaço cotidiano com a população de outra nacionalidade. O incomodo se demonstra presente dada as situações de conflitos sociais. Sabe-se que aos estrangeiros são atribuídos muitas vezes sentimentos de hostilidade, transformando-os em “maus-objetos” no imaginário comum.

Koltai (2009) busca uma explicação através da psicanálise de Freud (1929) exemplificando pelo mandamento cristão “ama a teu próximo como a ti mesmo”. Se o próximo é meu semelhante, isso me permite me reconhecer e me identificar nele, o que possibilita que eu o ame como a mim mesmo. “Mas o próprio traço identificatório que faço meu acarreta uma divisão entre semelhantes, na medida em que exclui os não semelhantes”. Ou seja, se eu não me assemelho ao próximo, não me possibilita amá-lo, associando o estrangeiro à hostilidade.

Não há amor entre os irmãos sem rejeição ao estrangeiro, e é esse o limite do amor ao próximo como a si mesmo. É segregativo porque fundado na identificação. [...] Quando o estrangeiro ainda estava a distância, podia ser visto como um ser exótico e exercer ora certo fascínio, ora um medo razoável. Mas, a partir do momento em que se tornou próximo, demasiadamente próximo, como nos dias atuais, em função da globalização e das novas migrações, ele causa mais do que medo, ele causa pavor. E é assim que aquilo que ainda era tolerável quando o estrangeiro estava longe, torna-se insuportável a partir do momento em que se aproxima demais. Nessa hora parece que todos demônios acordam (KOLTAI, 2009, p. 145-146).

Acredito que parte dessa relação com o Outro, exposto por Koltai (2009), inserida no contexto da pesquisa entre o ocidental e o oriental, implica-se em questões da criação do imaginário do Oriente e de todas estruturas a sua volta. Associamos então com o trabalho de Edward Said (1990) onde é discutido o conceito de orientalismo. Entre outros sentidos, o orientalismo é como um sistema de significados e noções sobre o Oriente criado pelo Ocidente, especialmente pela Europa. Esse sistema está associado a relações de poder entre ditas “potências” europeias imperialistas e o Oriente. Ao orientalismo incluímos também uma área de estudo acadêmico, onde os conhecimentos e escritos feitos inicialmente pelos europeus categorizam o Oriente de modo a poder controlá-lo.

Parte desta hostilidade apresentada por Koltai (2009) atrelada ao preconceito, pode ser explicada também, e de modo mais específico visando o contexto da pesquisa, pela relação de poder que envolve o orientalismo de Said (1990). As relações imperialistas e as noções criadas do Oriente pelo Ocidente, firmadas pelos interesses europeus de domínio e superioridade, trazem um imaginário que acarreta em perspectivas preconceituosas e xenofóbicas e muitas vezes até generalizadas. Além disso, o Oriente pode ser visto com um fascínio, de modo exótico e misterioso, que formam características das representações pelos ocidentais.

No último adendo para finalizar a primeira discussão da pesquisa, um outro conceito é utilizado para auxiliar nas análises das fontes da dissertação. Trabalhado geralmente nas áreas de filosofia e sociologia, o conceito de reconhecimento é acolhido a fim de dialogar com o conceito de identidade, para juntos construir uma compreensão mais completa das problemáticas que serão levantadas ao decorrer do trabalho.

No que tange as relações entre sujeito e identidade no campo da filosofia da Era Moderna, Hegel no início do século XIX inaugura reflexões acerca do conceito de reconhecimento. Até então, a sociedade do período Moderno era de certa forma estruturada sob noções de honra. Para que esta arquitetura funcionasse, a poucos eram atribuídos a honra, e a grande maioria não. “A honra é intrinsecamente uma questão de preferências” (MONTESQUIEU, 1748, apud TAYLOR, 2000, p 242). O desaparecimento da noção de honra e o surgimento da noção de dignidade foram as mudanças sociais principais que, de acordo com Charles Taylor, imbricaram no advento dos pensamentos sobre reconhecimento (ANDRADE, 2013).

Dessa forma, a dignidade com uma noção comum a todas as pessoas (ao contrário da honra) foi desenvolvida através de uma democracia, trazendo um reconhecimento igualitário. Charles Taylor (2000), um dos filósofos famosos pelo desenvolvimento de questões sobre reconhecimento, apresenta que no contexto entre os séculos XX e XXI, a democracia e o reconhecimento igualitário vão exigir um estatuto igual para as diversas culturas e gêneros.

Patrícia Mattos (2004) apresenta um debate sobre as principais referências do estudo do reconhecimento, passando pela construção da subjetividade, identidade individual e da construção coletiva. A autora define o reconhecimento dos sujeitos como um conflito social gerado a partir da percepção em relação ao Outro no contexto

de interação social. Dessa forma, as relações entre sujeitos são essenciais para constituir-se humano.

Um dos adendos de Charles Taylor é a preocupação em pensar em que medida o reconhecimento faz parte da construção da identidade. De acordo com Taylor (2000), cada pessoa possui interiores que demarcam suas singularidades e originalidades, possuindo uma forma particular de ser, uma voz interior. Essas singularidades necessitam de reconhecimento social, o que ocasionaria em determinada harmonia social, ou seja, em um convívio e aceitação das diferenças.

O reconhecimento situa-se entrelaçado com os processos de formação e consolidação das identidades, o que possibilita cada sujeito avaliar-se, vislumbrar-se como um ser pertencente (ou não) de determinados grupos e sociedades. De acordo com Mattos (2004) a forma de avaliação do sujeito é um conjunto de conceitos pré-construídos culturalmente que contribuem para formação da identidade.

Dentre as discussões sobre o conceito de identidade que foram apresentadas até agora, Taylor estabelece o conceito como a maneira que cada pessoa se define, possibilitando perceber como as características fundamentais formam o sujeito como ser humano. A identidade, dessa forma, é a compreensão de quem somos, moldada pelo reconhecimento ou pela sua ausência. Seguindo essa linha, o reconhecimento tem sua importância pois, de acordo com Taylor (2000), sem o reconhecimento a identidade pode ser construída de maneira incorreta e conturbada. Caso o reconhecimento seja realizado de forma negativa, isso implicaria nas questões de convívio dos sujeitos em sociedade, que podem acabar em condições pejorativas em relação aos grupos sociais. “O impacto na vida dos agentes sociais pode ser catastrófico, impondo-os na condição de subalternos, inferiores, dependentes e desprovidos de dignidade e liberdade, em relação a um determinado grupo social ou, até mesmo, a uma nação” (MATTOS, 2004, p. 64). Reconhecimento é uma necessidade humana vital e quando dada negativas formas do outro, “aprisiona as vítimas num paralisador ódio por si mesmas” (TAYLOR, 2000, p. 244).

É possível perceber que o reconhecimento para Taylor é dinâmico e sugere uma luta intersubjetiva. Assim, a dinâmica do reconhecimento ocorre em duas vias: na esfera da intimidade, onde se constrói a identidade; e a esfera social onde ocorre a política do reconhecimento (ANDRADE, 2013). Contudo, Taylor sugere que no âmbito das identidades, elas são formadas principalmente através de narrativas construídas e compartilhadas, ou seja, discursos e diálogos entre os sujeitos que

retratam suas vivências. A importância das narrativas que carregam sentidos se expressa na forma de que elas corroboram para a formação de um conjunto de significados para os sujeitos através da linguagem. Dessa forma, a linguagem também se demonstra como um importante mecanismo da identidade dos sujeitos pois os coloca em interação dialógica com outros sujeitos.

A linguagem é então considerada por Taylor (2000) como uma característica humana fundamental que explica a proximidade da relação entre identidade e reconhecimento. É importante ressaltar que o termo linguagem é utilizado por Taylor (2000) para designar não somente a fala, mas outros meios de comunicação, como a arte, o gesto, o amor e etc.

Mas aprendemos esses modos de expressão por meio de intercâmbios com outras pessoas. As pessoas não adquirem as linguagens de que precisam para se auto definirem por si mesmas. Em vez disso, somos apresentados a essas linguagens por meio da interação com outras pessoas que têm importância para nós [...] A gênese do espírito humano é, nesse sentido, não monológica, não algo que cada pessoa realiza por si mesma, mas dialógica. [...] Definimos nossa identidade sempre em diálogo com as coisas que nossos outros significados desejam ver em nós – e por vezes em luta contra essas coisas (TAYLOR, 2000, p. 246).

A partir dos apontamentos de Charles Taylor (2000) sobre o conceito de reconhecimento, é possível relacioná-los com as discussões feitas até o momento no contexto do migrante. Principalmente quando falamos da hostilização através de um reconhecimento negativo, pode ser interpretado como um determinante migratório, ou seja, pode ser uma causa que obriga ou influencia na decisão do sujeito emigrante a migrar e deixar seu local de origem. Vemos muitos casos atualmente que podem exemplificar essa questão, como as perseguições religiosas, políticas, étnicas entre outras.

No que se refere ainda ao reconhecimento negativo que hostiliza, encontra-se presente também no local de destino do migrante, agora como um imigrante. Quando presente na nova sociedade, vimos através de outros teóricos, como Koltai (2009) e Bauman (2005) que a interação do imigrante com os sujeitos locais pode ocasionar conflitos, tanto no julgamento que acarreta o preconceito, quanto em conflitos internos de identidade do imigrante. Dessa forma, quando presente na sociedade de destino, através das interações entre os sujeitos da comunidade, pode haver ou não o reconhecimento. Sabe-se que o reconhecimento do imigrante pela sociedade não é fácil. Basta dar uma olhada na situação dos dias atuais para encontrarmos discursos e mais discursos hostis e preconceituosos em relação ao

imigrante. Como exemplo, lembremos dos comentários e comportamentos preconceituosos e xenofóbicos acerca da chegada de migrantes do Oriente Médio na Grécia em 2017 que buscavam abrigo e proteção. Portanto, é possível compreender que o que ocorre é um reconhecimento negativo ou o não-reconhecimento desses sujeitos que chegam, na perspectiva de Taylor (2000).

Ao que tudo indica, uma das conclusões mais importantes que se pode conceber a partir da leitura dos autores presentes nesta pesquisa, é de que os sujeitos necessitam do Outro para se contemplarem. Nas teorias e propostas presentes nas discussões de quaisquer autores, a interação com o Outro é recorrente em todas. Seja para constituir sua memória, negociar sua identidade ou atribuir o reconhecimento, o papel do Outro é intrínseco. E a partir dele advém os conflitos sociais. Movimentos importantes também que geram mudança e ação na sociedade.

Dentro da temática do migrante, essas discussões são ainda mais importantes pois tratam além da movimentação social, uma movimentação geográfica. Além disso, a migração traz a relação com o Outro para um nível incomum, já que o Outro agora tem uma origem diferente da minha, o que causa uma série de problemáticas que serão discutidas na pesquisa.

Todas as noções e discussões apresentada nesse capítulo, serão aplicadas no último período da dissertação onde se encontram a análise e os desdobramentos da pesquisa de campo. Em suma, vimos a ligação entre os conceitos de memória e identidade, que por sua vez passam pelas discussões da moral e chegamos no reconhecimento dos indivíduos. Relacionamos com a oralidade e com a formação de discursos em entrevistas. Percorremos por debates sobre migrantes e as relações sociais com o Outro. Essa exposição foi fundamental para que, antes das entrevistas e durante o processo de preparação, ficasse claro os estudos propostos acima a fim de se aplicar e compreender na prática as teorias apresentadas.

2.2 INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA ZOROASTRIANA NO OCIDENTE

Como bem se sabe o estudo sobre o Zoroastrismo não contém dentro da academia uma base fortificada se comparada aos estudos de outras religiões como o Judaísmo e o Cristianismo entre outras. No Brasil não encontramos nenhuma pesquisa significativa na área. Se procurarmos na plataforma Lattes, por exemplo, o

nome Zoroastrismo na pesquisa em “assuntos” e limitarmos os resultados somente do Brasil, encontraremos pesquisadores principalmente da Teologia que não são especialistas em Zoroastrismo, mas que escreveram algum artigo relacionando práticas judaico-cristãs com algumas ideias zoroastrianas. Nada muito aprofundado e nem dentro da área da História.

No âmbito internacional o estudo do Zoroastrismo tem maior *background* e progresso dentro do campo acadêmico da História. Os grandes nomes da pesquisa da área são de historiadores e de Universidades britânicas, estadunidenses e canadenses. Talvez isso se dê pelo fato dessas três regiões constituírem os locais que receberam o maior número de imigrantes zoroastrianos dentro da migração do período Moderno⁷.

Para trabalhar com o contexto historiográfico do estudo do Zoroastrismo utilizo a pesquisa de Michael Stausberg (2008) publicada na revista acadêmica *Numen* que traz uma introdução às perspectivas dos estudos zoroastrianos.

Nas palavras de Mary Boyce (1979) “O Zoroastrismo já era antigo quando teve os primeiros registros na História”. De acordo com Stausberg (2008) o estudo do Zoroastrismo se inicia no final do século XVII com o início de trabalhos sobre Orientalismo nas Universidades. Em 1700 Thomas Hyde, professor dos estudos árabes, persas e semíticos da Universidade de Oxford, publica o primeiro livro⁸ sobre a religião antiga na Pérsia, que trazia a primeira tradução de um texto zoroastriano para um idioma europeu. Os estudos das antigas escrituras zoroastrianas começaram com uma expedição do acadêmico francês Abraham Hyacinthe Anquetil-Duperron, no qual resultou na publicação do *Avesta*⁹ em 1771. Uma característica desses primeiros estudos é que eles são pautados e baseados na bíblia cristã, algo que é desvinculado ao longo do tempo.

A partir do século XVII os progressos acadêmicos da religião estavam ligados ao estudo das línguas envolvidos aos textos sagrados zoroastrianos. Friedrich Max Müller foi o pioneiro a adaptar o seu programa acadêmico e introduzir o estudo de textos zoroastrianos junto com textos védicos¹⁰ e em sânscrito.

⁷ Contextualização temporal necessária pois encontramos também processos diaspóricos entre os zoroastrianos durante a Antiguidade.

⁸ *Historia religionis veterum Persarum* (1700). Tradução: A história das religiões na Pérsia Antiga.

⁹ Coleção de textos sagrados do Zoroastrismo.

¹⁰ Os Vedas são obras escritas em idioma sânscrito védico compostas por volta dos anos 1500 a 2000 a.e.c. nas regiões que conhecemos atualmente como Índia.

Na Universidade de Leida (Países Baixos) em 1877 Cornelis Petrus Tiele publica como resultado da pesquisa de doutoramento o livro *The Religion of Zarathustra: From its Origin in Bactria to the Fall of the Ancient Persian Empire*, que marca de acordo com Stausberg (2008) o livro líder de uma corrente acadêmica que nasce para tentar vincular a ciência à História das religiões a partir de textos zoroastrianos. William Brede Kristensen e Nathan Söderblom são exemplos de acadêmicos que traçaram caminhos parecidos com o de Tiele. Os conteúdos nesse contexto eram basicamente propostos a partir dos estudos e das disciplinas de línguas e textos sagrados e da história do Irã, sempre dentro da temporalidade da História Antiga.

A revista acadêmica *Numen*, a qual se encontra o artigo de Stausberg (2008) teve em sua primeira e segunda edição em 1954 e 1955 a publicação de dois artigos sobre Zoroastrismo. Geo Widengren publicou em seu primeiro artigo uma análise fenomenológica de problemáticas que envolvem a “religião iraniana pré-islâmica”, como intitulado a pesquisa de Widengren (1954). O segundo artigo em 1955 traz uma abordagem diferente daquelas que alguns historiadores vinham trabalhando no período. Widengren foi um dos primeiros a propor em uma pesquisa a rede de influências que o Zoroastrismo teria exercido nas demais religiões monoteístas do Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).

Em 1969 o historiador John Hinnells publica o último artigo sobre Zoroastrismo na revista *Numen*. A partir da década de 70 nada mais sobre a religião foi publicado pela revista. Não se sabe se nenhum artigo foi aprovado ou se não houve tentativas de publicação.

Na Inglaterra, a Universidade de Londres apresenta uma fundamental contribuição para o desenvolvimento dos estudos sobre Zoroastrismo. A SOAS (Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres) é atualmente considerada a instituição acadêmica com maior nível de pesquisas sobre a religião zoroastriana, além de oferecer aulas de línguas relacionados a religião (Pálavi e Avéstico) e possuir um instituto de pesquisa intitulado *Shapoorji Pallonji Institute of Zoroastrian Studies*¹¹.

Os estudos na SOAS começaram em 1929 com uma disciplina nomeada *The Parsee Community's Lectureship in Iranian Studies*. De acordo com Almut Hintze

¹¹ O instituto foi fundado em 2018 a partir das doações do parsi Shapoor Mistry, que o nomeou em homenagem ao seu avô Mr Pallonji Shapoorji Mistry.

(2010) muitos materiais e documentos foram doados a Universidade por zoroastrianos imigrantes ou que residiam na Índia a fim de apoiar e incentivar o estudo da religião dentro da academia.

A grande referência da historiografia zoroastriana é Mary Boyce, professora da SOAS desde 1947 e especialista em idiomas iranianos que, em 1962, assume a frente da disciplina de estudos zoroastrianos na Universidade. Boyce escreveu livros como *History of Zoroastrianism* (1975), *Textual Sources for the study of Zoroastrianism* (1984), e *Zoroastrians: their religious beliefs and practices* (1979). Foi também através de Boyce e membros da comunidade zoroastriana local que foi possível assegurar o desenvolvimento da disciplina de estudos da religião por meio de doações, principalmente vindas dos irmãos filantropos Faridoon e Mehraban Zartorshty. Em 2000 a SOAS estabelece a disciplina de estudos zoroastrianos nos cursos de graduação e pós-graduação graças às doações dos irmãos Zartorshty. Dessa forma a SOAS orgulhosamente se torna a primeira Faculdade ocidental a se dedicar permanentemente aos estudos do Zoroastrismo (HINTZE, 2010).

Outro notável historiador e ex aluno de Boyce na SOAS é o britânico John R. Hinnells, já citado parágrafos acima. Hinnells teve o privilégio de acompanhar o desenvolvimento de grandes pesquisas de Boyce e a partir de seus ensinamentos, produzir trabalhos atuais de grande reconhecimento na historiografia zoroastriana. A pesquisa mais significativa do autor é o livro intitulado *Zoroastrians in Britain* (1996), inclusive é considerado o livro de principal apoio para o desenvolver da atual dissertação. A respeito da comunidade zoroastriana na Inglaterra, não há mais qualificado material para estudo do que os trabalhos de Hinnells.

Nos Estados Unidos, Hintze (2010) ressalta duas universidades que possuem significativa contribuição para a área. A Universidade de Stanford possui uma disciplina de Estudos Zoroastrianos dentro do departamento de Religiões além de dispor de um grupo de pesquisa no campo. A Claremont Graduate University também estabeleceu recentemente uma disciplina abordando assuntos sobre a religião dos persas, inserida na Faculdade de Religião de Claremont.

No Canadá, a Universidade de Toronto estabeleceu em 2006 uma cátedra aos estudos sobre Zoroastrismo sob o posto do professor Mohamad Tavakoli-Targhi, também chefe do departamento dos Estudos Históricos. Hintze (2010) cita inúmeras outras universidades que tratam juntamente do assunto, como a Universidade da Califórnia, Harvard, Universidade de Columbia, Universidade de Bergen entre outras.

Por fim, Stausberg (2008) aponta que o campo historiográfico zoroastriano é ainda muito frágil, mas que o lado bom dessa fragilidade é que se tem muitas possibilidades de estudos que não foram ainda desbravadas, dando ao pesquisador da área um vasto leque de opções a serem trabalhadas. Desde questões sobre a origem do Zoroastrismo até sobre a religião na contemporaneidade (área colocada pelo autor como menos trabalhada, se comparado com a antiguidade) ainda se encontram abertas a mais estudos. A percepção que o campo traz é de que se precisa de mais pesquisas para tornar o Zoroastrismo um tema recorrente dentro da academia.

Em suma, através do levantamento historiográfico, acredito que podemos problematizar os locais onde mais se produz sobre o tema. Sugere-se aqui então a relação entre pesquisador x localidade, no qual determinados temas acadêmicos podem ser mais recorrentes nas regiões em que os pesquisadores tem contato direto com os objetos de pesquisa ou onde eles possam ocorrer processos de identificação. O que justifica uma falta de pesquisas especializadas em Zoroastrismo no Brasi

3. O QUE É O ZOROASTRISMO?

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA RELIGIÃO ZOROASTRIANA

3.1.1. Sobre as principais crenças e práticas

Por ser uma religião pouco conhecida e pouco estudada no Brasil, um tópico do segundo capítulo foi dedicado a introduzir ideias básicas sobre o funcionamento e as crenças dos zoroastrianos, e noções do desenvolvimento da religião zoroastriana para se compreender de melhor maneira os processos pelos quais seus adeptos passam atualmente.

Todo zoroastriano aprende quando criança o principal ensinamento que deve gerir sua vida: o *Humata Hukhata Huvareshtha* (bons pensamentos, boas palavras e boas ações, em avéstico). Esse pilar doutrinário diz respeito a formas éticas de comportamento que o zoroastriano deve seguir. Sempre tendo bons pensamento, dizendo boas palavras e realizando boas ações, sem prejudicar o próximo. Relacionamos esse dizer com um segundo ponto de extrema significância na religião, sendo a questão da conversão. Hinnells (1996) descreve que muitos adeptos acreditam que a conversão é um processo que evoca violência para os povos.

Se tem uma grande e forte aversão zoroastriana contra a evangelização, porque é associada a perseguição, uma visão compreensiva levando em conta a experiência deles no Irã Islâmico. Parsis frequentemente argumentam que mais pessoas foram torturadas e mortas em nome da religião que em qualquer outra causa (HINNELLS, 1996, p. 20, tradução da autora).

Dialogando com esse sentido, os zoroastrianos acreditam que toda religião carrega uma verdade, e que todos nascem em determinada religião por serem a melhor opção para Deus. É argumentado que a religião está intimamente relacionada com a personalidade, por isso não seria apropriado a conversão (HINNELLS, 1996).

Dessa forma, dizemos que o Zoroastrismo é uma religião étnica e não proselitista. Ou seja, é uma religião que está ligada a etnia de um povo, sendo essa, a etnia persa, e que não aceita a conversão de outras pessoas fora da família zoroastriana. Neste caso, casamentos mistos (formados por uma pessoa zoroastriana e outra de fora da religião) são mal vistos, pois é preciso dois pais zoroastrianos para criar uma criança dentro da religião (HINNELLS, 1996). Essa questão evoca assuntos e problemáticas complexas, como o ponderamento de conversões e o discurso de um

possível fim da religião no mundo moderno, que atravessam séculos e chegam na contemporaneidade mais polêmicos do que nunca, como veremos no capítulo 4.

Ressalto aqui mais uma característica da religião zoroastriana, provavelmente uma das mais conhecidas: o dualismo. Em diversos aspectos da vida e dos ensinamentos religiosos, a visão a partir de dois pontos opostos aparece fortemente. Os adeptos acreditam na existência do bem e do mal, como citado. Os dois ideais estão presentes dentro de cada ser humano, cabendo a cada um escolher o melhor caminho. No pós-morte estão também presentes na crença zoroastriana uma perspectiva de paraíso (como mencionado na introdução, se cria a partir da palavra avéstica *pairidaeza*) para as boas almas e de inferno para as más (BOYCE, 1979).

Representando as forças do bem, os zoroastrianos creem na superioridade de Ahura Masda (em avéstico, Ohrmazd em pálavi), o deus supremo e sábio. Dentro da lógica dualista, este primeiro lado também conta com a criação dos *amesha spenta*, santos imortais na tradução do avéstico. São seres também conhecidos como *yazatas*, criados por Ahura Masda para propagar o bem ao mundo. São eles Vohu Manah, o bom propósito; Asha Vahishta, a melhor justiça; Spenta Armaiti, a devoção sagrada; Khshathra Vairya, o poder e domínio do reino; Haurvatat, a saúde; Ameretat, a vida longa; e Spenta Mainyu, o espírito santo. O lado oposto é composto por Angra Mainyu (em avéstico, Ahriman em pálavi), o espírito do mal e da destruição que é acompanhado pelos *daevas*, seres menores que auxiliam Angra Mainyu na disseminação do mal (BOYCE, 1979).

Um quarto ponto que gostaria de destacar sobre as crenças zoroastrianas é a questão das leis da pureza. Para os adeptos, a luta entre o bem e o mal é constante e cabe aos sujeitos optarem por qual caminho seguir. Assim, nosso corpo é visto sob uma perspectiva sagrada, entretanto, tudo que se desconecta dele se torna fonte de poluição perigosa. Ao cortar as unhas das mãos e dos pés, por exemplo, ou então o cabelo, deve ser descartado da maneira correta, pois simboliza matéria suja e poluída, que não pode mais entrar em contato com os adeptos e com sua casa. Até mesmo o ar que sai da boca e nariz é considerado sujo, por essa razão, durante cerimônias religiosas, sacerdotes usam uma espécie de véu para boca chamado *padan*, para não poluir o fogo¹² (HINNELLS, 1996).

¹² Veremos ainda nesse capítulo que o fogo possui uma conotação sagrada para os zoroastrianos.

Já que mencionamos uma peça de vestuário, durante as cerimônias os sacerdotes utilizam a vestimenta completa zoroastriana. Além do citado *padan*, se faz o uso de uma espécie de camiseta fina e branca sagrada chamada *sudre* (que também deve ser utilizada pelos zoroastrianos por baixo de roupas comuns diariamente), um cordão também branco para amarrar na cintura chamado *kusti*, e um chapéu da mesma cor chamado *topi*. A cor branca é adotada pois simboliza pureza para os adeptos (HINNELLS, 1996).

As cerimônias acontecem nos Templos do Fogo, locais sagrados para os zoroastrianos. Ao contrário do que se pensa, o fogo em si, como um elemento, não é adorado, mas sim o que ele significa: a presença do deus Ahura Masda. No imaginário zoroastriano, o fogo traz a luz que quebra a escuridão, permitindo que as pessoas possam enxergar a verdade e alcançar a sabedoria. O fogo inclusive possui níveis de sacralidade, no qual quanto mais antigo, mais precioso. Em importantes Templos do Fogo no continente asiático, o elemento deve ser alimentado e purificado 5 vezes por dia, assim como todo zoroastriano deve realizar suas orações em 5 momentos diferentes do dia (HINNELLS, 1996).

As mencionadas leis da pureza não se limitam somente a hábitos e práticas do cotidiano do adepto. O pós-morte é um momento delicado, pois quando não há mais vida no corpo, ele se torna um espaço de poluição. Uma das preocupações, é como encontrar a melhor forma de descarte do material sem poluir os elementos da natureza (água, fogo, ar e terra) pois estes são vistos como criação sagrada de Deus.

Durante a antiguidade no continente asiático, a disposição dos corpos em áreas afastadas dos centros populacionais foram a melhor medida encontrada. Dessa forma, o zoroastriano mesmo depois da morte ainda possui uma função para contribuir com a natureza, servir de alimento aos animais negrófagos da região, como aves de rapina. De acordo com os zoroastrianos, Ahura Masda não cria nada sem um propósito, ou seja, esses animais são criações de Deus para que a matéria poluída do corpo humano tenha uma finalidade ideal sem frir os ideais de pureza (HINNELLS, 1996).

No ponto de vista de um zoroastriano, o rito de exposição do corpo é um processo natural porque envolve a ideia de humanos fornecerem alimento aos pássaros depois da morte, assim como animais fornecem alimentos aos humanos durante a vida; é ecologicamente correto porque não necessita de uma demanda crescente por terras, como os enterros necessitam; é rápido e higiênico, diferente dos cemitérios, os quais os zoroastrianos acham tradicionalmente repulsivos (HINNELLS, 1996, p. 16, tradução da autora).

No processo de lidar com a poluição do corpo no pós-morte, observamos o método utilizado no período Antigo. Contudo, se a solução se fez eficaz em determinado momento, como esse processo se aplica em diferentes períodos e locais? A disposição dos corpos não é exatamente bem vista ou aceita em regiões fora das localidades de origem do Zoroastrismo. Quais os desafios que essa população enfrenta principalmente no contexto da presente pesquisa (trabalhando com o ocidente no período contemporâneo)? Vamos questionar e explanar melhor essa situação no capítulo 04 da pesquisa.

3.1.2. Adentrando perspectivas históricas

O Zoroastrismo é considerada a primeira religião monoteísta e profética do mundo. A data de fundação é incerta assim como a data de nascimento do profeta da religião, Zaratustra. Na realidade, as incertezas e imprecisões são dificuldades recorrentes quando se estuda História Antiga. O estudo do Zoroastrismo em especial tem seus obstáculos estruturados diante da falta de fontes escritas, sendo que três quartos das escrituras do período antigo foram destruídas; da falta de fontes imagéticas, pelo fato dos zoroastrianos desde a antiguidade não produzirem nenhum tipo de representação em imagens; e do enquadramento das fontes orais somente no período contemporâneo (HINNELLS, 1996).

Nos últimos vinte anos, pesquisadores como Mary Boyce propõem a vida de Zaratustra entre os séculos XVII e XV a.e.c (datação qual situo a presente pesquisa). Contudo existem consensos anteriores que localizam o nascimento do profeta entre os séculos VII e VI a.e.c (HINNELLS, 1996). O grande ponto chave para afirmar a vida de Zaratustra próximo ao século XV é a existência de escrituras sagradas chamadas de Gathas¹³, que datam deste período e que caracterizam uma produção do profeta da religião zoroastriana. Boyce, uma das afirmadoras dessa hipótese, propõe a ideia de que o autor dos Gathas seria Zaratustra, posicionando sua vivência neste contexto. A autora ainda justifica a hipótese afirmando que o dialeto dos Gathas tem certa semelhança com o dialeto que o livro Rigveda¹⁴ foi escrito (sânscrito védico). Rigveda data aproximadamente de 1700 a.e.c, logo, Boyce posiciona a autoria dos Gathas em períodos próximos (BOYCE, 1979).

¹³ Segue apresentação na página seguinte.

¹⁴ Coleção antiga de hinos indianos, considerado o primeiro e mais importante Veda.

A produção literária da religião se concentra basicamente em uma espécie de livro sagrado chamado Avesta. Se trata de um conjunto de obras de diferentes origens, línguas e autores, possuindo diversas datas de compilação. Podemos fazer dois tipos de divisão desse conjunto de textos: Entre os mais velhos e os mais novos, e entre as 5 obras (nasks) que formam o Avesta. Os intitulados *Older Avesta* (ou Avesta Gáthico) e *Younger Avesta* são classificações baseadas nos períodos de compilação das obras. O primeiro e mais antigo tem seu nome Gáthico pois é nele que se encontra uma das obras mais importantes dentro do Avesta completo: Os Gathas (HINTZE, 2013)

Também chamado de Os 5 Gathas de Zaratustra por conta da formação do texto em 5 métricas, a obra contém 17 hinos escritos em estilo poético por Zaratustra. A palavra “gatha” em avéstico (língua de Zaratustra e a que se encontra os hinos) também existe na língua sânscrita e significa poema, hino. Considerada a obra mais sagrada e importante para os zoroastrianos, são pequenos textos escritos para o deus Ahura Masda, sendo a única obra que sobreviveu de seu contexto, que data séculos antes dos anos 1000 e 400 a.e.c. Entre seu período de composição até a dinastia dos Sassânidas¹⁵, eram memorizados e não escritos. Só passaram para a tradição escrita entre os séculos III e VI e.c, na região do Império Persa, escrito em idioma pálavi (conhecido também como persa médio) (BOYCE, 1979).

O processo de tradução dos Gathas para línguas modernas é apresentado como extremamente difícil, possuindo frases com sentidos ambíguos e palavras desconhecidas e com tradução inexata. Uma das chaves para traduzi-los foi com o auxílio de textos do *Younger Avesta*, que possuíam línguas e dialetos diferentes, mas palavras e sentidos parecidos (BOYCE, 1979).

Sobre o *Older Avesta*, de maneira geral, seus textos não contêm palavras ou termos que fazem referência a regiões ou espaços físicos que podem ser identificados e inseridos em um recorte espacial. Em caminho contrário, o *Younger Avesta* que data entre os anos 1000 e 400 a.e.c, possui a menção de espaços que podem ser identificados geograficamente. Entre eles, locais do Sul centro-asiático como a Bactria, Sogdia, Margiana, o Lago Kansaoya (Lago Hamun no período

¹⁵ Dinastia que governou a Pérsia entre os anos 224 e 651 e.c. É considerada a última dinastia antes da dominação dos árabes na região. Para o Zoroastrismo, foi um período em que algumas obras passaram da oralidade para escrita em idioma pálavi.

moderno) e o Rio Haetumant (os Rios Helmand e Sistan no período moderno) (HINTZE, 2013).

A outra divisão do Avesta, por obras, pode ser destacada em 5, atualmente. Na era do Sassânidas um compilado com vários livros zoroastrianos foi criado, totalizando 21 nasks. A obra, chamamos hoje de *Great Avesta*. Muitas cópias foram feitas durante o século V e VI e.c, porém templos e bibliotecas foram destruídas pelo fogo com a conquista islâmica e por invasões turcas e mongóis. Apenas um quarto das obras sobreviveram, formando o Avesta que conhecemos hoje. Boyce designa a salvação desses livros por estarem em constante uso e memorizados, assim as obras foram reescritas pelos sacerdotes em locais seguros (BOYCE, 1984).

Dividimos o Avesta atual em: Gathas, já vimos o significado; Yashts, textos não tão sagrados como os Gathas contendo hinos para divindades zoroastrianas de menor sacralidade; Vendidad, são prosas escritas no período da Dinastia Parta¹⁶, com o intuito de combater o mal; Visperad, uma liturgia extensa ofertada aos sete dias sagrados zoroastrianos. Seu nome significa “cultos aos mestres”; e por último, o Khorda ou Pequeno Avesta, são uma seleção de textos que formam um livro comum de oração que deve ser utilizado diariamente pelos zoroastrianos. Somente no século XIX foi transformado em livro impresso, antes disso deveria ser decorado pelos mais jovens com o auxílio da família e dos sacerdotes (BOYCE, 1984).

Textos sagrados expostos, seguiremos com o contexto de Zaratustra e o desenrolar das práticas.

O nome da religião advém do nome do profeta dado pelos gregos, Zoroastro, que significa contemplador dos astros. No Oriente, onde o nome Zaratustra é mais comum, a terminação *uhstra* em avéstico significa camelos, remetendo a ideia de “senhor dos camelos” ou “possuidor dos camelos”. No contexto de Zaratustra, possuir camelos era sinal de riqueza ou de pelo menos um bom possuidor de patrimônios. De fato, as pesquisas apontam que a família de Zaratustra não pertencia aos setores mais pobres da sociedade, ainda que também não faziam parte de uma realeza (BOYCE, 1984).

Zaratustra e sua família descendiam do que denominamos atualmente como os povos proto-indo-iranianos. Por volta do terceiro milênio a.e.c houve uma

¹⁶ Dinastia que governou a Pérsia antes dos Sassânidas, entre os anos 247 a.e.c e 224 e.c.

onda de separação, na qual dividiram-se entre indianos e iranianos¹⁷. Durante a Idade do Bronze, os proto-indo-iranianos, viviam do pastoril na região das estepes sul da atual Rússia. Semi-migratórios, pastoravam ovelhas, gados e cabras com ajuda de outros animais como os cachorros. Tinham sua sociedade basicamente dividida em três: os sacerdotes, os guerreiros (caçadores também), e os pastores. Neste período não se tinha o costume da escrita. Embora encontremos textos datados deste momento em língua avéstico e em sânscrito védico, o funcionamento das práticas de religiosidades do período se deu por meio oral. A respeito destas, não se tinham templos, altares nem imagens. Hinos eram proferidos pelos sacerdotes durante os sacrifícios de animais e oferendas de comidas aos deuses. Oferendas diárias eram feitas ao fogo e às fontes de água pura, elementos importantes dentro do sistema proto-indo-iraniano. Além disso, um dos mais importantes ritos era a bebida de *haoma* do avéstico “o que é pressionado”), que se trata do líquido retirado da planta Soma, dedicado aos deuses, bebido pelos sacerdotes e também utilizado para purificar a água. Todos esses rituais são chamados de *yasna*, que significa o próprio de ato de realizar um culto e um ritual e também uma coleção litúrgica, períodos mais tarde (BOYCE, 1979).

Além do fogo e da água pura, o culto a *Geush Urvan* (do avéstico “alma do touro”) incorporava grande valor ao *yasna* pois o sangue do touro era necessário para purificar o fogo. Dessa forma, ao matar o animal para o sacrifício, era ofertado um culto a *Geush Urvan* com o propósito de cuidar das almas dos animais mortos. Outros deuses também eram cultuados pelos proto-indo-iranianos, em sua maioria deuses cósmicos e da natureza, e raramente deuses locais. Entre eles o culto a *Asman* (o céu), *Zam* (a Terra), *Hvar* (o Sol), *Mah* (a Lua) e *Vata* e *Vayu* (o vento simples e o sopro da alma) (BOYCE, 1979).

Ademais a presença dessas entidades de adoração, os proto-indo-iranianos cultuavam três outros deuses maiores e mais importantes dentro da lógica da religiosidade do período. *Mithra* e *Varuna* são considerados *ahuras*, ou seja, recebem a denominação de deuses, os quais desempenham o papel de julgar a veracidade de acordos e afirmações. São muitas vezes atrelados ao conceito de justiça e lembrados nos atestados de venda e compra. Separadamente, *Mithra* é o guardião do pacto e representa o fogo e o Sol, e *Varuna* o guardião do juramento e

¹⁷ Já no século IX a.e.c, as tribos iranianas são divididas entre dois povos, os Medos e os Persas (BOYCE, 1979).

da fala verdadeira, representando as águas. Acima desses dois deuses, encontra-se o maior deles: *Ahura Masda*, o senhor da sabedoria. A ele cabia a função de dar ordens aos outros deuses e entidades. A sua grandeza é atestada pela representação em alguns textos do período em que aparece como o *The Ahura*, ou seja, “O Deus”.

Esses três grandes deuses, por conseguinte, possuem também a função de guardar o mais importante princípio para os proto-indo-iranianos, O *asha* (em avéstico, *Rta* em sânscrito). É o princípio universal que governa a Terra e significa ordem, verdade e justiça. O oposto do *asha* é o princípio da desordem e mentira, conhecido como *drug*.

É nessa conjuntura que Zaratustra viveu e concebeu os princípios da religião zoroastriana. Mary Boyce (1984) propõe a leitura de Zaratustra como um reformador de seu período. Ele aceitou muito da fé presente no seu viver e a transformou em um novo ensinamento. A “antiga fé iraniana”, como denominado por Boyce (1984) carrega muitos elementos que encontramos em relatos védicos e em tradições Bramânicas da Índia. Claramente é possível encontrar alguns desses elementos que sobreviveram do pré-zoroastrismo e foram assimilados ao Zoroastrismo, períodos mais tarde. Grandes exemplos dessa assimilação se apresentam nas práticas dos rituais e nas concepções dos deuses e entidades. Praticamente todos componentes trabalhados parágrafos acima sobre as religiosidades dos proto-indo-iranianos permaneceram dentro da compreensão religiosa zoroastriana.

As tradições zoroastrianas contam o início da criação da religião com o nascimento de Zaratustra. De acordo com Hinnells (1996) os adeptos creem que Zaratustra foi a primeira criança a dar risada ao nascer, e não chorar. Quando mais velho, Zaratustra teria se deparado com a entidade *Vohu Manah* (Bom Pensamento) que estava sendo conduzido pelo deus *Ahura Masda* o qual havia escolhido Zaratustra para ser o mensageiro e revelar a Boa Religião ao mundo. De início poucas pessoas se interessaram pela mensagem do profeta, e a religião só foi oficializada quando o cavalo do rei adoeceu, e Zaratustra o curou pedindo em troca que a Boa Religião se tornasse oficial no reino.

Atestados pela historiografia, o Zoroastrismo teria se tornado uma religião popular entre os reis persas da dinastia Aquemênida durante o século VI a.e.c. Boyce (1984) afirma que é neste período que a religião é tornada oficial do reino e que alguns

textos orais ainda estariam no processo de composição pelos sacerdotes zoroastrianos.

Com a chegada de Alexandre, o Grande ou então, Alexandre, o Amaldiçoado, como é conhecido dentro da literatura persa, muitos sacerdotes zoroastrianos são mortos, trazendo o enfraquecimento da tradição dos textos orais, que a partir desse momento, passam a cultivar um estilo apocalíptico. A necessidade da transferência da oralidade para escrita se fez presente neste período. Durante o Império dos Seleucidas (312-11 a.e.c) o uso da escrita é estabelecido em idioma persa antigo, que anos mais tarde na dinastia dos Sassânidas será progredido para o persa médio (pálavi). É entre os séculos III e VI e.c que o cânon do Avesta, livro mais importante entre os zoroastrianos, é fixado pelo sacerdote Tansar (BOYCE, 1984).

Muito da cultura escrita que foi desenvolvida durante o período Sassânida, é destruído anos mais tarde com a invasão árabe na Pérsia, como abordado. De todos acontecimentos da história zoroastriana narrada até então, o ponto chave para compreender o contexto dos zoroastrianos no mundo contemporâneo é o período da invasão árabe no século VII e.c (HINNELLS, 1996).

Com a repressão e a imposição da cultura árabe aos persas, muitos zoroastrianos se sentiram ameaçados a continuar vivendo na Pérsia e foram obrigados a migrarem para outras regiões com a intenção de manterem vivas as práticas zoroastrianas que agora eram condenadas em sua região de origem. A partir desse momento até os dias atuais, os zoroastrianos se tornariam minorias na sociedade persa/iraniana. Conversões ao islamismo foram forçadas, livros foram queimados, templos destruídos, sacerdotes mortos e práticas proibidas (HINNELLS, 1996).

A denominada diáspora zoroastriana durante os séculos VII e VIII e.c, levou a religião de Zaratustra para locais fora da Pérsia. Gujarate, atualmente um dos estados que compõe a Índia, foi o principal local de concentração de zoroastrianos que saíram da Pérsia. Um dos registros mais importantes desse período é o livro *Qissa-i Sanjan* (A história de Sanjan), um conjunto de poemas escritos no século XVI que narram os acontecimentos desde a queda do Império Sassânida, passando pela perseguição árabe, até a chegada de zoroastrianos na cidade de Sanjan, no estado de Gujarate (HINNELLS, 1996).

Hinnells (1996) descreve que a Índia se tornou o principal destino dos imigrantes pela imagem de tolerância e respeito que os hindus pregavam. A

permissão para permanência dos zoroastrianos foi concedida pelos hindus com a condição de que não poderiam portar armas, teriam que adotar o idioma local e as mulheres deveriam adequar a vestimenta da região. Como bem associado por Hinnells, “eles prometeram ser como açúcar em uma bebida, invisível, mas tornando a bebida mais doce” (HINNELLS, 1996, p. 75). Portanto, essa população que agora habita regiões da Índia é denominada de parsis ou parses.

Em relação à identidade desses imigrantes, Hinnells aponta a auto percepção deles como iranianos que vivem na Índia, e não indianos. A ênfase à origem persa é presente em muitos discursos de parsis como “Nossa comunidade, embora indiana no sentido que nos instalamos na Índia por gerações, não somos realmente indianos” (HINNELLS, 1996, p. 75).

De fato, a partir da acomodação dos parsis em regiões indianas, a comunidade com o tempo passou a se distinguir em determinados pontos da comunidade zoroastriana iraniana. Essas diferenças se dão principalmente entre definições de conceitos, significados empregados a entidades, e aos elementos utilizados em práticas religiosas. Alguns exemplos são: o ritual de iniciação a religião zoroastriana mais importante, no Irã leva o nome de *sedra pushun* e na Índia de *naujote*; durante as práticas religiosas, os parsis utilizam uma vestimenta chamada *sudre* que é amarrada com o *kusti* em grande parte do tempo, já os iranianos não dão tanta importância à vestimenta e aos objetos, tornando mais relevante as palavras do sacerdote. Atualmente, mesmo sendo seguidores da mesma religião, alguns parsis não gostam de ser confundidos como iranianos. O mesmo pode acontecer com os iranianos (HINNELLS, 1996).

É presumido que as mudanças ocorridas no zoroastrismo indiano sejam avaliadas como processos de adaptação da população que se estabilizou em um local em que outras práticas religiosas eram comuns. Dessa forma, essas adaptações são frequentes quando se trata de diásporas ou migrações de grupos étnicos. Processos semelhantes acontecem quando parte de população zoroastriana que vive no continente asiático migra para o continente europeu durante o século XIX. Essa problemática será abordada nos próximos tópicos da pesquisa.

3.2 A RELIGIÃO E OS GOVERNOS PERSAS

Estabelecido no Império Persa durante o século VI a.e.c o Zoroastrismo como religião monoteísta pregava a soberania do deus Ahura Masda. Como observado, o profeta Zaratustra assimilou grande parte do conteúdo religioso pré-zoroastriano à considerada por ele como a Boa Religião. No que se refere a mudanças mais significativas, Zaratustra oficializa e torna a religião como monoteísta transferindo o poder absoluto ao deus Ahura Masda.

A chegada da religião as áreas persas começaram a partir de pequenas comunidades do leste e sudeste do território que conhecemos atualmente como Irã. Com a ascensão dos Aquemênidas ao poder, o contato com a cultura elamita¹⁸ dividiu cenários religiosos com o Zoroastrismo por um período. Contudo, a religião dos zoroastrianos ganha espaço com a popularidade dos sacerdotes. Por mais que parte da população ainda cultuasse o deus elamita Humban (deus do céu), a preferência da corte persa era pelas crenças zoroastrianas (KREYENBROEK, 2013).

Dessa forma, na dinastia Aquemênida os reis possuíam grande inclinação a fé zoroastriana, sendo neste período, o que Kreyenbroek (2013) chama de primeira fase imperial do Zoroastrismo. É possível estabelecer esta linha de raciocínio através de certos documentos históricos, como o Cilindro de Ciro¹⁹ e a cidade de Persépolis. Partes das paredes da cidade de Persépolis e o Cilindro de Ciro estão atualmente expostos no Museu Britânico em Londres, onde, através do trabalho de campo para realização dessa pesquisa, foi possível visitar o Museu e conhecer os artefatos.

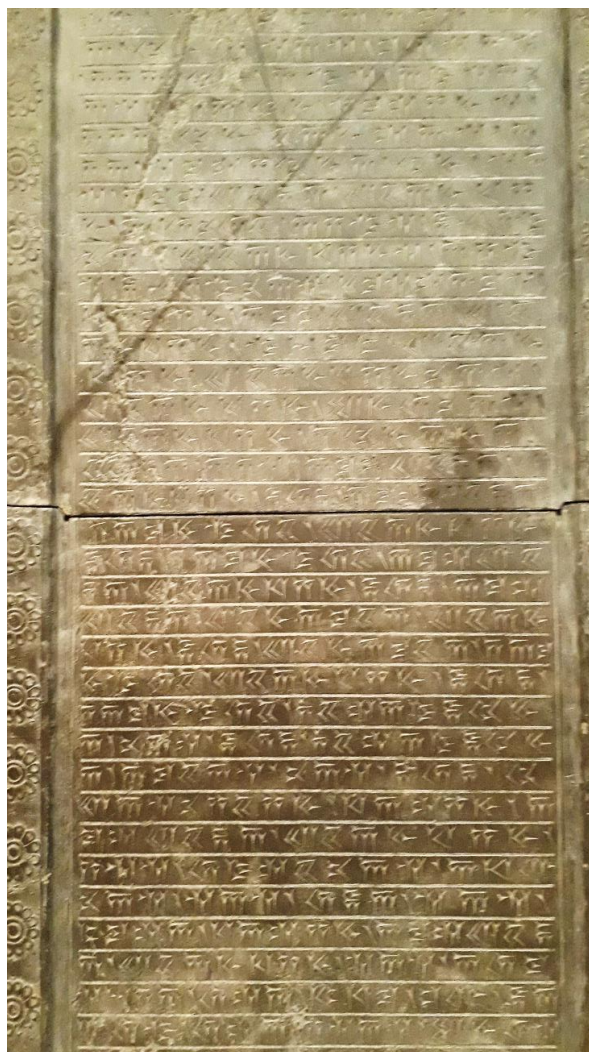
Entre os vários fragmentos extraordinários da cidade de Persépolis que preenchem a Galeria Rahim Irvani (Irã Antigo, sala 052) do Museu Britânico, o que mais chama atenção é a inscrição em cuneiforme da escadaria do Palácio de Dario. Reconstruída pelo rei Artaxerxes III (governou entre 359-338 a.e.c) a inscrição ficava na parede da escadaria que dava ao Palácio de Dario na antiga cidade Persépolis, no atual Irã. Através da tradução da escrita cuneiforme presente no fragmento da parede, é possível ver menções ao Zoroastrismo e a Ahura Masda, e além disso, possibilita compreender a relação entre a religião zoroastriana e os reis persas.

¹⁸ Elam foi uma antiga civilização que habitou o sudoeste do atual Irã e influenciou em diversos aspectos o Império Aquemênida.

¹⁹ Cilindro de Ciro é um artefato, como o próprio nome diz, em forma cilíndrica feito de argila no período da antiguidade, em nome do rei Ciro, o Grande.

Abaixo se encontra uma fotografia do fragmento citado tirado durante o trabalho de campo em Londres. Em um trecho da inscrição, o Museu Britânico oferta a tradução²⁰: *O grande deus é Ahura Masda que criou essa terra, que criou além do céu, que criou o homem, que criou a felicidade para o homem, que criou a mim, Artaxerxes... Esta escadaria de pedra foi construída por mim durante meu tempo. Diz Artaxerxes o rei: Que Ahura Masda e o deus Mithras possam proteger, a esse país, e aquilo que foi construído por mim.*

Imagem 01 – Inscrição da escadaria do Palácio de Dario. Museu Britânico (Galeria Rahim Irvani)



Fonte: Iasmin Castro de Souza (2019)

²⁰ A tradução apresentada pelo Museu Britânico se encontra em língua inglesa. No corpo do texto, a mensagem foi traduzida para o português. Segue a tradução original do persa antigo para o inglês: *A great god is Ahura Mazda who created this Earth, who created yonder sky, who created man, who created happiness for man, who created me, Artaxerxes... This stone staircase was built by me in my time. Saith Artaxerxes the King: Me may Ahura Mazda and the god Mithras protect, and this country, and what was built by me.*

A própria cidade de Persépolis representa um importante indício sobre a presença do Zoroastrismo no período dos Aquemênida. Construída pelo rei Dario I aproximadamente em 518 a.e.c, Persépolis era considerada a capital cerimonial do reino persa. Ou seja, era um local para que se reunisse os mais diversos povos da região a fim de realizar celebrações. O conceito de inclusão da diversidade cultural presente nos regimentos dos reis persas e visível nas paredes de Persépolis, advém dos ensinamentos morais zoroastrianos. É uma fusão dos preceitos religiosos com estratégias políticas.

Os reis persas, da dinastia Aquemênida, são conhecidos pela sua generosidade e respeito pela diversidade, como uma estratégia política. Um dos maiores exemplos que ilustra esta questão, é o momento histórico da invasão persa na Babilônia e a libertação dos hebreus. O cilindro de Ciro, exposto também no Museu Britânico, relata através de uma perspectiva persa, a tomada do poder da Babilônia, a libertação e repatriação dos povos exilados pelos “tiranos” babilônios, e a reconstrução de santuários religiosos desses povos que foram destruídos pelas invasões babilônicas. Esse momento histórico também é encontrado na narrativa bíblica principalmente no livro de Esdras, onde Ciro é considerado como um enviado de Deus para a salvação dos hebreus.

O período da dinastia Aquemênida então, nos parece como importante fator para o desenvolvimento do Zoroastrismo. Sobre isso, Philip G. Kreyenbroek sugere

Ao mesmo tempo, essa narrativa apresenta que os primeiros persas entendiam certos aspectos da mensagem zoroastriana sob a luz da sua própria língua e cultura. As inscrições então, ajudam-nos a compreender a zoroastrianização do Irã ocidental nessa fase inicial. Contudo, a aceitação dos ensinamentos e das práticas zoroastrianas parecem ter sido um processo gradual. Certos elementos foram rapidamente aceitos, entretanto os persas se apegaram as suas crenças tradicionais em outras áreas. Certas observâncias zoroastrianas, aliás, foram aderidas com as observâncias locais, introduzindo efetivamente novas formas de rituais zoroastrianos²¹ (KREYENBROEK, 2013, p. 12, tradução da autora).

Kreyenbroek (2013) nos sugere que a lógica zoroastriana se infiltrou na estrutura política persa, na qual os reis legitimavam sua soberania por serem escolhidos por Ahura Masda e por promoverem cultos a essa entidade, que

²¹ Fragmento traduzido para o português. Texto original em língua inglesa: *At the same time, this narrative shows that the early Persians understood certain aspects of the Zoroastrian message in the light of their own language and culture. The inscriptions, then, help us understand the Zoroastrianization of western Iran in this early phase. But the acceptance of Zoroastrian teaching and practices appears to have been a gradual process. Certain elements were quickly accepted, but the Persians held fast to their observances, moreover, coalesced with local ones, effectively introducing new forms of ritual into Zoroastrianism.*

representava o bem. Dessa forma, os adjetivos que rodeiam o Deus, como o sábio, verdadeiro e correto, também passam a fazer parte da caracterização da soberania dos reis persas. Por outro lado, os inimigos do rei eram intitulados como mentirosos e maldosos, se aliando a um conceito zoroastriano chamado *drug*, que representa o princípio da desordem e mentira.

O fim da dinastia dos Aquemênidas veio com a expansão macedônica liderada por Alexandre, o Grande que dominou os territórios abrangentes do Império Persa. Os gregos acabaram com a unidade religiosa que o Império Persa mantinha com o Zoroastrismo. Dessa forma, muitas comunidades e organizações religiosas de diferentes regiões se desenvolveram de forma independente.

Além disso, um importante impacto que a invasão macedônica trouxe ao Zoroastrismo foi no âmbito dogmático da religião. Como a religião explicaria a derrota dos persas, um povo devoto ao Zoroastrismo, perante a vitória de Alexandre?

De acordo com Kreyenbroek (2013), foi necessário um novo ensinamento dentro da religião que apresentava um ordenamento, o qual após uma era boa e virtuosa, um período de injustiça se alastraria pelo mundo. Depois de um período de mil anos de injustiça, um salvador viria para implantar a bondade e justiça novamente. Depois de três mil anos nesse processo, o mundo seria definitivamente salvo e o lado bom triunfaria para sempre.

O “mal” ainda se estendeu durante a dinastia dos Selêucidas e dos Partas na Pérsia. Respectivamente, um governo era regido por gregos e o outro por persas que eram extremamente alinhados a cultura grega. Das comunidades zoroastrianas que sobreviveram nesse período, após a destruição e repressão dos gregos, a aversão e repulsão à cultura grega era presente na maioria delas.

Mas foi com o Império Sassânida que o Zoroastrismo retorna como uma religião de Estado. De fato, a propaganda política pregada pelos almejantes ao trono persa (Sassânidas) apresentavam propostas de tornar o Zoroastrismo uma religião “viva” como era na primeira dinastia. O intuito das propagandas era de chegar ao poder e restaurar a religião. Nesse período a classe sacerdotal estava, mais do que nunca, atrelada a monarquia persa e assim, os Sassânidas chegam ao poder, levando o Zoroastrismo a sua segunda fase imperial (sendo a primeira com os Aquemênidas).

O desafio da religião zoroastriana agora era conviver com outras duas importantes religiões, ameaça que durante a dinastia Aquemênida não existia. Como vimos, a expansão árabe no território persa conduzirá a chegada do Islamismo na

região a partir do século VII e.c, e antes disso, a partir do século V e.c, a convivência com adeptos a um cristianismo jovem (JOISTEN-PRUSCHKE, 2013).

3.3 A CHEGADA AO OCIDENTE E O DESENVOLVER DE INSTITUIÇÕES EUROPEIAS

O desenvolvimento da conexão entre zoroastrianos na Ásia e a Europa se deu um pouco antes do século XVIII. Sabe-se que a Inglaterra no início do século XVI iniciou o processo de dominação em terras orientais do que chamamos hoje de Índia. A primeira região em que os soldados britânicos chegaram é Gujarate, na época conhecida como Surate. Essa região é o principal local de concentração zoroastriana da Índia, como vimos nos tópicos anteriores (HINNELLS, 2005).

Por sua vez, os zoroastrianos em Gujarate foram responsáveis por grande parte do desenvolvimento da região, criando modelos de escolas, atendimentos relacionados a saúde, construções e comércio. Com a chegada dos britânicos, o contato com os adeptos da religião ocorre certamente (HINNELLS, 2005).

O primeiro zoroastriano a chegar à Inglaterra foi Navroji Rustomji Seth, que em 1724 foi a procura da Corte da Companhia Britânica das Índias Orientais. William Phipps, governador de Mumbai no período, acusou a família de Seth por desonestidade, exploração e endividamento. As acusações foram averiguadas como falsas e a missão de Navroji foi realizada com sucesso, o que o levou a ganhar um alto status social em Mumbai. A partir do marco da chegada de Navroji Seth à Inglaterra, contabiliza-se um crescente número de zoroastrianos na região somente na metade do século XIX. Os motivos que levavam muitos a viajarem era desde visitas até a procura por educação e aperfeiçoamentos para trabalho (HINNELLS, 1996).

Os contatos entre zoroastrianos e britânicos cresciam. A primeira firma mercantil indiana firmada em Londres em 1855 possuía proprietários zoroastrianos. A *Messers Cama and Company* era dirigida por Seth Muncherji Hormuski Cama, Dr Dadabhai Naorgi e Kharshedji Rustomji Cama. Conforme a chegada de zoroastrianos entre os britânicos ia aumentando, se fez a necessidade da criação de um fundo religioso na Europa (HINNELLS, 1996).

A ideia se concretizou quando Seth M. H. Cama escreveu uma carta²² em idioma gujarate propondo a criação de um fundo religioso em benefício dos zoroastrianos na Europa. A carta data do dia 15 de agosto de 1861 e foi enviada a mais zoroastrianos que poderiam se interessar pela proposta. Entre eles, estavam os companheiros de empresa de Seth, Dadabhai e Kharshedji. No dia 22 de setembro do mesmo ano, a primeira reunião foi realizada na casa de Seth, onde mais dois encontros foram realizados para criação da *Europenā Zarhostioñu Dharamñu Khatu*, traduzido para o inglês *Religious Fund of the Zarathustrians of Europe*. O texto principal da carta continha o seguinte:

O nosso povo partiu para alguns países à negócios. Quando lá, cada pessoa poderia conceder de acordo com seus meios, para fins religiosos e de caridade. Isso ajudaria eles a não só realizar as boas ações, mas também em viver em harmonia uns com outros em tempos bons e ruins. Recentemente, pela graça de Deus, nós somos aproximadamente 50 incluindo os estudantes que buscam uma educação em níveis superiores, e esse nosso número provavelmente crescerá ano por ano. Por esta razão, é essencial considerar essa ideia urgentemente²³ (CAMA, 1861, tradução da autora).

Como visto na carta, o Fundo foi criado em uma época em que se calculava aproximadamente 50 zoroastrianos que viviam na Inglaterra. As seis funções da instituição eram: lidar com o funeral zoroastriano; assistência para repatriação na Índia; compra de livros; investimento em pesquisas sobre o Zoroastrismo; manter uma casa para zoroastrianos (*House of Prayer*); e manter um fundo religioso para auxílio financeiro (HINNELLS, 1996).

Um dos primeiros problemas encontrados pelo grupo fundador da RFZE foi com relação a Mumbai. Se na Igreja Católica temos a presença do Vaticano, no Zoroastrismo se tem Mumbai. Por ser um centro muito mais movimentado e desenvolvido que Gujarat, a base zoroastriana na Índia acabou se estabelecendo de maneira muito forte em Mumbai. Dessa forma, os maiores e mais importantes templos zoroastrianos nessa região acabam por estabelecer e vigiar o que se refere à religião e seus adeptos ao redor do mundo. Com a implantação da instituição em Londres, sacerdotes em Mumbai emitem um comunicado informando que adeptos na Inglaterra

²² Cópia da carta original em Anexo C.

²³ Acesso a carta através da revista de comemoração aos 150 anos da ZTFE. Tradução do Gujarate para o Inglês: "Our people go abroad to several contries for business. When there, each person could give according to his means for religious and charitable purposes. This would enable them not only to perform good deeds but also to live in harmony with one another in good and bad times. Currently by the grace of God, we are about 50 including students who come here for higher studies and our number is likely to increase year by year. For this reason, it is essential to consider this matter urgently."

estariam tomando decisões sem consultá-los. Esse tipo de transtorno não aconteceu somente uma vez no desenvolver da comunidade inglesa. Contudo, lábias politizadas puderam acalmar os ânimos dos ambos os lados (HINNELLS, 1996).

Em 1908, Mancherjee Merwanjee Bhownagree assume a presidência da instituição em Londres que, em 1909, muda o nome para *Incorporated Parsee Association of Europe*. Bhownagree obteve um mandato muito político, seguindo sempre as ordens da *Bombay High Court* e oferecendo reuniões e banquetes com pessoas importantes socialmente, projetando a ideia da comunidade parse sendo de alta classe social (HINNELLS, 1996).

Em reação ao mandato de Bhownagree, surge em 1906 a associação *The Parse Social Union*. A ideia inicial do grupo era auxiliar estudantes zoroastrianos, entretanto os objetivos se estenderam em quatro: promover a interação social entre os parses; criar uma ponte entre os parses e os europeus; promover o debate sobre questões sociais, políticas, científicas e literárias; auxiliar de maneira geral todo parse que chega a Inglaterra.

Sobre as polêmicas, a imprensa indiana emite um comunicado dizendo que os jovens acham que a *Parsee Association of Europe* está exageradamente sob o controle de pessoas mais velhas que se ocupam apenas com banquetes e figuras importantes. “A intenção da Union parece ser criar um grupo menos majestoso e mais social” (HINNELLS, 1996, p. 119). Bhownagree responde dizendo que a Union é um grupo muito pequeno e com pequenas pretensões.

A geração mais nova considera que os mais velhos não compreendem as necessidades deles e os mais velhos consideram que os mais jovens são iniciantes presunçosos. Lacunas entre gerações podem ser um problema em qualquer comunidade, mas especialmente entre as menores onde não tem fontes o suficiente para promover diferentes grupos com interesses opostos (HINNELLS, 1996, p. 119, tradução da autora).

Essa falta de fonte citada por Hinnells (1996) se refere à insuficiência de adeptos na região para criar grupos de diferentes interesses. Contudo, esse “problema” é amenizado no século XX, quando ocorre um aumento significativo na imigração de zoroastrianos. Essa onda se dá principalmente pelo movimento de êxodo do leste africano (década de 60) e o êxodo iraniano relacionado à República Islâmica de 1979. Fruto dessa onda migracional, a *Parsee Association of Europe* decide procurar um lugar maior para funcionamento da instituição. Até o período, a instituição

se localizava em uma pequena casa comprada em 1925 na *Russell Road* em Kensington (HINNELLS, 1996).

Um fato de grande importância para a comunidade zoroastriana na Inglaterra foi realizada em 1901 com a criação efetiva da ala zoroastriana no cemitério de Brookwood. Desde 1863 esse acordo era planejado e negociado, mas somente no início do século XX que ocorre de fato na prática. Com uma arquitetura inspirada em Persépolis, tem suas terras aumentadas em 1908 devido ao aumento da população zoroastriana. A criação da ala zoroastriana do cemitério de Brookwood pode ser considerada como o marco mais importante e exaltado entre os adeptos imigrantes.

Um outro ponto importante para os imigrantes é a questão da nomenclatura das instituições. Até 1970 um senso de orgulho étnico e nacional se fazia presente através do nome *Parsee Association of Europe*, que de certa forma excluía os zoroastrianos iranianos. A justificativa era que até a década de 70 não se tinha iranianos na comunidade inglesa. Quando o quadro geral muda com a onda migracional desse período, o presidente da associação Mr Moos sugere uma mudança para o nome *Zoroastrian Association of Europe* dando ênfase ao caráter religioso, que em 1979 se tornaria a *Zoroastrian Trust Funds of Europe* como é intitulada até hoje (HINNELLS, 1996).

Em 1980 se tem a criação de outra instituição, a *World Zoroastrian Organization* (WZO). Com o intuito de realizar um projeto mais internacional, as preocupações da instituição são: propagar o termo zoroastriano, e não parsi ou iraniano; estabelecer um suporte para classe sacerdotal; auxiliar os zoroastrianos que vivem sozinhos ou em pequenos grupos pelo mundo todo e que correm risco de se distanciarem da comunidade; estabelecer uma rede de proteção com apoio da UNESCO e ONU; e estudar questões como os *outsiders*, crianças na religião e casamentos mistos. De maneira geral, a intenção de manter uma representatividade não só na Índia e no Irã, mas em todo lugar que houver um adepto (HINNELLS, 1996).

Hinnells (1996) caracteriza a WZO como uma instituição mais liberal pois se dedica a participação de não-zoroastrianos na comunidade. Ele ainda coloca a ZTFE como mais tradicional, influenciada pelos adeptos do leste africano e da Índia. Um conflito entre as duas aparece em 1993 quando a WZO se coloca a favor dos casamentos mistos e da participação de não-zoroastrianos na comunidade. Esse fato se dá principalmente pelo caráter internacional da WZO que sofre influência das

comunidades australianas, estadunidenses e nova-delienses (de Nova-Delhi na Índia).

Esse tipo de problema configura os conflitos internos da comunidade zoroastriana inglesa, que aparecem repetidas vezes pela história das instituições. A tensão entre nacionalidades diferentes parece ser obstáculo na convivência harmônica entre zoroastrianos. Um dado que agrava a situação é o fato de 62% dos zoroastrianos imigrantes na Inglaterra possuírem um nível muito alto de escolarização, chegando facilmente às pós-graduações. Muitos desejam as linhas de liderança e comando entre as organizações, o que pode ocasionar em pequenos conflitos. Um outro fator que agrava a situação é a ideia de que os zoroastrianos estejam em uma espécie de “extinção”, causando uma preocupação entre os adeptos que passam a atrelar a “culpa” uns aos outros (HINNELLS, 1996).

Com a chegada cada vez maior de imigrantes zoroastrianos na Inglaterra e o fundo fiduciário alcançando novos valores, em setembro de 2000 é comprado um novo local para abrigar a ZTFE²⁴. Localizada na *Alexandra Avenue*, 440, em Harrow, o prédio era um antigo cinema da região que, até os dias atuais, se tornou principal centro de celebrações zoroastrianas da Europa.

Durante o século XXI novos projetos surgiram através da ZTFE. A Sala de Orações e a contratação de um sacerdote para manutenção da Sala é certamente o mais importante entre eles. Ademais, tem-se ainda a criação de clubes para crianças zoroastrianas (*eXtra Young Zoroastrians – XYZ*) e clube para os mais velhos (Z Club). Ambos realizam reuniões frequentes no prédio da instituição.

Certamente, a ZTFE é a mais antiga e mais importante organização zoroastriana da Europa. Seu caráter internacional é pontuado por Hinnells sendo “muito mais que uma associação londrina”. (HINNELLS, 2005, p. 350). Inicialmente, para criação da sede em Londres foi acordado que se outra cidade europeia tiver mais zoroastrianos que Londres, a sede deverá ser mudada para tal. Por conseguinte, a organização tem responsabilidade em cuidar de zoroastrianos menos afortunados por todo continente europeu e também dos funerais. Tem-se inúmeros casos de funerais e transporte de corpos realizados pela ZTFE em diversos países europeus, entre eles

²⁴ Como é possível observar, o livro referência que utilizo como base para o desenvolver da história de imigrantes zoroastrianos na Inglaterra, é a obra de John Hinnells, publicada em 1996. Para continuar o percurso até os dias atuais, a única fonte disponível é a revista publicada pela ZTFE em 2011 para comemorar os 150 anos da instituição.

França e Alemanha. A ZTFE também é utilizada como uma plataforma de comunicação com o Irã. Por meio de encontros conciliadores, durante muito tempo presidentes da instituição se reuniam com Xás da antiga Pérsia e presente Irã.

3.3.1 Zoroastrianos em números

Uma das perguntas mais frequentes de quando tratamos o Zoroastrismo como uma religião em minoria social, é a quantidade de fiéis. Por ser uma comunidade pequena, não-proselitista e com risco de extinção, logo a curiosidade em relação aos números é incitada.

Como visto através da carta de Seth Muncherji Hormuski Cama, na metade do século XIX, havia cerca de 50 zoroastrianos na Inglaterra. Mas e no mundo? Difícil responder.

Em 2008 a revista estadunidense *Time* publica um artigo escrito pela jornalista Deena Guzder falando sobre os últimos zoroastrianos e um previsto fim da religião. Nesta publicação, Guzder traz um número total de zoroastrianos no mundo, sendo este de 190 mil adeptos. Entretanto, a jornalista não expõe as fontes da qual tenha obtido esse número, o que nos causa uma certa incerteza e questionamento na quantidade.

Em 2012 a editora e zoroastriana Roshan Rivetna publica pelo jornal da FEZANA (*Federation of Zoroastrian Associations of North America*) uma pesquisa demográfica referente aos anos de 2004 e 2012 sobre o número de zoroastrianos em determinados países. Em uma soma mundial, em 2004 totalizava o número de 124.953 zoroastrianos. Em 2012, 111.201 zoroastrianos no mundo. Temos um declínio de 13.752 zoroastrianos, ou seja, -11% da população. Outros dados informados são a quantidade de adeptos na Índia (2004: 69 mil; 2012: 61 mil), Irã (2004: 24 mil; 2012: 15 mil), Grã-Bretanha (2004: 5 mil; 2012: 5 mil) e EUA (2004: 10 mil; 2012: 14 mil). Observa-se um declínio nos países de origem (Índia e Irã) e uma estabilidade ou aumento nos países de destino (Grã-Bretanha e EUA). A lógica dos respectivos números se dá pelo processo migracional, no qual sujeitos de países orientais migram para países do Ocidente em busca de melhores oportunidades de trabalho e estudo, ou por segurança social.

São notificadas as dificuldades encontradas em acessar números demográficos (ou sobre qualquer outro assunto) quando nos referimos ao Irã.

Atualmente, alguns dos números apontados pelo governo de Hassan Rohani são encarados com certa dúvida e questionamento sobre uma falta de exatidão e uma camuflagem dos números reais.

Outro obstáculo encontrado pela contagem de zoroastrianos, é o método utilizado pelos censos. Na Inglaterra por exemplo, até 1991, não se tinha a questão étnica levada pelos pesquisadores até a população. Dessa forma, se obtinha uma porcentagem da idade, da escolaridade da população, entre outras, mas não se obtinha um dado relacionado à etnia dos mesmos. Ainda que se obtivesse esse dado, não seria possível mensurar se os sujeitos seriam muçulmanos, cristãos, hindus, sikhs ou zoroastrianos (HINNELLS, 1996).

Durante a entrevista fonte para esta pesquisa, o presidente da ZTFE Malcolm Deboo faz referência ao mais recente Censo Britânico realizado em 2011 e apresenta dados referentes à população zoroastriana britânica. Na fala de Deboo, a Grã-Bretanha possui um total de 4,5 mil zoroastrianos, sendo 2,5 mil vivendo em Londres. Malcolm Deboo ainda afirma que acredita não haver mais de 30 mil zoroastrianos no Irã, e que no Brasil ele não tem conhecimento de nenhum adepto.

Entretanto, por meio do jornal já citado da FEZANA, foi encontrado o relato de um casal de zoroastrianos de Bombaim que viviam em São Paulo, Brasil. Heera Daver escreve para o jornal

Meu marido Erach Pestonji Daver (que faleceu em 2006) e eu vivemos em São Paulo, Brasil, desde 1959. Erach, um engenheiro de mecânica eletrônica veio originalmente para trabalhar com Kaizer-Frazer. Ele então inventou um tipo especial de construção usando garrafas plásticas em paredes de concreto, que é muito resistente e econômico. Mais tarde, nós passamos a criar coelhos em larga escala em uma fazenda a 80km de São Paulo. Agora, eu venho ensinando inglês para brasileiros e português para estrangeiros pelos últimos 45 anos. Nós não conhecemos nenhum outro zoroastriano que viva na América do Sul ou Central (RIVETNA, 2012, tradução da autora).

O tipo de construção citada por Heera Daver foi patenteado pela mesma e o registro pode ser encontrado pela internet. Além do registro, encontra-se disponível através de ferramentas de pesquisa online, um inventário de partilha que data de 2018 no nome de Heera. Por esta razão, nenhum contato com Heera Daver foi realizado. Não será divulgado aqui o nome do requerente do processo de inventário, mas ressalto que Heera em seu relato para FEZANA não mencionou filhos e nenhum tipo de familiares que possivelmente estariam vivendo com ela no Brasil. Dessa forma, a afirmação de Malcolm sobre a existência de nenhum zoroastriano no Brasil pode estar próxima da realidade.

4. DE OLHOS PARA OLHOS: TRAJETOS DO TRABALHO DE CAMPO E ANÁLISES

4.1 PLANEJAMENTO DO TRABALHO DE CAMPO

Iniciaremos o último capítulo da dissertação. Neste, proponho uma exposição geral da organização do trabalho de campo, um panorama da região envolta da instituição visitada e do Cemitério Zoroastriano, uma análise geral dos participantes da pesquisa, e por fim, três tópicos contendo as investigações acerca das fontes, corroborando com as problemáticas levantadas.

A pesquisa de campo se insere na dissertação de forma fundamental a fim de se alcançar as fontes históricas necessárias para proceder com o desenvolvimento da dissertação. O trabalho de campo contou com pesquisas prévias, visitas à ZTFE, entrevistas com o presidente Malcolm Deboo e com o sacerdote responsável pela Sala de Orações da ZTFE, Ervard Yazad T Bhadha; contou também com estudos de reconhecimento da região, participação de uma cerimônia zoroastriana e visita ao cemitério zoroastriano.

No que se refere à pesquisa prévia, foi pensado em uma forma funcional de comunicação com os adeptos londrinos. Sabe-se que não seria possível contatá-los através de visitas a ZTFE pois não é característico da comunidade que se frequente a instituição de forma semanal ou mensal. Diferentemente das tradições cristãs, comuns aqui no Brasil, no Zoroastrismo não há missas ou cultos toda semana que exige do adepto uma frequência. O que existe e faz parte da funcionalidade prática da religião, são as orações que todo zoroastrianos deve fazer, geralmente realizadas em domicílio.

Além disso, outro fator que impossibilitou o encontro prático com os adeptos foi o distanciamento social. Visitar a casa das pessoas e propor falar sobre a religião delas, exigiria um maior tempo de reconhecimento, visto ser uma comunidade fechada. Além disso, seria necessário também mais tempo para aprimorar as relações com a ZTFE, já que essa instituição poderia ser a chave principal na relação entre adeptos e pesquisadora a fim de tornar a visita mais confortável para os adeptos. A ZTFE é uma instituição parceira da Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) da Universidade de Londres. Essa relação entre Universidade e Instituição concede aos alunos da SOAS que desejam estudar o Zoroastrismo e o que envolve a religião,

uma facilidade de interação. Basicamente a ZTFE permite uma fácil aproximação dos pesquisadores da SOAS com a comunidade, justificável principalmente em termos de aproximação geográfica e procedência do trabalho. Já para uma pesquisadora e Universidade estrangeira, a aproximação é mais complexa.

Sendo assim a pesquisa prévia foi configurada para suprir as necessidades que não seriam preenchidas durante a pesquisa de campo. É a partir dela que se busca o contato com os adeptos a fim de obter informações básicas sobre a relação entre os indivíduos e a religião em um país imigrante.

O questionário realizado a partir da ferramenta Formulários da plataforma Google, possui onze perguntas sendo sete discursivas e quatro objetivas. As perguntas iniciais têm um caráter geral e buscam as informações básicas dos adeptos, como idade, cidade que nasceu e cidade em que vive, gênero e se ocorre a identificação como um adepto do Zoroastrismo. A próxima pergunta, “Você acha que ser zoroastriano é parte da sua identidade? Por quê?”, traz a temática da identidade para o questionário com o intuito de perceber como esses adeptos relacionam religião e identidade. As duas próximas perguntas tratam das instituições religiosas na Inglaterra. É perguntado se os adeptos frequentam alguma instituição e com qual frequência, e se eles acham que a presença dessas instituições é importante em um país imigrante. A ideia é que se discuta sobre o papel dessas instituições relacionado ao cotidiano religioso e secular do imigrante. As duas últimas perguntas são sobre ser zoroastriano em um país ocidental, imigrante, e quais as mudanças que o adepto identifica durante os processos de acomodação da religião. O intuito é perceber como os adeptos enxergam esse processo e se identificam diferenças entre ser zoroastriano na Inglaterra ou no continente asiático.

No que se refere ao trabalho de campo, o cronograma foi organizado da seguinte forma: No dia 01 de maio de 2019, chegada à Londres. No dia 02 de maio, análise das redondezas e do bairro onde se localiza a ZTFE. No dia 03 de maio, visita a ZTFE e entrevista com o presidente e sacerdote. No dia 04 de maio, término da análise das redondezas e do bairro da ZTFE. No dia 08 de maio visita ao cemitério zoroastriano. No dia 09 de maio, visita ao Museu Britânico nas salas de “Antigo Irã” a pedido do presidente Malcolm Deboo para apreciar as peças e as exposições que envolvem a religião zoroastriana.

A entrevista com Malcolm Deboo e Ervard Yazad T Bhadha foi gravada via áudio e ocorreu na sala de reuniões do prédio da *Zoroastrian Centre*, onde se localiza

a ZTFE. Foram feitas sete perguntas destinadas a ambos entrevistados que desenvolveram a conversa por cinquenta e cinco minutos e cinquenta e sete segundos. Após a entrevista, Malcolm e Yazad guiaram uma visita pela ZTFE explicando cada detalhe das salas e da decoração do prédio. A visita terminou com a demonstração de uma oração zoroastriana feita por Ervard Bhadha utilizando as vestes comuns da religião e também uma cerimônia de purificação, ascendendo o fogo sagrado.

Após as demonstrações, Malcolm, muito solícito, me presenteou com uma série de materiais produzidos pela ZTFE sobre Zoroastrismo. Entre eles, foi concedido um grande livro chamado *The Everlasting Flame: Zoroastrianism in History and Imagination*, produzido pela SOAS em parceria com a ZTFE e organizado por Sarah Stewart. O livro reúne onze artigos de professores especializados em Zoroastrismo e cultura persa e dez capítulos sobre o desenvolvimento da religião.

4.2 RECONHECIMENTO DO LOCAL

A instituição *Zoroastrian Trust Funds of Europe* é atualmente localizada no distrito de Harrow, na Grande Londres (região que compreende geograficamente Londres e alguns distritos próximos). O acesso a Harrow para quem está em Londres, pode ser feito facilmente por metrô. As mesmas linhas que circulam no centro, chegam também a distritos próximos, com uma tarifa de passagem maior, claro. Não leva mais que uma hora do centro da cidade para a ZTFE.

Durante o trabalho de campo, foi realizado esse trajeto inúmeras vezes, acrescentando também as idas através de ônibus turístico. É a partir desse meio de transporte que foi possível vislumbrar melhor o trajeto do centro de Londres até Harrow. A impressão que passa é de que tudo pertence a mesma coisa. Não há trajetos em rodovias ou estradas entre os dois locais. Todo percurso é preenchido por casas, prédios e comércio.

Ao sair da estação de metrô Rayners Lane e andar pela Avenida Alexandra pela primeira vez, logo o prédio da *Zoroastrian Centre* aparece. É um prédio grande com arquitetura curiosa que condiz com a história do uso do local, que antes de ser sede da ZTFE, era um cinema. O letreiro também é grande e, na vertical e na horizontal, aparece escrito de maneira nítida “ZOROASTRIAN CENTRE”.

Alexandra Avenue é uma avenida com grande fluxo de carros e de pessoas. Ao andar pelo local, é possível observar que os comércios presentes são todos com temática oriental. De certo, se andarmos pelas ruas de Londres, também vamos encontrar um grande comércio de comidas típicas do Oriente Médio e sul da Ásia, e lojas de souvenir com proprietários e atendentes vindos das regiões citadas. Se comparado ao Brasil, ou pelo menos a região Sul do país, onde tenho mais conhecimento e vivência, não é comum encontrarmos comércio ou pessoas características das regiões do Oriente Médio e sul asiático. Andando por Londres e principalmente nos distritos próximos como Harrow e Edgware (geograficamente localizados um ao lado do outro) é frequente o número de imigrantes orientais. Entre eles, o que mais chama atenção são as mulheres que usam os véus, como o hijab, chador, e até mesmo a burca são corriqueiros nas ruas e comércio²⁵.

Próximos a ZTFE, a região apresenta um alto número de comércios do ramo gastronômico. Entre alguns *fast foods* mundialmente conhecidos, como KFC, Subway e PizzaHut, se encontram na sua maioria os de comida oriental. Exemplos são Mehran Restaurant and Lounge, Balti Hut, Zara Green Groceries, Swaadish, Athavan Superstore, Food Corner e Saravanaa Bhava. Alguns oferecem comida árabe, iraquiana, paquistanesa, indiana, iraniana, malaia, chinesa, cingalesa e também comidas que seguem a dieta islâmica (Restaurantes Halal²⁶).

²⁵ Nas próximas páginas seguem imagens que representam melhor as características citadas.

²⁶ Halal é uma palavra em árabe que significa “permitido”. A comida Halal então é o alimento permitido para o consumo dos muçulmanos.

Imagem 02 – Comércio na Rua Edgware.



Fonte: Iasmin Castro de Souza (2019).

Imagem 03 – Comércio na Rua Kingsgate, Londres.



Fonte: Iasmin Castro de Souza (2019).

Imagem 04 – Comércio na Rua Boscobel, Londres



Fonte: Iasmin Castro de Souza (2019).

Sobre a presença dos véus em mulheres, observamos nas imagens 02 e 03 o uso do hijab, que dentre os citados tipos de véus femininos, é o mais recorrente. A peça cobre somente a cabeça, as orelhas e o pescoço, ao contrário do chador que cobre o corpo todo deixando o rosto de fora. As duas peças são facilmente

encontradas em uso no Irã e em outras regiões do Oriente Médio. Já a citada burca, que cobre todo o corpo, inclusive os olhos, é encontrada o uso no Afeganistão e em regiões do Paquistão. É considerada uma vestimenta mais restrita e entre as outras mencionadas, é a mais difícil de deparar o uso na Inglaterra.

Assunto polêmico é a proibição do seu uso na Europa. Alguns países como França, Dinamarca, Áustria, Bulgária e a mais recente na Holanda em 2018, proibiram o uso de vestimentas que escondem o rosto, como a burca e o niqab, uma espécie de pano que cobre a boca e o nariz. Os países alegam que o problema dessa vestimenta é o que ela simboliza: um fundamentalismo extremo, de regimes como o Talibã por exemplo, onde mulheres são obrigadas pelos homens a se vestirem dessa forma, fantasiados por um contexto religioso (KUDASCHEFF, 2016). Recordo a partir deste conflito, das discussões de Edward Said (1990) sobre o orientalismo. Essas noções e presunções argumentadas pelo Ocidente parece trazer uma certa ideia de perigo e medo em relação ao Oriente, onde o islã é muitas vezes construído como a principal ameaça a um liberalismo social europeu.

Entretanto a discussão vai além, e chega até o direito e liberdade das mulheres em decidir o que vestir. O uso do véu “faz parte da minha identidade como minha fé, e também um símbolo de resistência contra todos os estereótipos e preconceitos sobre a mulher islã”, diz Sahar al-Faifi, uma ativista da luta contra a islamofobia (sentimento de repúdio aos muçulmanos), durante uma entrevista ao programa britânico *This Morning* que foi ao ar em 25/04/2017.

Na Inglaterra, não há proibição ao uso de nenhuma vestimenta que cubra o rosto. Entretanto, encontramos com menos frequência mulheres fazendo o uso dos véus mais restritivos (burca e niqab) pelas ruas de Londres e seus distritos próximos. Quais as razões para esse fato? Podemos refletir sobre algumas. Entre as mulheres que usam, mas não se encontram no local, ou as que usavam mas deixaram de usar.

Talvez encontramos com menos frequência mulheres com burcas e niqabs por conta que estas, não migraram ou não viajam a turismo por Londres. E a partir disso podemos desenrolar vários motivos, como oportunidades ou opressão em território de origem, que não nos cabe aqui aprofundarmos. Por outro lado, talvez essas mulheres tenham migrado mas optaram por deixar de usar os respectivos véus. Por serem tão distintos e não fazerem parte do padrão cultural britânico, optar pelo uso do hijab ou pelo desuso de ambos, pode aparecer como uma ferramenta de inclusão e assimilação social.

Trago esta discussão para o tema da pesquisa. No Zoroastrismo em continente asiático, é comum mulheres adeptas fazerem o uso de véus coloridos. Até mesmo dentro dos templos, as mulheres necessitam cobrir as cabeças. Quando fui convidada a participar de uma cerimônia do fogo, antes de entrar na Sala de Orações em Londres, foi pedido que eu utilizasse um véu nos cabelos.

Embora se use os véus dentro dos locais de oração no Ocidente, nas ruas não é comum. O adereço parece ter sido mantido mais pelas muçulmanas do que pelas zoroastrianas. Talvez pelo fato de significarem sentidos diferentes. Ao entrar na Sala de Orações, me foi explicado que o véu serve para que não caia fios de cabelo no chão da sala, remetendo aos ideais de pureza citados no capítulo 03. Logo, utilizar fora dos espaços de oração não parece ser algo tão necessário. Para as muçulmanas, além de significar respeito e submissão ao poder de Deus, também faz parte de uma identificação ao islã, sendo muitas vezes um ato de resistência contra a islamfobia, como citado por Sahar.

No caso zoroastriano, se pensarmos nos desafios que a comunidade passa ao chegar e viver em um local tão diferente, principalmente entre os mais jovens que muitas vezes desejam desenvolver uma vida longa no local e se relacionar com grupos da região, acabam por buscar uma estética visual mais inserida nos padrões de destino. Dessa forma, por conta também do preconceito, é buscado imprimir uma imagem mais pariforme.

Um segundo ponto interessante a se notar da paisagem desses comércios são as fachadas. Em sua maioria, os estabelecimentos expõem o nome de origem oriental escrito com o alfabeto latino e, quando dada a origem, em alfabeto árabe ou hindi. Em alguns casos a escrita em alfabeto árabe se sobressai a escrita latina, como nas imagens 02 e 03. Em outros, a escrita em alfabeto latina ocupa maior espaço na fachada, como na imagem 04.

As fachadas nos mostram a existência de uma população imigrante oriental que não só se estabeleceu na região para morar, mas também para constituir comércio. Visto a grande quantidade de lojas com a temática oriental, nota-se que há um público que atende a proposta. Não é de maneira ocasional ou aleatório que esses conjuntos se organizam proximamente. Mas sim faz parte de um desenvolvimento da região, associado com os processos migracionais que a população oriental (neste caso de regiões do Oriente Médio, e do sul asiático) passaram, desde a saída do ponto

de origem até a concepção de um comércio, como forma de se introduzir e firmar-se no local.

A presença de uma fachada multilinguística diz muito sobre o local e o comércio. A quem os comerciantes estão vendendo? Quem é o público que frequenta as lojas? Se as informações estão em sua maioria em árabe, pensamos que as pessoas que mais frequentam a região tenham o idioma em comum. Ou então a presença de restaurantes e mercados Halal, que fornecem comidas dentro da dieta muçulmana. Se há a presença destes nos locais, é porque se tem uma população muçulmana que consome o produto.

Acredito que o caso dessa região, seja diferente dos comércios do centro de Londres em que alguns proprietários também são de origem oriental. Aqui, o comércio é voltado principalmente para os imigrantes que vieram do Oriente. Por isso notamos a presença do idioma nas fachadas e dos produtos específicos. Nas áreas centrais de Londres, o público é outro, e as fachadas também.

Ainda ressalto uma observação importante. O comércio de comida em sua maioria especifica o país ou região em que a culinária pertence. Dessa forma, não se deixa a rotulação cair em uma generalização (“comida oriental”, por exemplo), porque especificar de onde pertence aquele prato é muito mais importante e significativo para o imigrante do que para um britânico. Podemos observar na Imagem 03 ao lado direito, um restaurante que oferta comida iraquiana e curda. Diferente do Iraque, o Curdistão não é um país reconhecido oficialmente, sendo uma região que ocupa parte dos Estados nacionais do Irã, Iraque, Turquia e Síria. É interessante a importância que se dá para a diferenciação da culinária curda com a iraquiana, mesmo elas ocupando espaços próximos geograficamente.

O fato da região possuir em sua maioria o comércio de comida, também é significativo. Penso que roupas, móveis e outros objetos podem até serem comprados de fabricação britânica (estrangeira), mas a comida traz um poder simbólico para a identidade dos sujeitos. Principalmente quando nos referimos a grupos que possuem dietas restritas em comum, como o citado caso dos muçulmanos. Nesse sentido, Kathryn Woodward (2000), a partir da lógica de Claude Levi-Strauss, afirma que “Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (WOODWARD, 2000, p. 42 e 43).

A partir desses pontos foi notado que determinadas áreas da Grande Londres possuem uma maior aglomeração da comunidade oriental que se estabelece na região. A região de Rayners Lane do distrito de Harrow é um exemplo dessas áreas que reúnem comércios e instituições orientais pelas ruas. A ZTFE, como uma instituição religiosa oriental, está presente no local. Se é nesta região ou não que há uma aglomeração de zoroastrianos, não podemos afirmar com certeza. Mas certificamos que é nesta região que se encontram um conjunto de comércios voltados para o público oriental. Nas proximidades também encontramos escolas de ensino judaico, mesquitas e até uma escola de dança tipicamente indiana, a Kalaimanram Bharatanatyam.

4.2.1 O cemitério de Brookwood

Nos últimos dias do Trabalho de Campo estava planejado uma visita ao cemitério de Brookwood. No final das entrevistas realizadas com Malcolm Deboo e Ervard Yazad, ambos insistiram de maneira tão forte a visita ao cemitério, que uma ponta de ansiedade tornou a vontade de visitar maior ainda.

O cemitério de Brookwood foi fundado em 1849 pela *London Necropolis Company* (LNC) para acomodar os falecidos da cidade de Londres, que no período encontravam dificuldades para comportar a população que estava crescendo. A região de 2268 acres que pertencia ao vilarejo de Woking, foi comprada para a construção do cemitério, que começou imediatamente. Uma linha de trem da cidade de Londres passava pela região e chegava até o cemitério, que a partir de 1880 desenvolvia também o vilarejo de Brookwood a sua volta. Curioso notarmos que neste caso, foi a presença do cemitério que trouxe a construção do vilarejo²⁷.

A extensão de terras é imensa. Quando inaugurado em 1854 foi considerado o maior cemitério do mundo. Atualmente, é nele que encontramos soldados da Primeira e Segunda Guerra Mundial nas alas militares. Além das alas militares, se tem a presença de repartições menores, como soldados das Forças Aéreas e da Marinha (CLARKE, 2018).

Em 1901 se tem a oficialização da ala zoroastriana no cemitério de Brookwood. Interessante de se notar que o Zoroastrismo não é a única repartição

²⁷ As informações foram retiradas do site oficial do Cemitério de Brookwood.

“étnica” do cemitério. Ele ainda conta com alas para árabes, letoneses, sérvios, islamaeli²⁸ e Bagh-e-zehra²⁹. Durante o período em que foi estruturado, o Cemitério já organizava as repartições para diferentes denominações religiosas.

Do centro de Londres para Brookwood não leva mais de 1 hora de metrô e trem. O cemitério se localiza muito próximo à estação de Brookwood. Na realidade, todos que desejam sair da estação e chegar até a cidade, devem passar pelo cemitério. A saída de um é a entrada de outro. E logo se avista a placa com um mapa indicativo para as regiões do cemitério.

Imagem 05 – Placa da entrada do Cemitério de Brookwood. Brookwood.



Fonte: Iasmin Castro de Souza 2019.

O caminho até a ala zoroastriana é repleto de árvores e verde. A extensão do local é descomunal e o silêncio característico de cemitérios também é presente. Pode se ouvir apenas o barulho do trem e dos passos de pessoas que passam pelos caminhos do cemitério de forma corriqueira para chegar à cidade. No dia, o tempo nublado e frio da região trazia a garoa e junto com ela o eflúvio de solo úmido. Tudo

²⁸ Grupo religioso pertencente ao ramo xiita do Islã.

²⁹ Grupo religioso voltado a xiitas duodecimanos.

isso formava um conjunto de sensações de tranquilidade e inércia que o ambiente trazia

Todas as alas do cemitério são destacadas a partir de placas indicativas. Ao chegar no destino planejado, uma placa também indicava a repartição e ainda trazia junto com a escrita “Zoroastrian Cemetery” a figura do *faravahar* (símbolo zoroastriano).

Imagem 06 – Entrada da repartição zoroastriana do Cemitério de Brookwood. Brookwood.



Fonte: Iasmin Castro de Souza (2019).

Ao que tive acesso, não se tem uma contabilização exata do número de enterros realizados no Cemitério Zoroastriano. Neste, encontramos das mais variadas lápides, desde as mais trabalhadas e custosas até as mais simples. Encontramos também construções maiores que chamam a atenção, como o mausoléu de Nowrosjee Nashirwanjee Wadia, figura importante para comunidade zoroastriana. Em sua porta, abaixo de uma representação de asas estilo horbehutet³⁰, há uma placa com a seguinte frase: Eu sou Nowrosjee Nashirwanjee Wadia da antiga raça ariana

³⁰ Símbolo em forma de Disco Alado (ou Disco Solar) muito comum na cultura do antigo Egito e dos povos do Oriente Médio.

da Pérsia. Um cidadão da cidade leal de Bombai que descansa aqui em paz sob o céu distante da grande e famosa Grã-Bretanha³¹.

Uma das lápides mais antigas encontrada certifica a idade do cemitério. Mesmo sendo só oficializada como Cemitério Zoroastriano em 1901, desde 1863 já se enterravam zoroastrianos no local. A lápide de Rustomjee Burjorjee, enterrado em 1867, evidencia tal fato. De maneira muito simples a lápide contém apenas o nome do sujeito e a data de enterro com letras bem apagadas. As lápides mais simples seguem esse mesmo padrão. Entretanto, uma visão geral do cemitério é tomada por lápides maiores e mais coloridas. Referente às escritas, todas as lápides contêm frases em língua inglesa, e algumas trazem também a língua gujarate e persa. O símbolo mais encontrado nas lápides é o citado *faravahar*. Depois deste, encontramos muitas imagens de chamas de fogo e a frase *Humata Hukhata Huvareshhta* (bons pensamentos, boas palavras e boas ações em avéstico).

³¹ Texto original: "I am Nowrosjee Nashirwanjee Wadia of the ancient aryan race of the Persia. A citizen of the loyal town of Bombay who lie here peacefully under the far off sky of wide famed Britain".

Imagem 07 – Lápide de Rustomjee Burjorjee. Brookwood.



Fonte: Iasmin Castro de Souza (2019).

O cemitério zoroastriano foi uma grande conquista para os adeptos imigrantes. Não por acaso, ele é muito lembrado através dos discursos. Retorno neste momento ao início deste tópico quando disse que Malcolm insistiu para visitarmos o cemitério. A presença dele pode ser vista como um marco para a comunidade zoroastriana que se estabeleceu na Inglaterra. Ter uma ala para enterros só zoroastrianos diz respeito a um processo de enraizamento no local, onde os imigrantes podem nascer, mas mais importante, podem permanecer até a morte. Não só podem, como acontece.

Lembremos da discussão sobre o comércio oriental no tópico anterior, no qual foi falado que se tem a presença de um comércio voltado para o público oriental, é porque se tem a existência destas pessoas que fazem a demanda. Utilizo da mesma

lógica aqui. Se foi preciso a criação de uma ala zoroastriana em um cemitério, é porque os imigrantes estão presentes e permaneceram no local.

Quando falamos de imigrantes zoroastrianos, o cemitério e a discussão do pós-morte se torna mais relevante ainda. Vimos no capítulo 3, no subtópico 3.1.1 “Sobre as principais crenças e práticas”, uma das mais importantes bases da religião, a lei da pureza, na qual todo corpo sem vida é considerado impuro. “Porque a morte é vista como a última arma do mal, e está totalmente associada a isso, qualquer matéria morta é vista sob a presença do mal” (HINNELLS, 1996, p. 13).

A saída encontrada no período da antiguidade era dispor os corpos em uma área distante de habitações e de conjuntos populacionais, para os animais necrófagos se alimentarem do produto. Durante o período de dominação do Islã na Pérsia (a partir do século VII e.c), se fez necessário uma delimitação mais precisa nesses espaços, onde se construíram grandes paredes redondas abertas ao céu. Chamamos as construções de torres do silêncio, *dakhma* ou *daxma* em avéstico. No período contemporâneo, algumas torres do silêncio ainda funcionam no continente asiático, e as cerimônias acontecem regularmente (HINNELLS, 1996).

Hinnells (1996) descreve a experiência que passou ao acompanhar o processo de disposição do corpo de uma família zoroastriana em Mumbai e Gujarate. Assim que possível, o corpo é retirado do local da morte através de uma van especial, forrada de material metálico. Instrumentos de madeira não podem ser utilizados pois são porosos e podem absorver a poluição. O corpo é levado até as construções chamadas de bangalôs³² onde o corpo é limpo e preparado para ser disposto na torre do silêncio. Essas construções geralmente ficam rodeadas por matas e floresta e o ambiente costuma ser silencioso. Após a morte, os únicos que podem manusear o corpo são profissionais específicos chamados de *nasasalas*, que estão preparados para lidar com tamanha poluição. Hinnells indica também que por conta de seu ofício, os *nasasalas* possuem um baixo status na sociedade (HINNELLS, 1996).

O corpo é banhado em água e depois vestido com a camiseta sagrada, o sudre, enquanto orações são recitadas. O corpo fica em uma região marcada onde somente os *nasasalas* podem permanecer. Uma chama de fogo é acesa na sala pois

³² São estilos de construções térreas e pequenas. Bem conhecidas e usadas nos Estados Unidos, os bangalôs derivam da palavra em gujarate *banglo* que significa bengali ou bengala. A palavra possui diversos significados, sendo um desses uma pequena região que encobre áreas do Bangladesh e da Índia (do estado de Gujarate, precisamente).

simboliza a presença de Deus que manterá as criaturas más para fora do recinto. Um cachorro também é trazido para a sala. Cachorros são seres sagrados para os zoroastrianos, pois apresentam um comportamento de obediência e lealdade, além de verem e sentirem forças que os humanos não veem, os protegendo (HINNELLS, 1996).

Durante o trajeto do corpo dos bangalôs até a torre do silêncio, os homens devem permanecer em duplas, protegendo um ao outro contra a força do mal. Enquanto o sacerdote realiza orações, os *nasasalas* carregam o corpo até o local específico da torre. A oração continua por aproximadamente 25 minutos, tempo suficiente para os abutres começarem a realizar suas tarefas. Zoroastrianos comuns não entram no local de disposição da torre, somente os *nasasalas*. Após o processo e antes de entrarem nas casas ou nos templos, as pessoas devem ser lavadas e higienizadas. Nos próximos três dias, há uma série de ritos que devem ser feitos a favor da alma do sujeito, que neste período, passa por uma balança do bem e do mal, rumo a Ponte do Julgamento, no mundo espiritual (HINNELLS, 1996).

Ao observar tal descrição e pensar na presença de zoroastrianos no Ocidente, como na Europa e nos Estados Unidos, logo imaginamos que trazer essa prática com a migração não seria uma tarefa fácil, talvez quase impossível. O enterro em regiões do Ocidente aparece como uma prática mais comum, onde expor os corpos para animais seria uma ideia grosseira e não cabível.

Os parsis quando chegam na Inglaterra, por terem uma aproximação com os britânicos, vide o imperialismo inglês na região, tinham em mente que estabelecer uma torre do silêncio no Ocidente seria inviável. Por esta razão, ao estabelecerem a criação de uma organização zoroastriana na Inglaterra (a ZTFE), um dos principais objetivos era auxiliar os zoroastrianos durante a perda de um adepto (como foi detalhado no tópico 3.3 “A chegada ao Ocidente e o desenvolver de instituições europeias) (HINNELLS, 1996).

A conquista de uma ala zoroastriana no cemitério de Brookwood é de grande importância para a religião e para os adeptos. Ao chegar no Ocidente, diante de práticas tão dessemelhantes, os desafios se fazem presentes na comunidade. Mesmo não sendo a melhor opção de acordo com os princípios morais zoroastrianos, a criação da ala para os adeptos, foi uma saída que dialogasse também com o governo britânico. Com a oficialização da ala zoroastriana e o auxílio da ZTFE nos

procedimentos religiosos e burocráticos pós-morte, o conforto e a tranquilidade parecem ser sentimentos mais próximos além da dor da perda.

4.3 ANÁLISE GERAL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O questionário online realizado através da plataforma Google Formulários, contou com a participação de vinte e nove adeptos e esteve disponível desde março de 2019 até julho do mesmo ano. O questionário, como já discutido, apresenta onze perguntas, sendo sete discursivas e quatro objetivas.

No início da página, é apresentado o título do questionário, “*The memory of migrants: ruptures and permanences between Zoroastrians in England*³³”. A seguir, é introduzida a pesquisa e a pesquisadora, explicando os objetivos e as intenções com o questionário. Foi escrito de maneira clara que as informações seriam somente para uso acadêmico da pesquisa e que não seriam identificadas as informações com sujeitos, já que o questionário não pede que se insira nomes. Ainda no final da introdução, explico quem é o público alvo da pesquisa: pessoas que vivem na Inglaterra e se identificam com a fé zoroastriana ou que tem parentesco com uma família de tradição zoroastriana.

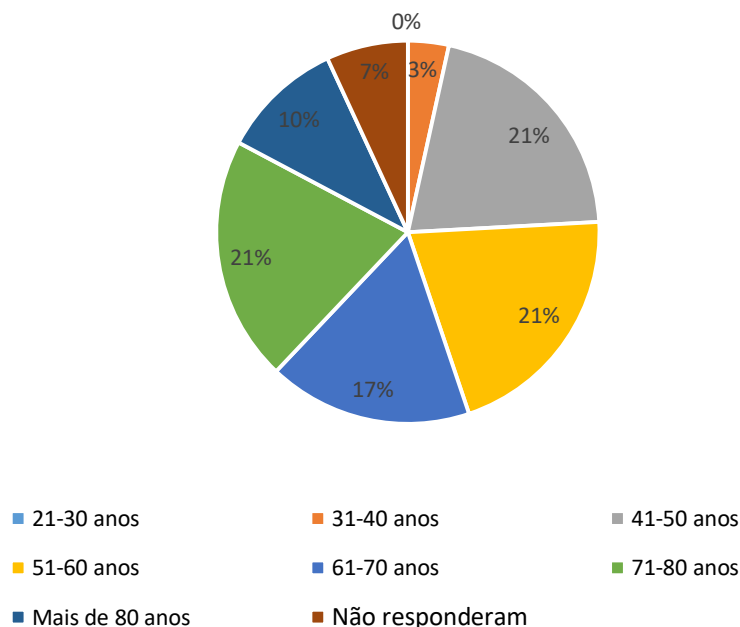
³³ A memória dos migrantes: rupturas e permanências entre zoroastrianos na Inglaterra.

Tabela 01 – Números da quantidade de adeptos relacionados ao local de nascimento e residência.

	Nasceram	Vivem
Índia	14	-
Londres	07	14
Reino Unido	-	06
êmen	01	-
Tanzânia	01	-
Hong Kong	01	-
Quênia	01	-
Seicheles	01	-
Não informado	01	07
Não responderam	02	02

Fonte: Iasmin Castro de Souza. Google Formulários, 2019.

Gráfico 01 – Relação das idades informadas pelos adeptos no questionário



Fonte: Iasmin Castro de Souza. Google Formulários, 2019.

Apresento a Tabela 01 que registra a relação dos adeptos com os locais de nascimento e de residência atual, seguindo com o Gráfico 01, que mostra a relação das idades apresentadas pelos adeptos no questionário. A ideia de trazer as duas

fontes de informação juntas é ideal para poder analisar e relacionar os dados de ambas a fim de trazer discussões mais amplas.

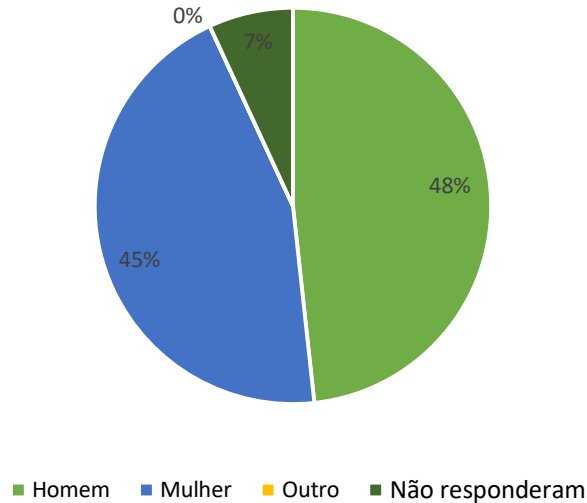
Como trazido na Tabela 01, a grande maioria dos adeptos que responderam o questionário nasceram na Índia. Esse resultado já era esperado pois a Índia concentra a maior comunidade de zoroastrianos e tem um índice de emigração para o Reino Unido de 756.471 pessoas, registrado no ano de 2013 (Indicadores Comuns dos Perfis de Migração, DESA, UNICEF, 2014).

Um fato que me surpreendeu quando recebi os questionários, foi a presença de zoroastrianos do continente africano, dos países Quênia, Seicheles e Tanzânia. Os três países fazem parte da região do leste africano e durante o século XIX passaram por um processo imperialista em comum, o domínio do Império Britânico. Curioso notarmos que as outras regiões que aparecem nas respostas também tiveram em algum momento de sua história, o envolvimento com o Império Britânico. Em Hong Kong durante o século XVIII e XIX se tornou colônia britânica por conta dos conflitos conhecidos como Guerra do Ópio, envolvendo comerciantes chineses. E no Iêmen, durante o século XX, o Império Britânico também dominou pequenas regiões progressivamente, até que na década de 30 obteve o controle de toda região até a fronteira de Omã (HINNELLS, 2005).

O segundo marco da Tabela 01 mostra que dos 29 respondentes, 7 nasceram em Londres, o que demonstra que a migração para a região já atingiu em termos de idade a segunda geração de migrantes. Ou seja, aqueles zoroastrianos que saíram de seus respectivos países e chegaram na Inglaterra, já possuem filhos zoroastrianos que nasceram em Londres. Desses que nasceram em Londres, a média de idade fica em 47 anos, trazendo adeptos entre 43 e 53 anos. A partir desse ponto, é possível estimar também que a comunidade zoroastriana na Inglaterra já pode ter chegado tranquilamente em sua terceira geração de migrantes.

No que se refere ao local de residência atual dos adeptos, 14 responderam que vivem em Londres, 6 que vivem em outras regiões e cidades da Inglaterra e 7 não inseriram resposta. Dos que não inseriram resposta, os números ficaram a parte na Tabela 01, porém sabe-se que o critério para responder o questionário é residir na Inglaterra, o que nos leva a concluir de maneira hipotética que todos os participantes vivem atualmente no país. Relacionado a idade, a população que vive em Londres é relativamente mais jovem, tendo em média 56 anos se comparado com a média da população que vive fora de Londres, 65 anos.

Gráfico 02 – Identificação de gênero entre os participantes



Fonte: Iasmin Castro de Souza. Google Formulários, 2019.

Tabela 02 – Relação entre a identificação como adepto e a percepção quanto um adepto ativo

	Se considera um zoroastriano?	Se sim, é ativo na religião?
Sim	25	17
Não	1	-
Não mais	1	-
Mais ou menos	-	8
Sem resposta	2	4

Fonte: Iasmin Castro de Souza. Google Formulários, 2019

A leitura do Gráfico 02 demonstra uma situação equilibrada entre os gêneros dos respondentes. 14 homens e 13 mulheres responderam o questionário e a média de idade entre eles é 62 e 60 anos respectivamente. Duas pessoas não responderam à pergunta sobre gênero.

A Tabela 02 é referente a duas perguntas que inserem o caráter religioso ao questionário. Vinte e cinco dos vinte e nove respondentes se consideram sim zoroastrianos, enquanto um respondeu que não mais, e outro um respondeu

curiosamente que não se considera. No que se refere a atividade dentro da religião, 17 se consideram ativos, 8 relativamente ativos (mais ou menos), e 1 não se considera ativo. Dos oito respondentes que se consideram mais ou menos ativos, seis correspondem ao gênero masculino e duas ao feminino, sendo que três nasceram em Londres e cinco fora da Inglaterra. A média de idade desse grupo (mais ou menos ativos) é de 59 anos, uma média mais jovem se comparada com a geral de todos respondentes (61 anos).

É preciso reconhecer quem são os adeptos que participaram da pesquisa. De maneira geral, são majoritariamente adultos e idosos que vivem na Inglaterra e que se reconhecem como zoroastrianos. Como visto, não há a presença de jovens menores de 36 anos. Isso se dá pelo fato da pesquisa não ter atingido esses jovens zoroastrianos ou que essa população não se considera zoroastriano? Dado os indícios, acredito que a pesquisa online não tenha chegado até a população mais jovem. De acordo com a fala de Malcolm durante a entrevista, ele deixa claro que há uma população jovem que se considera adepta a religião, porém em menor quantidade, se compararmos com os adeptos mais velhos.

Hinnells (1996) apresenta uma hipótese interessante sobre o assunto. O autor afirma que em regiões migrantes, a Inglaterra especificadamente, as pessoas mais próximas do Zoroastrismo são as mais velhas, aposentadas, que tem poucos amigos britânicos, que visitam recorrentemente o país de origem, e que falam as línguas tradicionais (gujarate ou persa). Contudo, Hinnells (1996) ressalta que esses indicativos não podem ser vistos de modo simplista, como acreditar que a juventude zoroastriana não está próxima da religião e que isso acarretará ao fim dela. Muitos jovens consideram o Zoroastrismo como parte fundamental da sua identidade, principalmente em um ambiente como imigrante, a juventude parece procurar por suas origens de uma forma que os mais velhos não fazem (HINNELLS, 1996).

Por esta razão acredito que meu questionário não tenha chegado aos mais jovens pois provavelmente ficou fechado em uma rede de compartilhamento entre os adeptos mais velhos, como em uma espécie de grupo, ou bolha. Dessa forma, o grupo participante da pesquisa não possui uma representatividade completa referente a comunidade zoroastriana inglesa. Ou seja, os respondentes do questionário não representam por completo os zoroastrianos que vivem na Inglaterra. Representam uma camada mais velha, nascidos na Índia, no leste africano e na Inglaterra, o que exclui também da “bolha”, além dos mais jovens, os nascidos no Irã.

4.4 INTERPRETANDO O MIGRANTE: ANÁLISE DAS FONTES

4.4.1 “Yes, it’s who I am”: sobre a identidade

Adentramos nesse momento na parte primordial da pesquisa. Aqui, analisaremos o que foi proposto nos capítulos acima através do conteúdo adquirido na pesquisa de campo. Para darmos início as análises das respostas dos respondentes e dos entrevistados, consideramos uma primeira problemática: Com foi proposto que os respondentes falassem sobre a ideia de identidade, qual a percepção destes em relação ao conceito?

Identidade é um conceito plural. Diferentes pessoas carregam diferentes sentidos dessa palavra. Ao propor trabalhar com esse conceito, logo, como pesquisadora, buscamos referenciais que nos auxiliam a compreender melhor os questionamentos que um conceito traz. Vimos no primeiro capítulo um delineamento teórico discutindo o conceito através da perspectiva de diversos autores. Tornamos esse arranjo um alicerce para constituir as reflexões a seguir.

A partir das respostas dissertativas dos adeptos, compreendemos que a ideia de identidade presente entre o grupo respondente é majoritariamente definida da seguinte forma: Identidade é como me sinto e como me porto. Dessa forma, muitas respostas apresentaram uma visão que relaciona “o outro” na formação de sua identidade.

Além disso, quando proponho a relação entre identidade e religião na pergunta 06 “Você acredita que ser zoroastriano é parte da sua identidade? Porque?”, 28 dos 29 respondentes confirmam a relação e dissertam sobre. Sendo o único a divergir, o respondente número 3 relata que a identidade de uma pessoa não tem a ver com a religião que segue, mas sim “com a forma que nós tratamos as pessoas e o ambiente a nossa volta”.

Considerando os outros 28 relatos, trazemos um ponto importante para pesquisa. A relação entre identidade e religião existe diretamente para o imigrante zoroastriano. “Minha religião é minha identidade³⁴” (Respondente 01), “É o que me faz ser eu como pessoa³⁵” (Respondente 02) são respostas que dialogam com essa ideia. Ao pensar nas formas que essa relação se constitui, podemos categorizar em 3 principais possibilidades, sendo elas: Família, Comportamento e Comunidade (Anexo A).

³⁴ Texto original: “[...] my religion is my identity”.

³⁵ Texto original: “Yes, that is what makes me who I am as a person”.

No que se refere à Família, 11 pessoas justificaram a relação entre identidade e religião através de sua criação familiar. Essa é uma relação previsível se levarmos em conta o caráter de herança geracional que o Zoroastrismo carrega. Sabe-se que dentro da religião não existe conversão, logo, as crenças religiosas devem ser passadas de pais para filhos, não podendo ocorrer a conversão para outra crença. Esse regulamento traz inúmeras questões e problemáticas principalmente dentro de um contexto imigratório, como casamentos mistos e iniciação de crianças na religião, que trataremos no decorrer da pesquisa.

Assim, a família e a forma como os responsáveis educam os mais jovens, é de extrema importância, pois introduzem os ensinamentos e as práticas religiosas. Além disso, contribuem para que os indivíduos se identifiquem com um padrão religioso zoroastriano de ser, tornando parte fundamental da resposta para a pergunta “Quem sou eu?”. Exemplifica-se a conclusão através dos relatos abaixo:

“Meus pais nos criaram para acreditar em nossa religião e nos ensinamentos do nosso profeta Zaratustra³⁶”. (Respondente 24). “É a minha educação e cultura na qual fui criada e o que eu sei. Isso foi fortemente insistido pelos meus pais³⁷.” (Respondente 13). “Tem sido a religião dos nossos antepassados, a qual queremos dar continuidade para as próximas gerações³⁸” (Respondente 23).

A segunda forma de relação entre identidade e religião é Comportamento. Encontramos em 10 respostas vínculos entre o autorreconhecimento e padrões não só de comportamento social, mas também de conduta, no sentido de apresentar-se. Esse vínculo acontece através de modelos zoroastrianos, no que se refere tanto a moral e ética quanto a vestimenta. Ressalto aqui, que as 3 formas que proponho não se anulam, pelo contrário, essas 3 possibilidades que justificam a relação identidade x religião conversam entre si. Encontramos em muitas respostas um diálogo entre as três formas estabelecidas. Dessa forma, o comportamento social ou a prática do uso de vestimentas zoroastrianas para orações (sudre e kusti) podem vir acompanhada pela justificativa familiar, sendo ou não um fator passado de geração em geração. A escrita do Respondente 05 exemplifica bem a relação. “Eu fui criada sob os valores e

³⁶ Texto original: “My parents raised us to believe in our religion and the teachings of our Prophet Lord Zarathushtra”.

³⁷ Texto original: “Yes, it's my upbringing and culture of what I've been brought up with and what I know. This was instilled heavily by my parents [...]”.

³⁸ Texto original: “It has been the religion of our forefathers which we would like to uphold for our next generation.”

morais zoroastrianas... eu rezo e sigo as boas palavras, bons pensamentos e boas ações³⁹.

Respondente 01 afirma que “Meu sudre, meu kusti e minha religião são minha identidade⁴⁰”, uma frase que corrobora com a afirmação da segunda possibilidade. “Eu vivo e respiro bons pensamentos, boas palavras e boas ações. Eu faço minhas orações com kusti diariamente e pratico as tradições e cultura zoroastriana todos os dias⁴¹” (Respondente 19). Além da presença do sudre e kusti (padrões de vestimenta) vemos na explicação da Respondente 19 o aparecimento de pontos comportamentais referentes a moral e ética. Observamos discursos parecidos nos Respondentes 06 “bons pensamentos, boas palavras e boas ações são minha identidade⁴²”, 28, “Ser zoroastriano é parte integral da minha identidade, e minha vida é baseada na ética zoroastriana⁴³”, e por fim Respondente 29 “Definitivamente. Isso moldou minha personalidade, minhas crenças e meus valores⁴⁴”.

Sabemos que a história do desenvolvimento do Zoroastrismo e de seus adeptos é longa. Na historiografia que trata do tema (por exemplo as mais citadas na pesquisa, obras de Mary Boyce e John Hinnells), conflitos estão presentes desde a antiguidade até a era comum. Entretanto, na lógica desses conflitos, os zoroastrianos geralmente ocupam um espaço de perseguidos, e minorias sociais reprimidas. Talvez por conta de não ser uma religião proselitista, dentro do Zoroastrismo não se estabelece uma hierarquia religiosa, onde uma religião ou prática pode trazer a salvação e o caminho correto ao bem, e as demais não. Assim, os adeptos acreditam que o bem e o mal estão dentro de todo ser humano, cabendo a cada um escolher a qual lado dar voz. Essa é uma importante característica zoroastriana que transmite um saber dualista muito forte entre os ensinamentos e as práticas da religião. Por essa razão, ao conversar ou ler relatos de zoroastrianos, é possível perceber um certo orgulho em exaltar os preceitos morais da religião e ostentar a prática dos bons pensamentos, boas palavras e boas ações. Essa característica carrega tanta

³⁹ Texto original: “Yes. I have been brought up with Zoro values and morals... I pray and follow good words, thoughts and deeds”.

⁴⁰ Texto original: “My Sudrey and Kusti and my religion is my identity”.

⁴¹ Texto original: “Yes. I live by and breath by good words, thoughts and deeds. I do my kusti prayers daily and practice the Zoroastrian culture and traditions daily”.

⁴² Texto original: “[...] good thoughts, good words are my identity”.

⁴³ Texto original: “Being a Zoroastrian is an integral part of my identity and my life is based on its ethics”.

⁴⁴ Texto original: “Definitely. It has moulded my personality, beliefs and values”.

importância, que é fortemente atrelada a ideia de se reconhecer como um zoroastriano, tal e qual visto nos relatos.

Um outro ponto destacado por alguns respondentes é a questões da língua. O ensino da língua gujarate ou avéstica faz parte da criação e desenvolvimento dos zoroastrianos, já que as orações, as celebrações e os livros sagrados se encontram nesses idiomas. Toda criança filha de zoroastriano passa por um processo de aprender a língua durante a infância. Além de ser uma questão ligada à Família, parece ser também relacionada ao Comportamento, no qual o indivíduo se porta ou não como um falante das línguas antigas. Dessa forma, a língua aparece nas respostas dos questionários como um ponto importante para a relação de identidade do indivíduo, atrelado a sua religião. Observamos então um exemplo interessante de como a língua pode ser vista como um símbolo para a afirmação de uma identidade, no qual os sujeitos que não falam a mesma língua, possuem uma identidade diferente (WOODWARD, 2020).

Algumas vezes mencionada, o aprendizado das “línguas tradicionais”, ou melhor, o não aprendizado dessas línguas é regularmente criticada. De acordo com alguns adeptos, o aprendizado é essencial para que se mantenha firme os laços entre religião e indivíduo. A crítica aparece quando tratamos do contexto ocidental, no qual, de acordo com os adeptos, o ensinamento das “línguas tradicionais” vem sendo esquecido. Respondente 25 “Muitas pessoas não usam o sudre e o kushti nem rezam. Casamentos mistos tomando lugar. Crianças não falam em Gujarate⁴⁵”.

A menção da língua na fala da Respondente 25 se torna um problema em contexto migracional. Pelo fato de estar atrelada ao religioso, a falta da aprendizagem interfere diretamente, e se relaciona com uma perda de comportamentos estabelecidos no Oriente. Ao chegar ou crescer no Ocidente, o jovem zoroastriano se depara com o desafio de aprender uma língua antiga para realizar as orações, e ao mesmo tempo com as variedades distintas do Oriente que se apresentam no Ocidente.

Sugiro uma reflexão pautada na fala de Hinnells (1996), mencionada no tópico 4.3 “Análise geral dos participantes da pesquisa”. Se o aprendizado da língua tradicional zoroastriana é um desafio aos jovens em contexto britânico, esse fato não necessariamente acarreta em uma “desistência” da religião, mas em outras formas de

⁴⁵ Texto original: “A lot don’t wear sudreh kushti Nor pray. Intermarriage taking place. Kids don’t speak Gujarati”.

segui-la, que florescem em um ambiente migrante. Podemos propor, a partir da crítica, que os mais velhos acreditam que a língua é necessária para praticar a religião. E aos mais jovens, que a religião pode ser praticada além dela.

Percebe-se que no interior de uma comunidade, como os zoroastrianos na Inglaterra, podem acontecer distintas identificações internas a partir de diferenças, sejam elas geracionais ou não. Ao passo que temos um grupo que prega pela permanência das práticas e comportamentos zoroastrianos usuais no Oriente, temos outro que tende a uma manutenção dessas ideias (e que é criticado por isso). Como mencionei no início deste capítulo e como veremos em detalhes no decorrer das análises, o público que participou da pesquisa, representa muito mais o primeiro grupo do que o segundo, o que nos dá a possibilidade de analisar diretamente suas posições e falas.

A última forma de relação entre religião e identidade aparece em 5 respostas diferentes. O círculo social entre os adeptos também é visto como uma forma de se reconhecer zoroastriano. Mesmo não sendo uma religião que realize encontros semanais, como no caso das missas e cultos cristãos, quando essa religião chega em um território migrante, principalmente ocidental, a necessidade de se manter juntos aparece fortemente.

Notamos essa característica principalmente nos Respondentes 04 e 21, respectivamente, “Sim, é a minha criação e meu círculo social⁴⁶”; “Sim, é o que me distingue e distingue minha ética de outras comunidades⁴⁷”. É possível observar na escrita do Respondente 21 um reconhecimento dos zoroastrianos como uma comunidade que se diferencia do outro pelo pertencimento religioso. Contudo, resalto através da fala do presidente da ZTFE Malcolm Deboo, “nós não temos uma tatuagem na nossa testa que diz ‘sou zoroastriano’. Nós não nos utilizamos as vestimentas lá fora, o que não nos torna nada diferente⁴⁸”. Acredito que a distinção citada pelo Respondente 21 esteja no sentido de pertencer a uma prática religiosa que envolvem questões muito peculiares se comparadas aos padrões ocidentais. No sentido de vestimentas na vida civil (fora de contextos religiosos) ou características físicas, não é possível que se faça uma distinção especificadamente como zoroastriano em um

⁴⁶ Texto original: “ Yes. My upbringing and social circle”.

⁴⁷ Texto original: “Yes It distinguishes me and my ethics from other communities”.

⁴⁸ Texto original: “We don’t have a tattoo in our head “I’m a Zoroastrian” for instance, you know. Or we don’t got dressed outside which makes us any different”.

meio social. O que pode ser generalizado entre os adeptos, é a identificação como imigrantes, pela presença de traços físicos que remetem ao subcontinente indiano e a regiões da África.

Por estarmos tratando de um contexto de imigrantes, essa conexão com a comunidade aparece também como um teor de resistência aos preconceitos e às dificuldades encontradas pelos adeptos. É praticamente um consenso a presença de preconceitos e racismo contra os imigrantes em qualquer região do mundo, contudo, trago a escrita do Respondente 11 que afirma de maneira clara “Sim, é o que eu sou! A cultura britânica é muito hostil aos de fora, especialmente com os de cores diferentes⁴⁹”.

A palavra “hostil” presente na fala da Respondente 11 diz respeito a um preconceito mais complexo e enraizado contra asiáticos e africanos existente na Europa. Os processos de colonização e imperialismo realizados por “potências” europeias desde o século XVI na Ásia, África e América, trazem consequências vistas até hoje. Em aspectos físicos, basta olhar para as grandes construções europeias banhadas ao ouro retirado de regiões colonizadas, através da violência e do roubo. No outro lado da relação, vemos a devastação deixada pelos europeus nessas regiões. Em aspectos sociais, quase palpáveis, o preconceito a partir da ideia de uma superioridade étnica ecoa fortemente até os dias atuais.

Para trabalharmos de forma mais contextual e específica e compreendermos as complexidades da fala do Respondente 11, trago um acontecimento que diz respeito a relações entre britânicos e imigrantes no que se refere ao preconceito. Em janeiro de 2020, o Reino Unido oficializou a sua saída da União Europeia (UE), o chamado Brexit (*British exit*, saída britânica para o português). A decisão foi tomada a partir de um plebiscito em 2016, no qual o povo britânico votou pela permanência ou saída do Reino Unido do grupo UE. O resultado, 53% da população votou pela saída, que foi efetivamente consolidada quase 4 anos depois (LACERDA, 2020).

Uma das maiores pautas argumentativas para aqueles que apoiavam o Brexit, incluindo o Partido Conservador Britânico (junto com o primeiro ministro, Boris Jhonson) era composto por assuntos referentes a imigração. Argumentava-se que o

⁴⁹ Texto original: “Yes, it's who I am! British culture is very hostile to foreigners, especially of different colour”.

Reino Unido deveria tomar o controle de suas fronteiras e proibir a imigração em grande escala. “Muitas pessoas estão preocupadas que o alto nível de imigração possa ter prejudicado seus empregos, salários e qualidade de vida” (DHINGRA, 2016, p. 35).

Entretanto, a consolidação do Brexit e o fechamento de fronteiras diz respeito a uma onda de práticas racistas e xenofóbicas. “Apesar do Reino Unido não possuir mais colônias desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), a mentalidade de império colonizar permanece, incitando comportamentos racistas, xenófobos e conservadores, e acarretando em políticas que enrijecem o controle de fronteiras em território nacional” (FIGLINO, 2018, p.13).

Além das mudanças legislativas, é no meio social que as ações se desenvolvem mais rapidamente. Poucos meses após o plebiscito, os casos de “crime de ódio” aumentaram em 41% no Reino Unido. Os votos em sua maioria para a realização do Brexit parecem ter legitimado um comportamento racista no país. Oliver Turner (apud LACERDA, 2020) explica.

O estrago já foi feito. Estudos mostram que a maior parte das pessoas que votou em favor do Brexit tiveram a imigração como motivo. Eles achavam que a imigração estava muito alta e que havia muitos imigrantes no Reino Unido. Então, assim que o resultado veio à tona, o estrago estava feito. Você não tem como voltar atrás nessa mensagem. A decisão foi tomada. Não importa agora o quanto o governo tente assegurar que imigrantes terão seus direitos garantidos, eu acho que muitos imigrantes se sentem um alvo e vai ser difícil para eles se sentirem bem-vindos (TURNER, 2020, apud LACERDA, 2020).

Enxergamos o reflexo desses movimentos sociais e políticos no discurso do imigrante. Ao reconhecer esse problema na sociedade, o imigrante zoroastriano tem como uma das alternativas, buscar o conforto com o próximo da mesma fé. Veremos no próximo tópico como a ZFTE e a comunidade zoroastriana em geral é vista diante desses casos.

Para adentrarmos as próximas questões, acrescento aqui significantes observações sobre os levantamentos acima. No referente ao processo de identificação do imigrante zoroastriano, este está diretamente relacionado ao pertencimento religioso. É essencial considerar que tiramos essa conclusão a partir das falas dos adeptos pertencentes uma faixa etária mais velha, na média de 61 anos e que habitam um espaço estrangeiro. A partir das falas, é possível perceber que alguns reconhecem a Inglaterra como um espaço estrangeiro, outros já não. O Respondente 13 diz que ainda que tenha uma criação dentro da fé zoroastriana,

ênfatisa o pertencimento como cidadão, “eu me sinto britânico⁵⁰”. Outros, ainda buscam através da memória um pertencimento étnico e coletivo da terra de origem, como no caso do Respondente 11 “Nós somos persas que não temos um verdadeiro lar⁵¹”. Por mais que não exista atualmente o país Pérsia e que a naturalidade tenha sido substituída pela palavra “iranianos”, o termo “persas” se refere a uma identificação étnica, muitas vezes associado a um orgulho relacionado a memória coletiva de um passado glorioso.

Interessante notar que o Respondente 11 que utiliza a primeira pessoa no plural (nós) para se referir ao gentílico “persas”, na verdade nasceu em Zanzibar, na África. Contudo, ele se identifica como persa a partir de sua etnia, o que é legitimado também por ser um adepto ao Zoroastrismo. Sendo assim, o Respondente 11 é um zanzibarita-persa.

Nota-se ainda que o Zoroastrismo como uma religião étnica está diretamente atrelada a uma identificação, por sua vez, étnica. Isso ocorre quando vimos na frase “nós somos persas [...]”. Por se tratar de uma religião que advém do Oriente (antiga Pérsia), é pressuposto que as identificações étnicas estejam relacionadas a este local. Porém, como trabalhamos com um contexto de imigrantes, o reconhecimento nacional visto na fala “eu me sinto britânico” do Respondente 13, pode ser também atrelado a região de destino. Neste caso, é justificado pelo fato de ser um imigrante de segunda geração, ou seja, os pais vieram de fora da Inglaterra e o sujeito nasceu na Inglaterra. A imersão deste na cultura e nos padrões ocidentais é mais forte se comparado com adeptos imigrantes de primeira geração.

A questão geracional é um ponto de importância no que se refere a comportamentos dentro da comunidade zoroastriana. Esse ponto traz inúmeras questões, entre elas, a preocupação pelo afastamento de imigrantes de segunda ou terceiras gerações em diante, em relação a religião. Em 1959 o então presidente da ZTFE, Jehangir D. Moss escreve sua preocupação

A primeira geração de zoroastrianos que vieram morar na Europa, de modo geral, tem o treinamento e o conhecimento necessário para seguir sua própria religião. A segunda geração é raramente propriamente instruída, e o processo de fusão com os outros se torna evidente. A terceira geração está quase completamente perdida na nossa religião. Esse processo vem acontecendo nos últimos 100 anos e nós estamos perdendo nossos melhores filhos e filhas para outras comunidades (MOSS, 1959, apud HINNELLS, 2005, p. 354, tradução da autora).

⁵⁰ Texto original: “I do though feel British”.

⁵¹ Texto original: “We are Persians who have no real home”.

Consideramos o contexto que Moss escreve sua preocupação ao dizer que a terceira geração está perdida na religião zoroastriana. Atualmente a preocupação geracional persiste. Contudo, o atual presidente da ZTFE, Malcolm Deboo, encara a situação com mais otimismo, ressaltando resultados positivos que a modernização vem trazendo para a comunidade.

Mas outras vantagens na era pós-internet das mídias sociais. O que nós estamos testemunhando é que se tem grupo de conversas zoroastrianos, como qualquer outro grupo de conversa, vindo junto. E nós encontramos... em tempos nós encontramos surpresas. Eu encontro jovens me dizendo “oh”, e esses são dois zoroastrianos, “oh, nós nos conhecemos através do Facebook, ou “nós nos conhecemos através desse tipo de coisa...”. E isso também... isso é um exemplo que nós podemos usar a nova tecnologia a nosso favor⁵² (DEBOO, 2019, tradução da autora).

As falas dos presidentes da instituição desde a década de 60 até os dias atuais, demonstram uma certa atenção sobre a comunidade e seus adeptos no que se refere à permanência ou não destes dentro da estrutura religiosa. Essa parece ser então um tópico de debate e preocupação de responsabilidade da ZTFE, em espaços europeus. Veremos no próximo tópico quais outras funcionalidades são desempenhadas pela organização e como se relacionam com a identidades dos sujeitos.

Entretanto, antes de darmos sequência ao próximo tópico, gostaria de levantar uma última questão. Refletiremos mais um pouco nas falas dos respondentes sobre a questão de identidade e sobre a divisão apresentada nesse tópico: Família, Comportamento e Comunidade. De maneira geral, com esses três pontos, criamos um padrão de ser zoroastriano, no qual, seguindo as propostas citadas pelos respondentes, torna um sujeito, um adepto ao Zoroastrismo. Mas então o que acontece com o sujeito que se identifica como zoroastriano mas não nos padrões citados? Acredito que para os três pontos são necessárias justificativas diferentes.

Em relação a Família, a história é complexa. Se um sujeito se identifica como zoroastriano, mas não pressupõe que sua família ou criação tenham a ver com essa relação, temos duas opções. A primeira é que simplesmente o sujeito teve a intenção de relacionar outros pontos, como Comportamento e Comunidade, e não

⁵² Texto original: “But other advantages in the post internet social media era. What we are also witnessing is that you do have the Zoroastrian chat group, like other chat groups coming along. And we do find... at times we do find a surprise. I do find young people telling me “oh”, and these are two Zoroastrians, “oh, we met all through Facebook” or “we met all trough that sort of thing...” And that’s also, so this is an example we can use the new technology to our advantage”.

citou a Família. Isso acontece com 9 dos 20 respondentes que responderam essa pergunta específica no questionário (Pergunta 06).

A segunda opção seria que o sujeito não concorda com a afirmação de que “Sou zoroastriano porque minha família me criou assim”. Com base nos estudos que tenho sobre o tema, posso afirmar que isso seria um tanto quanto incoerente e contraditório. Estamos tratando de uma religião étnica não proselitista. Se a família não criou o sujeito dentro da fé, dificilmente ele será um zoroastriano. É necessário que a criança passe por aulas e etapas até que seja feito sua cerimônia de iniciação, conhecida pelos parsis como Naujote e pelos iranianos como Sedra-pushun.

Dessa forma, seria equivocado dizer que o sujeito se identifica como zoroastriano mas não relaciona esse fato com a educação e instrução da família, quando criança. Por esta razão, a Família aparece 11 vezes entre os 20 respondentes que responderam à pergunta. É uma questão essencial para formação do adepto.

Passando para os dois outros pontos, podemos discutir suas justificativas juntas. Se uma pessoa não se adequa aos padrões de Comportamento e Comunidade como sugeridos neste tópico, não seria um equívoco se ela ainda sim se identificasse como um zoroastriano, ao contrário da discussão da Família. Principalmente quando falamos de um contexto migracional, mudanças são avistadas (e trataremos delas no último tópico da dissertação). Ainda que o sujeito não se vista apropriadamente na hora das orações, não saiba falar as línguas tradicionais, não siga os modelos éticos de comportamento e não frequente a comunidade, ele pode se identificar como um zoroastriano. Pode também ser fortemente criticado pelos outros adeptos, pela postura inadequada. O tom de crítica na fala dos adeptos é encontrado no questionário. Pelo fato de se tratar de pessoas mais velhas, na média dos 61 anos, o posicionamento contra as mudanças que ferem o tradicionalismo zoroastriano é facilmente notado.

Em suma, acredito que quando afirmamos que todo zoroastriano relaciona sua religião com sua criação familiar, o consentimento é unânime. De forma antagônica, quando padronizamos determinado comportamento e convívio em comunidade e associamos a forma de ser zoroastriano, a possibilidade de não haver um consentimento entre os adeptos é presente. Principalmente quando tratamos de adeptos migrantes que podem ser mais próximos de comunidades externas ao Zoroastrismo, o seguimento de normas tradicionais da religião nem sempre aparece de forma regular.

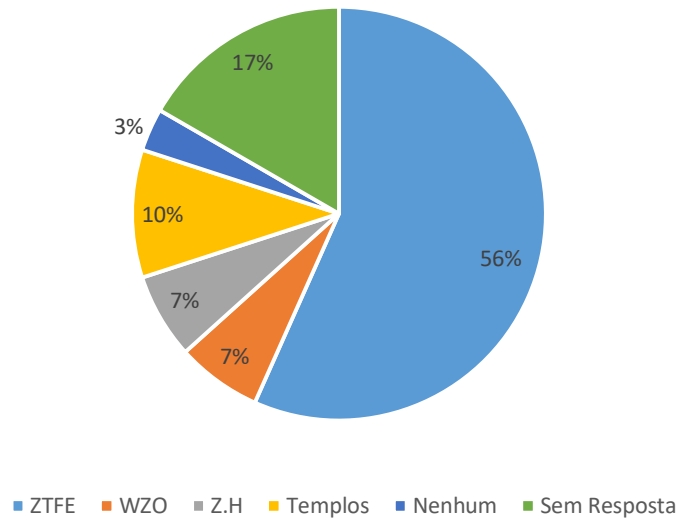
Importante perceber que esse padrão que criamos a partir das respostas do questionário se justifica pelo próprio perfil dos respondentes, sujeitos mais velhos e próximos a uma determinação tradicional oriental. Se ouvíssemos os adeptos mais jovens, provavelmente os argumentos utilizados para descrever a relação entre identidade e religião seriam diferentes. Talvez mais maleáveis ou diversos. Mas certamente diferentes.

Seguiremos no próximo tópico discutindo sobre um importante ponto abordado pelos respondentes e pelos entrevistados. Ao analisar as questões que envolvem identidade nos discursos dos migrantes, a instituição *Zoroastrian Trust Funds of Europe* é fortemente associada. Trataremos em pensar sobre como se dá essa influência da instituição em um contexto migrante e em quais aspectos ela acontece.

4.4.2 “So we are now here to stay”: o papel da Zoroastrian Trust Funds of Europe

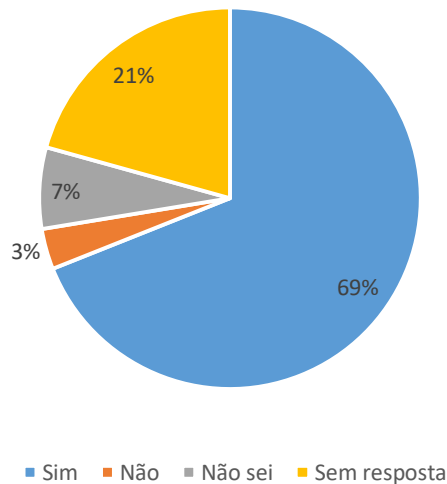
No questionário, quando perguntado sobre quais lugares ligados ao Zoroastrismo os sujeitos frequentavam, a ZTFE aparece de forma recorrente nas respostas. Além dessa instituição, temos a presença da *World Zoroastrian Organization (WZO)*, da *Zoroastrian House*, e de templos zoroastrianos na Ásia (quando os adeptos visitam suas famílias). Como observamos no gráfico abaixo, a ZTFE é a instituição mais frequentada entre os respondentes.

Gráfico 03 - Locais frequentados por Zoroastrianos



Fonte: Iasmin Castro de Souza, Google Formulários. (2019)

Gráfico 04 - Importância da ZTFE para o cotidiano dos adeptos



Fonte: Iasmin Castro de Souza, Google Formulários. (2019)

Ao tratar sobre a importância da ZTFE, especificadamente, no cotidiano religioso do migrante, 20 das 23 respostas apontam positivamente para essa relação (Gráfico 04). Contudo, ressalto uma observação equívoca na confecção do questionário. A pergunta realizada no questionário é a seguinte: “Você acredita que instituições religiosas (como a ZTFE) tem um papel importante no cotidiano religioso do migrante? Como?” No período em que foi realizado, não foi percebido a falha do

uso do termo “cotidiano religioso”, já que dentro das práticas zoroastrianas, o cotidiano religioso é relacionado ao privado das casas dos adeptos, e não na frequência das instituições. Entretanto, mesmo a pergunta apresentando esse problema, 20 dos 23 que responderam acreditam que a ZTFE ou outras instituições religiosas, tenham um papel importante na relação com o cotidiano religioso do migrante.

Dada essa afirmação, observamos que não só no que se refere ao módulo religioso as instituições atuam. Destaco que as conclusões e afirmações que serão apresentadas agora, são baseadas na experiência de uma instituição específica, a ZTFE. Por mais que saibamos da existência de outras instituições zoroastrianas menores e mais recentes na Inglaterra, procuramos estabelecer um recorte que abranja somente a ZTFE, para não ocorrer o risco de generalização, provocando equívocos e falsas afirmações. Lembro aqui que o público e as experiências de diferentes instituições também são múltiplos, não significando que as mesmas conclusões realizadas sobre a ZTFE podem ser aplicadas às outras.

Após o esclarecimento, é através dos depoimentos dos respondentes e da fala dos entrevistados que caracterizamos o papel da ZTFE em dois pontos: o social e o religioso. Muitos dos respondentes destacaram a importância da instituição para a vida dos adeptos imigrantes sendo um significativo vínculo entre indivíduo e religião, abrangendo inúmeras questões como as voltadas à identidade.

No âmbito religioso foram identificadas algumas funcionalidades da instituição, como, a presença da Sala de Orações e do sacerdote Ervard Yazad T. Bhadha e as celebrações do calendário persa. Dessa forma, foram destacados que a ZTFE ainda auxilia os imigrantes a não perderem suas raízes religiosas, a reforçar suas identidades como zoroastrianos, e a compreender melhor os ensinamentos de Zaratustra. De modo geral, “para manter a fé zoroastriana viva⁵³” (Respondente 23).

Durante a entrevista, Malcolm Deboo salientou a importância e o grande avanço que foi em estabelecer um sacerdote na ZTFE. Ele relaciona esse avanço com questões geracionais, em que “a religiosidade em tempos aumenta e em outros tempos também diminui. Isso depende de qual geração você está. Então depende de qual grupo etário você pertence”.

⁵³ Texto original: “To keep the Zoroastrian faith alive”.

Isso é como a confiança da comunidade se desenvolveu. E por causa disso, há alguns anos atrás, nós contratamos um sacerdote permanente, que é o Yazad que veio da Índia. Antes disso nós tínhamos sacerdotes voluntários. Então você pode ver que a ideia de confiança vem tomando lugar. Mas ao mesmo tempo, a comunidade zoroastriana na Grã-Bretanha tem conseguido se ancorar firmemente. Então, nós estamos aqui para ficar⁵⁴ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

As questões geracionais aparecem como pontos a ter cuidado tanto nas respostas dos respondentes, quanto na fala dos entrevistados. Existe uma preocupação com a continuidade da religião no futuro e um apreço em promover o interesse da religião com os mais jovens. Dessa forma, Malcolm destaca as ações da instituição em auxiliar nessa área. A ZTFE viabiliza o encontro de crianças zoroastrianas durante “aulas” ministradas pelo sacerdote Yazad no prédio da Zoroastrian Centre. Nos encontros as crianças aprendem sobre a religião através de atividades artísticas e leituras. De acordo com Malcolm, as aulas teriam surgido pelo interesse dos pais em inserir os filhos na fé zoroastriana, como é possível de observar na seguinte fala

Tem tempos, você sabe, em que você é jovem e seus pais trazem você. Quando você é adolescente, você decide ir por conta própria. E tem tempos em que você fica bravo com você mesmo e se pergunta “como eu vou criar os meus filhos agora?”. Então de novo, nós temos essas aulas para crianças, quando as crianças se encontram, mas também seus pais se encontram⁵⁵ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

A presença do sacerdote Yazad também auxilia nas questões do pós-morte. Sabe-se que o processo funerário zoroastriano é visto pelos ocidentais como carregado de peculiaridades. A questão que envolveremos no momento, se trata da presença efetiva de Yazad como um indivíduo encarregado em auxiliar nas práticas zoroastrianas principalmente nos momentos de fragilidade, que a perda de um familiar desperta.

Para melhor entendermos essa funcionalidade, utilizo como exemplo um momento tido durante a entrevista, quando pergunto sobre a importância da ZTFE em

⁵⁴ Texto original: “But this is how the confidence of the community has come along. And because of that, few years ago we have employed a full time priest, which is Yazad from India. Before that we had voluntary priest. So you see that is a confidence task taking place. But at same time, the British zoro... the community... the Zoroastrian community in Britain has now got a firm anchorage. So we are now here to stay”.

⁵⁵ Texto original: “There are times, you know, when you are young, your parents brings you, when you come to teen ages and you decide to go in your own way, and at times when you get mad at yourself, you know “how do I now bring up my children?” So again we have these religious classes for children, we have classes for adults, so it helps them to bring together. So there is one element of education but more important is just simply to meet. So we have a children’s classes, when the children’s meet but also their parents”.

Londres, e antes de terminar pergunta, Malcolm corrige a fala dizendo que a área de alcance da ZTFE não se limita somente a Londres.

Em todo Reino Unido, embora a maioria... nós nos estabelecemos em Londres, a maior parte da comunidade, nós servimos para o resto do Reino Unido e partes da Europa, sabe, quando pessoas como Yazad, sendo um sacerdote devem ir e servir comunidades, como quando eles desejam uma cerimônia caso alguém da família tenha falecido. As comunidades são muito pequenas, eles não têm sacerdotes lá. Então nós mandamos um⁵⁶ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

A ZTFE assume um papel em manter algumas práticas zoroastrianas realizadas no Oriente, em toda região do Reino Unido e partes da Europa. Nem todas práticas que são realizadas no Oriente, se fazem no Ocidente, principalmente pelo fato de não se ter um templo credenciado às fundações mais antigas da Índia ou do Irã, e pelas distâncias entre os padrões ocidentais e orientais. O que se tem é a Sala de Orações, um modelo muito parecido de como um templo seria por dentro. Ainda, orgulha-se pela presença dos pré-requisitos, quando Yazad ascende o fogo da Sala e promove cerimônias.

No que se refere a função de “reforçar a identidade” citada por alguns respondentes, desempenhada pela ZTFE, acredito que esse ponto esteja ligado a noção de identidade como conceito entre os adeptos. Se voltarmos às três possibilidades de relação entre identidade e religião (sendo estas Família, Comportamento e Círculo social), é possível perceber que a ZTFE também está atrelada a essa relação. Sobre a Família, vimos o caráter educativo presente nas aulas para as crianças zoroastrianas que auxiliam na formação e criação de uma identificação com a religião. No Comportamento, a ZTFE trabalha também no encorajamento das práticas religiosas, como as orações, o uso das vestes, a explicação e orientação de leituras sagradas, e a propagação dos bons pensamentos, boas palavras e boas ações (todos itens intensificados com a presença da Sala de Orações no prédio da Zoroastrian Centre). Sobre o Círculo social, a presença é mais forte do que se parece. Contudo, deixo a explicação para os próximos parágrafos os quais vamos observar mais profundamente essa relação.

⁵⁶ Texto original: “In the whole in the UK, although the majority... we were established in London, the majority of the community, what we served for the rest of the UK, and parts of Europe, you know, like when people like Yazad being a priest has to go and serve communities like, they want to have a ceremony if family passes away, because we do not have... there communities that are small, they don't priests there, so we send one”.

Todos estes reconhecimentos estão de alguma forma atrelados entre o indivíduo e a religião em que ele pertence. Entretanto, essas são somente metade das funcionalidades citadas entre os respondentes, o que torna a ZTFE um espaço além dos limites de uma instituição religiosa, no sentido de olhar para o bem-estar dos adeptos tanto quanto olhar para adoração a Deus. Isso se dá principalmente pelo fato de se tratar de um contexto de imigrantes, que passam pelas dificuldades de chegar em um novo local, com novos padrões e ideias.

Esse olhar ao adepto imigrante e a comunidade faz parte da funcionalidade social da ZTFE. Entre os principais pontos estão o auxílio à chegada do imigrante e ao processo de adaptação, o cuidado com os imigrantes mais velhos (Citizen Club), e a representação da comunidade zoroastriana no parlamento Inglês. Todas essas ações trazem, de acordo com os adeptos, uma proximidade da comunidade e uma sensação de confortabilidade.

Passar um tempo com pessoas da mesma que religião, parece ganhar extrema importância através da escrita dos respondentes e das falas dos entrevistados. “[...] se você conhece um zoroastriano, isso torna mais confortável ao ter uma conversa e ao interagir socialmente com ele. E eu penso que é muito importante, como uma religião minoritária, permanecer em grupo e estar juntos com eles⁵⁷” (BHADHA, 2019).

A Respondente 25 traz uma fala curiosa a esse respeito. De acordo com ela, a ZTFE “atende funções sociais e religiosas. Sou sempre bem-vinda. Me sinto parte da comunidade. Sem racismo. Temos muito em comum⁵⁸”. Associa esse depoimento com a já citada fala do Respondente 11, “A cultura britânica é muito hostil aos de fora, especialmente com os de cores diferentes⁵⁹”. Observamos o retrato de uma comunidade que por pertencer a regiões do Oriente, enfrentam desafios ao se estabelecerem em outros locais, desafios estes intensificados quando localizados em países ocidentais. O racismo e o preconceito contra o imigrante aparecem como fatores que promovem uma necessidade de permanecer juntos em comunidade. Por essa razão a palavra “confortável” aparece nos discursos dos adeptos para

⁵⁷ Texto original: “, if you know a Zoroastrian makes you more comfortable to have a conversation and socially interact with them, as well. And I think it’s much more important, as a minority religion to stay in a group and to stay with them full and with each other”.

⁵⁸ Texto original: “attend social and religious functions. Always welcome. Feel part of a community. No racism faced. Have lots in common”.

⁵⁹ Texto original: “British culture is very hostile to foreigners, especially of different colour”.

caracterizar a relação entre pertencentes da mesma religião. A Respondente 25 se sente bem-vinda em um espaço onde frequentam os adeptos, os quais ela observa e percebe pontos em comum, o que faz com que ela se sinta em comunidade.

Vemos que estar em comunidade vai além da ideia de rezar juntos ou participar de cerimônias juntos. Malcolm destaca o lado psicológico da ação de estar em companhia. Pelo fato de ser uma religião que se pratica majoritariamente em casa, a solidão pode ser facilmente sentida entre os adeptos. Dessa forma, os encontros na ZTFE auxiliam também nesse sentido, principalmente entre os mais velhos já aposentados.

Eu penso que nós não podemos ser uma ilha de nós mesmos. Você tem que se encontrar e interagir com os outros. E isso pode ajudar especialmente quando há uma preocupação com a ideia de identidade, mas também mais importante ainda, para cuidar da sua saúde psicológica. Por que eu digo isso? Isto é, se associando a pessoas do seu próprio tipo, melhora a sua perspectiva. Como a solidão. A solidão pode ser um grande problema, [...] ela é sentida pelos Zoroastrianos. [...] E uma das razões pelas quais estamos aqui, a Zoroastrian Centre ajuda porque é um ponto foco para vir e visitar. As pessoas vêm aqui não só quando elas querem celebrar, mas eles vêm sozinhas para rezar⁶⁰ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

Observamos acima pontos de destaque sobre o papel da ZTFE ligados principalmente a questões funerárias, sociais e religiosas. Por todo período de desenvolvimento da instituição e com mandatos de diferentes presidentes, a ZTFE formou o quadro atual passando gradualmente por cada etapa. De acordo com Hinnells (2005), a instituição evoluiu de “um clube informal funerário, para um clube social, e agora para uma comunidade religiosa” (HINNELLS, 2005, p. 354). Dessa forma, as primeiras preocupações dos dirigentes estavam relacionadas principalmente a questões pós-morte, ponto tão delicado e complexo dentro da estrutura religiosa, explanados pela criação do cemitério de Brookwood. Anos mais tarde se tinha uma preocupação social, principalmente com a vinda de estudantes e com a necessidade de se ter uma casa para recepção. Por último, uma preocupação religiosa em expandir o local, criar uma Sala de Orações e contratar um sacerdote de tempo integral. O documento de 1959 pedindo por uma sede nova, escrito pelo presidente Jehangir D. Moss, indicava: “Um zoroastriano não pode viver sozinho. O

⁶⁰ Texto original: “That, I think that one can not be an island of themselves. You have to meet, bound with others. And that would help especially when the idea of identity is concerned, but more importantly for your psychological well be. Why do I say that? It is this, that, by associating with people of your own kind also improve your outlook. Like loneness. Loneness can be a big problem, [...] isolation is felt by Zoroastrians. [...] And one of the reasons are also here, the Zoroastrian Centre helps because it’s a focal point to come and visit. And people come here not only when they want to celebrate, but they just come by their selves... to pray”.

lado espiritual da vida é de importância vital para qualquer comunidade religiosa [...]. Uma casa espaçosa com uma grande sala para assembleias e um local próprio para cerimônias digna de nossas tradições, é uma necessidade real” (HINNELLS, 2005, p. 354).

O documento afirma um receio do presidente em perder fiéis para outros círculos sociais ou religiosos, principalmente entre os mais jovens. Religiões proselitistas e o contato com mais pessoas de outras fés eram vistos com perigo para uma comunidade tão pequena como a zoroastriana. E o interessante de se notar é que a responsabilidade em não deixar que isso ocorra, procurando novas medidas, vem da própria instituição, o que lhe atribui a funções discutidas e afirmadas acima.

De modo geral, a ZTFE possui um papel fundamental em manter e incentivar a relação entre sujeito e religião. Além disso, a instituição oferece um desempenho social para os adeptos. Podemos pensar que esse quadro se desenvolve dessa maneira por se situar em um contexto migracional. Provavelmente no Irã ou na Índia, os templos ou instituições não se caracterizam dessa forma. Abordaremos essa questão no próximo tópico.

4.4.3 “Your religion is not known”: mudanças

Imaginemos uma população que tem em comum a fé no mesmo deus. Essa fé se desenvolve em um conjunto de práticas e ritos que passam a ser organizados e estabelecidos, formando uma religião. Por vez, essa religião carrega estruturas muito características do local onde ela foi fomentada, como a língua das escrituras, as vestes que se usam, entre outras práticas que a tornam uma religião étnica. Além disso, é estabelecido que conversões para essa religião não podem ser realizadas, caracterizando ainda mais como a religião de um povo só.

Entretanto, no decorrer dos tempos, esse povo é obrigado a sair de sua região e a encontrar lugares mais seguros e oportunos pelo mundo. Entre os diversos locais em que esse povo se estabeleceu, algumas regiões eram culturalmente mais próximas deles, o que de certa forma facilitou a acomodação. Outras regiões, no entanto, eram completamente diferentes. Pensavam, agiam, se comportavam e se vestiam de formas diferentes. Sendo uma minoria nesses novos lugares, esse povo teve que se adaptar e incorporar mudanças que deixavam suas práticas mais próximas dos padrões das regiões.

A chegada ao Ocidente certamente foi o processo mais abrupto enfrentado pelos zoroastrianos. As duas últimas perguntas do questionário aplicado, referem-se a religião e aos religiosos nos países ocidentais e em países orientais. Quando perguntado sobre as diferenças em ser zoroastriano na Inglaterra e no continente asiático, as respostas variam entre grandes diferenças e nenhuma diferença.

Começaremos pelo menor número. Oito respondentes afirmam que ser zoroastriano na Inglaterra ou no Oriente, não tem nenhuma distinção. Entre as respostas, observamos a presença de uma crença do Zoroastrismo como uma religião universal, onde não haveria variação de local para local. O respondente 17 escreve “Não tem diferença nenhuma. Você continua a seguir sua religião⁶¹”. O respondente 29 também afirma “Não, eu penso que ser zoroastriano de coração é ser zoroastriano em qualquer lugar em que ele ou ela esteja⁶²”.

Esses dois exemplos apresentados são de sujeitos com 80 e 79 anos respectivamente e vindos ambos da Índia. Ou seja, eles carregam experiências e vivências da prática zoroastriana nos dois continentes. Essa é a realidade de quase todos os oito adeptos que fazem parte do grupo dos que não pontuam diferenças. Todos, exceto o Respondente 19, nasceram na Índia e agora moram na Inglaterra. A média de idade entre eles se encontra entre os 69 anos, uma média mais velha se compararmos com a média geral (61 anos).

Por outro lado, 12 pessoas afirmaram a existência de alterações no ser zoroastriano no Oriente e Ocidente e apontaram importantes questões. Entre as mais citadas estão pontos que envolvem a comunidade tanto zoroastriana quanto de fora. Os adeptos alegam que na Inglaterra não se tem tantos amigos dentro da fé zoroastriana como no Oriente. Dessa forma, a comunidade não é tão próxima geograficamente falando. Na Inglaterra, os adeptos estão dispersos por todo país, embora a concentração seja maior em Londres. Junto a isso, a ZTFE é uma das poucas instituições zoroastrianas na Inglaterra, o que torna as opções de visita a templos e encontros entre adeptos, bem menor, se compararmos à Índia, por exemplo.

Ainda sobre a comunidade, os adeptos apontam que menos pessoas sabem sobre o zoroastrismo na Inglaterra. De fato, é uma religião pouco conhecida

⁶¹ Texto original: “There is nothing different. You continue to follow your religion”.

⁶² Texto original: “No, I think a Zoroastrian at heart is a Zoroastrian wherever she/he may be”.

no Ocidente. Em países do Oriente, como Irã, Índia e Paquistão, a religião é muito mais conhecida por ter um número maior de adeptos e por ter se desenvolvido nessas regiões, fazendo parte da história desses países há séculos.

Os Zoroastrianos têm sempre se amalgamado nas culturas dos países em que ele ou ela tornam como casa. A diferença é que talvez estejamos mais espalhados e tendo apenas um lugar de encontro religioso, somos frequentemente mais distantes de ser ativos, como seria na Índia, onde um lugar para adoração é mais próximo. A não ser que você esteja em alguma parte distante do país onde tudo é igual. A sua religião não é conhecida e você tenta ao máximo para se encaixar em uma nova cultura⁶³ (RESPONDENTE 20, 2019).

A fala do Respondente 20 se apresenta como um “desabafo” diante do não-conhecimento da religião na Inglaterra e pela tentativa de se “encaixar” na sociedade. Trago neste momento um dos questionamentos iniciais da pesquisa: “Como se reconhecer como um zoroastriano em um espaço em que as pessoas não sabem o que é o Zoroastrismo?”. Visualizamos aqui um exemplo do sentimento imigrante em relação a uma sociedade que pouco o conhece e pouco parece estar disposta a recebê-lo. Sobre a última frase da fala do Respondente, observamos uma iniciativa, ou uma movimentação, por parte do adepto em tentar se inserir nos padrões da sociedade de destino. Dessa forma, diante dos conflitos e reações sociais entre imigrante e nativo, podendo ser exemplificados por olhares e comportamentos hostis, o imigrante não permanece passivo, realizando tentativas de acomodação na sociedade. Entre elas, podemos cogitar uma mudança na vestimenta, na fala, em hábitos alimentares, na convivência com grupos, entre outros.

O Respondente 20 também afirma que os locais de adoração são mais próximos na Índia, o que torna a relação entre os adeptos mais fácil e recorrente. Já no caso da Inglaterra, a situação é oposta. O descontentamento da fala do adepto está no fato de que além dos britânicos não-zoroastrianos não conhecerem a religião, não há muitos espaços para que os adeptos se encontrem com mais frequência.

Outro ponto destacado entre os respondentes, é a presença e função do templo. Como citado em algumas falas analisadas, em países no Oriente se tem mais templos do que no Ocidente. Além dessa questão numérica, os adeptos apontam que

⁶³ Texto original: “The zoroastrian has always amalgamated into the culture of every country he or she has made home in. The difference is that perhaps we are more spread out and with just the one religious gathering place you are more often than not a bit distanced from being active as you would when back in india where a place of worship is nearby. Unless you are in a distant part of the country where everything is similar. Your religion is not known and you try your best to fit into a new culture”.

nos templos orientais, só é permitida a entrada de adeptos, enquanto no Ocidente outras pessoas podem realizar visitas às instituições.

Sobre essa questão, trago um importante inquietamento que apareceu antes e durante o trabalho de campo.

Desde que iniciei meus trabalhos na graduação sobre o estudo do Zoroastrismo, acompanho pelas redes sociais páginas relacionadas ao Irã e sobre a religião. Entre essas páginas, acompanho o trabalho da *California Zoroastrian Center*, um grande templo zoroastriano construído na cidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Ao observar a grandiosidade do templo CZC, me perguntei o porquê de não haver um templo parecido na Inglaterra, já que a comunidade inglesa é bem mais antiga do que a estadunidense.

A resposta da Respondente 08 para a questão sobre diferenças em ser zoroastriano, dialogou com minha inquietação sobre a problemática. “Como eu mencionei, nós não temos um Templo do Fogo – eu não sei o porquê da gente não ter construído um Templo do Fogo AINDA!⁶⁴”. Na fala da Respondente 08 vemos além de uma inquietação, uma chateação por não se ter construído um Templo do Fogo na Inglaterra.

Ainda analisando a fala da Respondente 08, o Templo do Fogo pode ser visto como um símbolo da identidade zoroastriana, sendo não somente um local onde se frequenta para realizar orações e participar de celebrações, mas também é o local onde está o fogo, um elemento de extrema importância para o Zoroastrismo. Relembro que ao fogo está envolto em sacralidade, pois ele é a presença de Ahura Masda e de sua sabedoria. Desse modo, para uma adepta de 71 anos que nasceu na cidade de Áden no Iêmen (onde se tem a presença de Templos do Fogo), residir em um novo espaço, no qual a comunidade zoroastriana já se mantém há mais de um século, porém não ter a presença do Templo do Fogo, parece algo incabível. Sentimento esse que interpretamos através de sua fala e do uso de letras em caixa alta e ponto de exclamação, atribuindo atenção e mostrando sua insatisfação.

Durante a entrevista com Malcolm Deboo e Yazad T. Bhadha, levei o exemplo da fala da Respondente 08 e levantei a questão sobre os templos. Surpreendentemente, Yazad foi o primeiro a responder no segundo após em que terminei a questão. “Eu não acredito que nos Estados Unidos tenha algum Templo do

⁶⁴ Texto original: “As I mentioned we don’t have a Fire Temple - I don’t know why we have NOT built a Fire Temple!”

Fogo consagrado. Acredito que são mais como *dar-e-mehr*, os quais nós chamamos de casa do fogo⁶⁵ [...]”. A rápida resposta de Yazad me faz pensar em um possível aborrecimento em relação ao tema, e em uma necessidade de explicação. O entendimento se faz completo com a fala que Malcolm apresenta em seguida.

Sim, o que está acontecendo, como mencionei, você pode ver, nós não temos uma estrutura central. Então a comunidade zoroastriana da América do Norte tem decidido estabelecer suas novas credenciais, as quais eles sentem que agora em um novo país eles devem significar uma nova identidade. Então, com todos, eles emprestam algo da Índia e eles têm seu próprio (inaudível). O que foi estabelecido foi um lugar para adoração, um lugar zoroastriano para adoração, o qual a América do Norte se classifica com Templo do Fogo, ou *dar-e-mehr* a casa do fogo. Mas a ideia... eles são diferentes do Irã e da Índia. O que significa que na Índia, todos os locais de adoração para zoroastrianos são exclusivos para zoroastrianos. [...] Na América do Norte o lugar de adoração é aberto a todos⁶⁶ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

É possível perceber que Inglaterra e Estados Unidos tomam decisões diferentes quando se trata da organização institucional da religião. Através da fala de Yazad e Malcolm, percebe-se uma certa aversão ao modo como a comunidade estadunidense vem se estabelecendo. Talvez por estarem revendo certas ordens zoroastrianas que não podem mais ser aplicadas em uma região imigrante ocidental, caso contrário veríamos rapidamente o fim da religião. Ao acessar a página da CZC pela plataforma do *Facebook* é possível encontrar tanto em fotos quanto em comentários a presença de não-zoroastrianos no grande templo, participando das celebrações. De acordo com Malcolm, essa forma de organização que se faz nos Estados Unidos acaba por se afastar dos grandes Templos do Fogo na Índia, templos estes que possuem mais credibilidade na lógica zoroastriana.

Sobre não ter um Templo do Fogo na Inglaterra, Malcolm expõe que houve tempos em que se tinha a vontade de estabelecer, mas que a ideia é mais complexa do que se parece. O primeiro ponto que justifica a ausência do templo é que, na visão de Malcolm, a comunidade zoroastriana não estava ancorada o bastante para que estabelecesse. Esse caminho parece estar melhor estruturado nos dias

⁶⁵ Texto original: “I don’t think in United States are any consecrated Fire Temple as such. I think there are most *dar-e-mehr*, which we say a house of fire as such”.

⁶⁶ Texto original: “Yeah, what is happening is that mentioned, you see, we do not have a central structure. So the North Americans Zoroastrian community has, has decided to established their own new credentials, which they feel that now in a new country they have to mean the new identity. So, like everyone, they borrow something from India and they have their (inaudível). So what is established is a place of worship, which a Zoroastrians place of worship, which a, the North America classify themselves as Fire Temples, or *dar-e-mehr* a house of fire. But the idea... they are different from the Iranian and the Indian. What means that they, in India, most of... all of Zoroastrians place of worship are very exclusive to Zoroastrians only. [...]In North America, the place of worship are open to all”.

atuais. O segundo ponto se refere à complexidade em estabelecer um Templo do Fogo, e com isso na dificuldade em ter uma chama de fogo sempre acesa e cuidada. Chama essa que inclusive deve vir do fogo sagrado que se tem nos templos do Oriente. Lembro que no Zoroastrismo o fogo é categorizado em níveis de sacralidade conforme sua procedência ou sua idade. Por fim, Malcolm diz que a vontade de se estabelecer um templo na Inglaterra foi amenizada com a construção da Sala de Orações e com a presença do sacerdote Yazad, que de acordo com ele, cumpre as funções básicas que um templo ofereceria.

Então, nós podemos ser atrasados se comparados com a comunidade da América do Norte [...] o nosso local de adoração é basicamente o que você veria em um Templo do Fogo zoroastriano, menos o fogo, contudo. Isso é uma coisa básica que não está lá. E por causa disso, algumas pessoas sentem que não é um local apropriado para adorações, e nós aceitamos essa ideia. Mas outros sentem “olha, esse é o único lugar que temos e nós precisamos visitar e interagir”. É isso que acontece⁶⁷ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

Se observamos que o Templo do Fogo pode ser visto como um símbolo da identidade zoroastriana, a criação da Sala de Orações e a presença de Yazad podem ser compreendidas como manobras para suprir as necessidades dos adeptos, e formas de solução para os desafios que a comunidade enfrenta. Certamente a oferta da ZTFE não é um Templo do Fogo, mas assim como no caso dos ritos funerários, nem tudo é cabível de ser transmitido para regiões do Ocidente. Entretanto, alguns adeptos podem mostrar um descontentamento em relação ao caso, como a Respondente 08.

Uma outra mudança relacionada aos templos que os adeptos destacaram nas respostas é função destes no Oriente e no Ocidente. De modo geral, foi apresentado que na Índia⁶⁸ a comunidade frequenta os templos para realizar orações, celebrações, festivais ou práticas funerárias. Isso limita as relações entre adeptos na Índia principalmente no âmbito religioso. Na Inglaterra, a ZTFE (entre outras instituições) assume um papel social, como vimos no tópico anterior. “No Reino Unido você encontra amigos e família. Mas na Índia, você vai ao templo com finalidades mais

⁶⁷ Texto original: “Okay, we could be slow compared to the North America community [...] our place of worship, it is basically... it is what you would see in a functionally Zoroastrian Fire Temple, but minus the flame. That is a basic thing that is not there, you know. And because of that, people feel that this is not a proper place of worship, which we accept, you know. But others feel that “look, this is the only place we got and we need to come and associate ourselves. So that’s what happens”.

⁶⁸ Os adeptos em sua maioria utilizaram a Índia como exemplo, porém acredita-se que em outros países do Oriente a situação se encaixe de maneira parecida se não idêntica.

restritas, apenas orações, não necessariamente ver seus amigos⁶⁹". (Respondente 15). "Nós somos menos ortodoxos em Londres. As pessoas se encontram socialmente em comunidade mais do que na Índia, onde eles se encontram nos templos para funerais, mas não muito como um grupo social⁷⁰" (Respondente 22).

Esse ponto dialoga diretamente com o que foi apresentado sobre o papel da ZTFE na vida dos zoroastrianos que habitam a Inglaterra. O caráter de auxílio social e socialização da comunidade se apresenta como uma função da instituição e se mostra também como ponto de diferenciação entre instituições britânicas e templos no Oriente. Observa-se que parte dessa característica social se dá pelo fato de tratarmos de um ambiente não só imigrante para os zoroastrianos, mas carregado de padrões e estéticas distintos de seus locais de origem no Oriente.

Questões mais delicadas também foram trazidas pelos adeptos através dos questionários e explanadas por Malcolm durante a entrevista. Sobre práticas religiosas, mudanças também são avistadas nesse âmbito. Entre elas, um rito de extrema significância: o rito funerário. Esse rito define muito das crenças dos zoroastrianos sobre sua relação com o mundo e com a natureza. Para eles, nosso corpo sem vida é sinal de poluição, e deve ser procurado o melhor aproveitamento desse material que não polua o meio ambiente. Como trabalhado e detalhado nos capítulos anteriores, enterrar, queimar, oferecer aos rios e mares não são soluções que se enquadram nos padrões morais zoroastrianos. Desde a antiguidade então, no Oriente, os zoroastrianos utilizam do que se chama *Dakhma*, Torre do Silêncio em português.

Já é de se imaginar que a prática tão significativa de disposição dos corpos, não seria aceita nos padrões ocidentais.

Então nós tivemos que nos ajustar quando chegamos na Bretanha. Nós tivemos que nos ajustar e um dos ajustes era na verdade que nós não poderíamos ter uma Torre do Silêncio. [...] Claro que na cerimônia dos mortos as rezas são diferentes, mas a própria prática também é diferente porque nós não temos uma Torre do Silêncio. Então quando alguém morre na Índia, o sacerdote zoroastriano irá conduzir a cerimônia de forma diferente do que é conduzido aqui, porque aqui a opção seria cremação, ou enterro, ou levar o corpo de avião até a Índia, o que é muito raro. Mas na Índia, a grande maioria das pessoas que morrem vão para a Torre do Silêncio. Então a prática é diferente⁷¹ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

⁶⁹ Texto original: "In the UK you meet friends and family. But back in India, you go to attend in a more restricted manner, just prayers, not necessary to see your friends".

⁷⁰ Texto original: "We are less orthodox in London. The people meet socially within the community more than in India where they meet in the temple and for funerals but not so much as a social group".

⁷¹ Texto original: "So we had also to adjust when we came to Britain. We had to adjust, and one of the adjustment was actually that we can not have a tower of silence. [...] Of course, in the dead ceremony,

Relembro que em 1901 foi criada a repartição exclusiva no Cemitério de Brookwood somente para enterros zoroastrianos. Mesmo sendo contra as crenças da religião, foi a melhor forma de solucionar o problema do corpo pós-morte, já que enviar a Índia exigia muito processo e dinheiro.

Se os funerais sofreram mudanças, os casamentos também passam por uma situação polêmica. Sabe-se que dentro do Zoroastrismo, se relacionar e se casar com pessoas da mesma religião é uma exigência dissolvida nos ensinamentos e na criação dos filhos. Isso se dá pela crença que o filho só é zoroastriano se pai e mãe também forem. Até mesmo nos países do Oriente essa questão se diverge, se pode ou não aceitar filhos de casamentos mistos na iniciação da fé zoroastriana.

John Hinnells (1996) nos traz um dado obtido no final da década de 80 em que $\frac{2}{3}$ da população zoroastriana que vive na Grã-Bretanha desejam se relacionar com pessoas da mesma fé e acreditam que o casamento misto traz pontos negativos para religião. De acordo com Hinnells, aqueles que casam fora da fé são os que possuem cargos mais altos, ou que nasceram na Grã-Bretanha, ou que não querem voltar para a região de origem. Principalmente entre os mais tradicionais que vieram de regiões rurais ou pequenas vilas, casar fora da fé é uma vergonha para os pais, o que se autentica pelo fato de muitos sacerdotes não realizarem a cerimônia. Em algumas regiões é como uma exclusão da comunidade zoroastriana, os quais aqueles que se casam fora da fé se sentem invadidos por um misto de confusão, culpa e hipocrisia. Hinnells traz a fala de uma adepta, “Se eu não encontrar um parsi que é compatível, acho que não me casaria”.

Casamentos mistos também aparecem nas respostas dos respondentes do questionário da pesquisa. São citados por se referirem às mudanças entre o Oriente e Ocidente. De acordo com os respondentes, todos aqueles que citaram casamentos mistos nas respostas, colocaram a questão como sendo permitida ou menos exigida nas regiões imigrantes ocidentais. Respondente 5 enfatiza a respeito

the prayers are different, but the actual practice is different because we just do not have the Tower of Silence. So when somebody passes in India, the Zoroastrian priest in India will conduct the ceremony differently to what is conducted in here, because here the option will be cremation, or burial, or it will choose to fly the body back to India, which is very rare. But the... in India, the vast majority of people who die goes to the Tower of Silence. So that practice would be different”.

do Zoroastrismo no Ocidente “Eu diria autorizar casamentos mistos, entretanto isso vem acontecendo em todo lugar agora⁷²”.

A permissão para casamentos mistos ou então a menor exigência, pode ser vista como um ponto negativo para alguns adeptos que acreditam que dessa forma, a religião perca suas características tradicionais, mas também como um ponto positivo para aqueles que enxergam o fim da religião próximo, assim, podendo permitir que filhos de casamentos mistos também iniciem o processo dentro da religião.

Em uma das perguntas realizadas durante a entrevista, questionei Malcolm sobre a possível existência de uma pressão sobre a comunidade zoroastriana mais jovem em se casar com pessoas da mesma fé. Malcolm afirma que a pressão existe, mas que sempre esteve presente. A pressão está não somente em achar um parceiro dentro da fé, mas em manter a fé viva caso se case com alguém de outra religião. Isso acontece pelo fato do Zoroastrismo ser uma religião em minoria, afirma Malcolm.

Casamentos e relacionamentos de fés mistas estão crescendo mais do que nunca. Para uma comunidade pequena como nós, isso é um desafio. E é aí onde a pressão existe... em nós, para mantermos (inaudível). O outro desafio, o desafio de casamentos e relacionamentos mistos, sem ser na mesma divisão, sendo uma comunidade pequena como a nossa, acabamos desfavoráveis. [...] Vamos olhar um relacionamento entre um hindu e um zoroastriano. Okay, ambas religiões minoritárias e ambas religiões não-proselitistas. A comunidade hindu é muito, muito maior que a comunidade zoroastriana. O que acontece é que quando essas duas pessoas se casam, eventualmente a assimilação é mais da parte zoroastriana do que da hindu⁷³ (DEBOO, 2019, tradução da autora).

Malcolm atribui os casamentos mistos como uma realidade do período. É ainda colocado que as atuais formas de comunicação através da internet e redes sociais são um ponto positivo para zoroastrianos que desejam conhecer parceiros da mesma fé. Aplicativos e grupos de relacionamentos são criados especialmente para os adeptos da religião com o objetivo de facilitar o intermeio entre eles. Deboo ainda

⁷² Texto original: “I would have said allowing mixed marriages however that’s happening everywhere now”.

⁷³ Texto original: “Mixed faiths marriages, relationships are increasing than ever before. So for a community, a small one like us, that would be a challenge. And that’s where the pressure is... on us to maintain (inaudível). The other challenge, the challenge of mixed faiths marriages or relationship, not in the same sub mixed faiths relationships, it is because a small community like ours ends with a short straw. Let us, let us look at, for instance a relationship between a Zoroastrian and a Hindu. Okay, both minority religions. Both not proselytizing religions. But the Hindu religions community is far, far larger than the Zoroastrian community. So... so what is happening when this two people marry or get together, eventually that assimilation is more from the Zoroastrian side than the Hindu side”.

exemplifica que já encontrou jovens zoroastrianos que se conheceram por meios desses aplicativos e se casaram.

Para uma religião fechada como o Zoroastrismo, casamentos são assuntos delicados e polêmicos, pois carregam consigo opiniões divergentes que podem ou não interferir na diminuição do número de adeptos da religião ou no fim desta. Sabe-se que ao chegar em uma região imigrante, se relacionar com uma pessoa da mesma fé se torna mais complexo. No caso da comunidade na Inglaterra, vimos que o grupo se estabeleceu de maneira dispersa, o que torna mais difícil o encontro entre adeptos. Contudo, o senso de comunidade parece importante entre os zoroastrianos imigrantes que assimilaram a prática da reza individual nas instituições com a socialização em grupo. Parte dessa socialização se afirma também através da tecnologia que auxilia na criação de uma rede de adeptos virtual, como apresentado por Malcolm na fala presente na página 93 da pesquisa⁷⁴.

Além das questões apresentadas até aqui sobre as mudanças de ser zoroastrianos no Oriente e Ocidente, alguns respondentes também levantaram pontos que não se referem diretamente a religião, mas que caracterizam transformações. O Respondente 13 explica que vê mudanças da seguinte forma: “É diferente se comparado com outros continentes pois você se encaixa em outras culturas e em contextos sociais. Você cresce com diferentes estruturas de pensamento. Você tem mais opções de trabalho, estudo, amigos, conhecer parceiros e empregos⁷⁵”.

Principalmente quando falamos de emprego e estudo, a Europa e os Estados Unidos parecem ser pontos de destaque para imigração. Sabe-se que as imigrações podem ser impulsionadas por vários motivos, entre eles, a procura por melhores oportunidades de estudo e de trabalho, que aparece em quadros gerais, mas também especificadamente entre os zoroastrianos. Destaco que esse fator se aplica aos imigrantes de primeira geração por realizarem o ato de migrar, e os de segunda geração por permanecerem no local de nascimento, sendo este um ponto de atração significativo.

⁷⁴ Apresento o recorte da fala em questão: “Mas outras vantagens na era pós-internet das mídias sociais. O que nós estamos testemunhando é que se tem grupo de conversas zoroastrianos, como qualquer outro grupo de conversa, vindo junto” (DEBOO, 2019).

⁷⁵ Texto original: “It is different compared to other continents as you're fitting into other cultures and social settings. You grow up with different mind sets. You have more options with work, study, friends, meeting partners and jobs”.

É uma característica da comunidade zoroastriana inglesa o alto nível de educação dos imigrantes. Muitas vezes os adeptos em suas regiões de origem absorvem o potencial educacional da região, mas averiguam uma rede de oportunidades e maior diversidade em outros locais. A imigração nesse caso, ocorre pela procura de um maior crescimento e desenvolvimento que muitas vezes não é ofertado pelo local de origem (HINNELLS, 1996). Utilizemos como exemplo o Irã, onde grande parte dos indivíduos que saíram do país, são altamente escolarizados (já graduados) e saem em busca de oportunidades de emprego, pois o contexto iraniano não atende as necessidades, e a censura sofrida no país acaba por limitar o trabalho e as pesquisas acadêmicas. É o caso que podemos caracterizar como *brain drain*. (HAKINZADEH, 2016).

Como último ponto para finalizar o capítulo, apresento uma pequena análise sobre o pensamento do adepto zoroastriano em destacar ou não mudanças na vida religiosa entre o Oriente e o Ocidente. Primeiramente, por que enxergar que não há mudanças? Penso que os adeptos que correspondem a essa ideia não necessariamente discordam com as respostas inversas de outros zoroastrianos. Para alguns, as adaptações que ocorrem na religião podem significar um ponto negativo, uma perda de credibilidade, quase uma sensação de constrangimento como se a religião perdesse suas raízes e seus valores. Dessa forma, os respondentes que dizem não haver mudanças, criam e expõem essa ideia para quem lê as respostas, com o intuito de criar uma imagem intocável da religião.

Por outro lado, por que enxergar que há mudanças? Para os adeptos que destacam os movimentos de adaptação da religião, esses pontos também são vistos de forma negativa, porém acompanhados por um tom de denúncia. Vemos em muitos depoimentos um sentido de alerta e reclamação relacionados aos apontamentos das transformações. O Respondente 11 diz: “Perda dos valores tradicionais; cultura fria baseada em valores mercantis e no dinheiro. A nossa diáspora é quieta e esquecida. Eu sou um artista e quase ninguém sabe da nossa diáspora, mesmo em círculos artísticos (supostamente) mais esclarecidos⁷⁶”.

Um outro exemplo interessante é o depoimento da Respondente 08 que utiliza o espaço da resposta para fazer uma reclamação sobre a presença de

⁷⁶ Texto original: “Loss of traditional values; cold culture here based on mercantile values and money. Our diaspora is quiet and forgotten. I am an artist and hardly anyone knows about our diaspora, even in (supposedly) more enlightened artistic circles”.

muçulmanos na Inglaterra. Ela inicia a escrita dizendo que mesmo não tendo um Templo do Fogo na Inglaterra, se tem a presença da ZTFE e que ela realiza na casa dela as orações zoroastrianas também.

Eu tenho uma pequena sala de orações na minha casa e todos os itens religiosos e de oração que eu preciso para ascender meu Divo e o Fogo para executar minhas rezas diárias. Nós não obstruímos ruas e estradas como os muçulmanos que saem de suas mesquitas para rezar nas estradas, bloqueando as ruas. Isto não é certo!! Nós não forçamos nossa religião e nossas crenças em outras pessoas!! Nós não pedimos por nenhuma lei especial como os muçulmanos que exigem a Sharia⁷⁷ etc. Nós somos gratos por viver em paz aqui na Grã-Bretanha e seguirmos as leis da Terra!! Se os muçulmanos querem ter suas próprias leis então eles deveriam viver em países muçulmanos onde tais coisas são permitidas⁷⁸ (RESPONDENTE 08, 2019, tradução da autora).

A Respondente 08 foi a única participante que citou muçulmanos em sua resposta e ainda foi a única que trouxe um tom de hostilidade em relação a outros sujeitos sociais. Durante a entrevista realizada com Malcolm e Yazad os muçulmanos foram citados, mas somente para referir-se em outro assunto e não de maneira intolerante. O caso da Respondente 08 é um caso isolado se levarmos em conta as exposições realizadas pelo público que abrangeu a pesquisa.

Entre pontuar diferenças ou não, todos são zoroastrianos. Tanto nos países de origem quanto nos de destino essas pessoas continuam adeptas da religião. Certamente passando por adaptações referente as condições e padrões de seu contexto, como acabamos de ver. A partir disso, penso que ao citar algumas das dificuldades levantadas por aqueles que notam a diferença entre ser zoroastriano na Inglaterra, todos os 29 respondentes, de certa forma, viriam verdade nas afirmações e se reconheceriam nas falas. Reconhecer ou não as diferenças, não está atrelado a divergência de experiências entre concordar e discordar, mas muito mais entre qual discurso sobre minha religião quero construir e passar. Ou seja, a divergência está em como eu formulo minha fala e qual impressão quero construir.

Finalmente, acredito que todas as mudanças citadas pelos adeptos ao tom de críticas, são construídas desta forma por estarem relacionadas ao perfil dos

⁷⁷ Sharia ou Xaria é conhecido atualmente como as leis islâmicas. São caminhos e direções que o muçulmano pode seguir.

⁷⁸ Texto original: "I have a small prayer room in my house & all the prayer / religious items I need to light my Divo & Fire to carry out my daily Prayers! We don't Obstruct streets & Roads e.g. like the Muslims *thstb* pour out of their Many Mosques & Pray on the road outside blocking the roads outside etc. That is not right!! We don't Force our religion or Beliefs onto other people!! We don't ask for any special Laws like the Muslims demanding for sheriya laws etc. We are grateful to be able to live peacefully here in Britain & follow the laws of the Land!! If the Muslims want to have their kind of laws then they should him& live in Muslim countries where such things are available!!"

respondentes. Além de terem a média de 61 anos, são pessoas que frequentam mais a ZTFE do que a WZO, e isso é significativo porque, como vimos através de Hinnells (1996), a ZTFE tem uma estrutura mais a favor do tradicionalismo zoroastriano oriental, enquanto a WZO tende a ser um grupo mais jovem e mais aberto as mudanças.

5. CONCLUSÃO

O movimentar-se dos humanos parece ser um tema que gera muito interesse e curiosidade. Não à toa, se pensarmos nos padrões e características de cada grupo e sociedade, veremos grande diversidade. Espantos as vezes surgem também, quando algumas práticas se diferenciam bastante da nossa realidade. Mas e quando, através do movimento, grupos tão distintos acabam vivendo no mesmo local?

Várias perguntas começam a rondar nossas mentes. E foi dessa forma que o interesse em realizar a pesquisa surgiu. Como os zoroastrianos vivem na Inglaterra? Será que eles ainda fazem as mesmas práticas que costumavam fazer no Oriente? Quais os desafios que eles passam? Eles ainda se identificam como zoroastrianos? Mas o que é ser zoroastriano no Ocidente?

É uma história complexa que rendeu mais de 100 páginas.

Procurei responder as perguntas dividindo a dissertação em três capítulos de desenvolvimento. O primeiro abordando um conteúdo mais teórico e metodológico; o segundo apresentando contextos e complexidades sobre o desenvolver da História da religião zoroastriana e seus adeptos; e o terceiro, o ponto forte do trabalho, expondo as análises das problemáticas referente aos objetivos da pesquisa.

No que se refere as fontes históricas, foi trabalhado com questionários online e entrevistas, passando também pela cultura material, em fotografias. Para chegar as análises e conclusões, contei com a participação de 29 migrantes zoroastrianos que viviam no ano de 2019 na Inglaterra e que vieram de diversos países, como Índia, Iêmen, Tanzânia, Hong Kong, Quênia, Seicheles e Inglaterra. Nas entrevistas tive o prazer de conversar com o presidente da *Zoroastrian Trust Funds of Europe* (ZTFE), Malcolm Deboo, e o sacerdote da instituição Ervard Yazad T. Bhadha.

A respeito dos objetivos, tracei caminhos que buscavam discutir o conceito de identidade entre os migrantes zoroastrianos na Inglaterra. Fluíram algumas questões a partir dessa iniciativa, como, de que maneira se organiza essa comunidade na Inglaterra? Quais os desafios ao viver em uma área com tantas dessemelhanças se comparado ao seu local de origem ou de sua família? E os conflitos geracionais? E o preconceito? E a formação dessa comunidade?

Comunidade. Nos deparamos com esse conceito. E foi utilizado inúmeras vezes em toda dissertação para fazer referência aos sujeitos zoroastrianos na Inglaterra. Entretanto, observamos que até mesmo dentro de um grupo numericamente minoritário, não há consenso em todas as questões que envolvem o contexto, ou seja, até que ponto há uma comunidade?

Acredito que o uso do termo não esteja incorreto. Embora seja um grupo com grandes diversidades internamente, quando inseridos em um contexto imigrante, enxergamos os pontos em comum entre os adeptos. A começar pela identificação religiosa, e passando pela educação familiar, até chegar nas expectativas que se esperam de um zoroastriano.

A comunidade zoroastriana inglesa é composta por adeptos dos mais diferentes aspectos. São diversos os locais de origem, os locais de moradia, as faixas etárias, os níveis de instrução educacional, os empregos, e até mesmo as formas de se praticar a religião e seguir os ensinamentos. Destaco que essa descrição é pautada no recorte temporal que temos da pesquisa, sendo este, o ano de 2019, quando foi realizado o trabalho de campo.

Ressalto também que através dos questionários aplicados, foi possível atingir somente um grupo dentro da comunidade zoroastriana. O perfil que faço referência, se molda da seguinte forma: sujeitos com média nos 61 anos de idade, vivem em Londres, nasceram na Índia e frequentam a ZTFE. Tenho a certeza que faltaram muitas outras opiniões e pontos de vista que poderíamos ter o contato diretamente através dos discursos, no entanto, compreender essa questão já é significativa e auxilia em entendimentos maiores sobre a comunidade e a pesquisa.

No que se refere a organização das análises, dividi as discussões em três pontos: A identidade, o papel da ZTFE e as mudanças. Nesta lógica, a partir destes tópicos foi possível compreender as complexidades que questionar a identidade dos sujeitos trazem. Trabalhamos muito além do que responder “o que define um zoroastriano na Inglaterra”, mas sim abordamos as inúmeras possibilidades que esse debate criou.

Dentro do tópico de Identidade, aponto algumas conclusões. Pela observação das informações analisadas, identidade e religião estão diretamente relacionadas. Essa relação aparece em três aspectos: família, comportamento e

comunidade. A partir da fala dos adeptos, organizei-as basicamente em “o modo como fui criado, o modo como me comporto, e a comunidade que me insiro”.

Essas relações aparecem de modo mesclado nos discursos e elas simbolizam um padrão criado pelos adeptos, que está diretamente associado ao perfil do grupo dos respondentes. Neste perfil, se traz a existência de símbolos que servem para certificar a identidade de um zoroastriano. Entre eles, a questão da língua, as vestimentas sagradas (sudre e kusti), a projeção dos bons pensamentos, boas palavras e boas ações, o casamento na fé, e até mesmo a figura do templo pode ser vista como um símbolo.

Dessa forma, o perfil também tece críticas relacionadas aos símbolos, ou melhor, ao abandono dos símbolos por certos adeptos. São criticados aqueles que não falam as línguas tradicionais, que não usam o sudre e kusti, que não se casam dentro da fé e que não frequentam as celebrações da comunidade.

Caminhamos também através dos desafios da comunidade, no qual levantamos uma importante questão: de que forma se identifica um zoroastriano em um espaço não só estrangeiro, mas que não sabe o que é o Zoroastrismo? Dessa forma, verificamos que esta relação entre zoroastrianos e não-zoroastrianos acaba por criar conflitos, gerando situações de preconceito e xenofobia aos imigrantes. Episódios estes que causam uma sensação de hostilidade a sociedade de destino.

Este sentimento muitas vezes trazido pelos adeptos, é associado a função da ZTFE e ao ideal de estar em comunidade. Diante de tais vulnerabilidades ao preconceito, quando se está inserido a um grupo de comuns, uma sensação de confortabilidade parece ser um passo importante na permanência em um espaço estrangeiro. Dividir experiências e diálogos, e se mostrar à disposição são características do papel desempenhado pela ZTFE. Percebemos que a instituição tem uma função além da religiosa, mas de prezar também pelo bem-estar do imigrante zoroastriano em contexto migracional.

Um outro movimento que surge também a partir do reconhecimento do preconceito contra o imigrante, além da procura pelo comum como mencionado, é a emergência da assimilação dos adeptos. Envolvendo diretamente questões geracionais, alguns zoroastrianos tendem a dialogar com a identidade britânica,

buscando uma inserção mais padronizada dentro do contexto britânico, afim de encontrar uma saída para os conflitos entre os padrões.

Parte dessa assimilação aos ideais britânicos é criticada por alguns adeptos que defendem a permanência das tradições ao estilo oriental, como observado parágrafos acima quando discutido sobre o abandono dos símbolos que marcam a identidade do zoroastriano (de acordo com o perfil dos respondentes da pesquisa). Os conflitos aparecem quando se assume a identificação religiosa ao Zoroastrismo, e junto, a identificação nacional ao ser britânico, ocasionando na interferência dos padrões de exigência entre as duas identidades. Ou seja, quando o que é exigido por uma, interfere no que é exigido por outra (WOODWARD, 2000). Quando colocamos a identidade zoroastriana diante da identidade britânica, as exigências podem não serem atendidas, sendo desviadas ou estranhas, tanto para o não-zoroastriano, quanto para o zoroastriano.

Dedicamos um último tópico da dissertação para a análise das mudanças entre a prática e comportamento do zoroastriano no Oriente e no Ocidente. Muitos pontos foram levantados pelos adeptos, como a quantidade e função dos templos, os casamentos, a popularidade da religião, o aprendizado das crianças, os ritos funerários e, fora da área secular, as relações de trabalho e estudo.

Parte destas mudanças, associadas ao mundo contemporâneo e aos ideais britânicos, trazem uma espécie de preocupação, por parte das instituições religiosas como a ZTFE, com a diminuição do número de adeptos, podendo chegar a cogitação de um possível fim da religião. Investigamos a presença de alguns mecanismos que aparecem nos discursos das fontes, com o intuito de oferecer ferramentas para que esse processo de diminuição de adeptos não ocorra. Entre eles, vimos as propostas de aulas para crianças zoroastrianas e encontros para os jovens, ofertados pela ZTFE, além dos encontros sociais para a faixa etária mais velha. A internet também aparece como um mecanismo a favor conservação, no qual atualmente traz inúmeros grupos nas redes sociais e em aplicativos para favorecer os encontros de amigos e casais da mesma fé.

Por fim, se fosse preciso definir os resultados da pesquisa em poucas linhas, colocaria da seguinte forma: A comunidade zoroastriana na Inglaterra não é homogênea. Os desafios de se estabelecer em um local tão dessemelhante fazem

com que parte da comunidade defenda a permanência de estruturas orientais, e outra parte, a busca pela inserção nos padrões ocidentais. A identidade nesse meio é um campo de conflitos e interesses, em que os sistemas simbólicos são importantes pontos para manutenção desta. A partir disso, enxergamos certas mudanças em aspectos de comportamentos e socialização dos adeptos e até nas estruturas da religião, como nos ritos funerários e na lógica da lei da pureza. Além disso, vemos marcas na sociedade britânica que indicam a permanência dessa comunidade, a qual chegou a partir do século XVIII e está presente até hoje. Observamos a presença do Cemitério Zoroastriano em Brookwood, o comércio nas regiões da Grande Londres voltados não necessariamente e especificadamente para os zoroastrianos, mas também a comunidades oriundas do Oriente Médio, as instituições zoroastrianas como a ZTFE, e a WZO, e até mesmo o incentivo financeiro para a criação do instituto de pesquisa em Zoroastrismo na faculdade SOAS, em Londres.

Esta pesquisa inaugurou minha experiência como pesquisadora em campo. O trabalho de campo tão essencialmente importante para a dissertação, auxiliou em minha construção como autora e escritora, e enriqueceu o desenvolvimento do trabalho final. Quando proposto trabalhar com migrantes de outro país, nada mais completo e gratificante do que estar próximo ao objeto de pesquisa. Acredito que ter a oportunidade de estar presente, trouxe total aperfeiçoamento e valorização ao projeto.

Por mais que esteja finalizando o trabalho, a pesquisa não para. Espero que esse escrito possa servir de ajuda aos pesquisadores que se interessarem pelo tema. Não é das maiores facilidades trabalhar com um tema com pouca historiografia brasileira, mas é importante que se tenha pesquisas principalmente sobre os assuntos pouco trabalhados.

A tentativa de se responder as perguntas propostas, mostram um caminho da lógica da pesquisa. A partir das trilhas traçadas aqui, se abrem caminhos que nos permitem pensar em outras problemáticas que podem dar luz a outras pesquisas, como a questão da comunidade mais jovem zoroastriana inglesa, os iranianos na Inglaterra, a questão dos templos nos Estados Unidos e na Inglaterra, entre outras.

Trabalhar com identidade e memória foram também duas ferramentas cativantes e encantadoras. É incrível as discussões que podemos levantar a partir

delas e como podemos inseri-las no nosso cotidiano. A princípio, as discussões me pareciam complexas, devo dizer. Muitas vezes usava como utensílio para melhor compreensão, associações com assuntos mais próximos de mim. Acredito que o recorte teórico-metodológico realizado, tenha dialogado e questionado as fontes de modo a desenvolvermos uma pesquisa que trouxesse respostas e hipóteses aos questionamentos iniciais.

Enfim. Realizar esta pesquisa é como uma conclusão para os primeiros anseios que rascunhei anos atrás. É um tanto quanto nostálgico lembrar que ainda durante a graduação em História, sentada no chão da sala da aula, conversava com dois amigos a respeito de uma ideia para o projeto de mestrado. Por mais que alguns caminhos não foram os mesmos que pensados primeiramente, acredito que as mudanças vieram para agregar e formar a presente pesquisa. Afinal, além do produto concluído, as passagens pelas quais o trabalho se desenvolveu são essencialmente significativas.

**ANEXO A – Discursos dos respondentes relacionados com os pontos Família,
Comportamento e Comunidade.**

RESPONDENTE	FAMÍLIA	COMPORTAMENTO	COMUNIDADE	SEM RESPOSTA/ OUTRO ASSUNTO
01		X		
02				X
03		X		
04	X		X	
05	X	X		
06		X		
07				X
08	X	X		
09				X
10				X
11			X	
12				X
13	X			
14	X			
15				X
16	X			
17				X
18	X			
19		X		
20				X
21			X	
22		X		
23	X			
24	X		X	
25	X			
26				X
27	X	X	X	
28		X		
29		X		

ANEXO B – Questionário aplicado

THE MEMORY OF MIGRANTS: RUPTURES AND PERMANENCES BETWEEN ZOROASTRIANS IN ENGLAND

Hi,

My name is Iasmin Castro de Souza and I'm a Brazilian History student from the State University of Londrina.

My master's degree project is about Zoroastrians quotidian in England and has the objective to develop some important points such as the problematic of settle in a new continent, or having a connection between two different cultures patterns, also the processes of cultural and religious adaptation.

The intention of this questionnaire is to collect some meaningful information about self-Zoroastrian perception in England. It is the first step of my fieldwork that will be effective accomplished in May 2019, when I will be visiting London to develop interviews.

The information collected through this questionnaire will be only used for academic purpose. This research has been evaluated and inspected by the Brazilian Ethics Committee and complies with all legal norms. Feel free to contact me by email (iasmincsuel@hotmail.com OR iasmincastrodesouza@gmail.com) or Facebook (Iasmin Castro).

Who might answer the questionnaires? People who live in England and have consider themselves as Zoroastrians or are part of a Zoroastrian family.

Thank you!

01) Where were you born and where do you live (city)?

02) How old are you?

03) What is your gender?

Female

Male

Prefer not to say

Outro:

04) Do you consider yourself as a Zoroastrian?

No, I have never consider myself as a Zoroastrian

No, not anymore

Yes, I do consider myself as a Zoroastrian

I dont know

Outro:

05)IF YOU HAVE ANSWERED YES, do you consider yourself active within religious practices?

- No
- Yes
- So-so
- Outro:

06)Do you think being a Zoroastrian is part of your identity? Why?

07)Do you attend a Zoroastrian Institution? If so, how often and whats is the name?

08)Do you think religious institutions (as the Zoroastrian Trust Funds of Europe - ZTFE) has an important role in a migrant religious quotidian? How?

09)Do you think it is important to discuss religious matters in a migrant destination country?

- No
- Yes
- I dont mind
- Outro:

10)In your opinion what means to be a Zoroastrian in England? It is different from being a Zoroastrian in the Asian continent? In what ways?

11)When Zoroastrianism arrived in England, through its adherents, changes are occasioned. If you could highlight the most significant changes established, compared to the religion standards in the countries of origin (Iran, India, etc) what would it be?

ANEXO D – Transcrição da entrevista com Malcolm Deboo e Ervard Yazad T. Bhadha

IASMIN: One of the things that... The first question is actually, really important. I'll start just, you know... One of the things that I'm working in my research is the relation between religion and identity. I mean in what ways can a religion, Zoroastrianism in this case, be part of an individual identity, especially in a migrant country. How do you see that?

MALCOLM: Well, I'm mean **(pausa)**. For many communities, not all, religion is part of the cultural heritage and especially for an immigrant community, it can be quite a bounding. When it come to a new country, because you could be all alone, and by meeting someone of your one kind, I mean, of your own religion, own ethnic makeup can be a way to at least try to settle in a new place. And immigration or migrations can be a whole kinds. They can be for economic reasons; people can be refugees that uprooted, you know, they can be kidnapped, this is why you have the historic slave trade of the Americans, you know, and as you also where you're being from Brazil, how that sort of worked, where by **(inaudível)** a way of people coming together, or share beliefs. And giving them comfort. I think this is the same thing here. In our case, the Zoroastrian case where early in the Zoroastrian community in UK, is one of the oldest Indian origin or Asian origin communities here. We've been here since 18, before 1861. And in the 1861 we decided to established an association where all people could come together for the exactly same **(inaudível)** to meet. But more importantly is also, was what do we do when our people pass away, because we are in a country which the practices are different from the historical Zoroastrian practices was, which is as you know, we disposed our dead in the Tower of Silence back in India, or even in a Dakhma in Iran. And in the United Kingdom, that practice was not there, but also that time back in the 1861 when we pass away your last prayers were also given by Christian, so we had to find a way that ... we had to adapt burial but at the same time what we did that the last prayers were given by a Zoroastrian. So that is how, you know, is an example, of how religion **(pausa)** and many people like the Zoroastrians, or even say, think the Jews community where what is called ethnic based community, where by a times a religion that actual complexity of religion, the rituals may not play that important part, but many times when they pass away, they want a

comfort that their last prayers are Zoroastrians. So this is an example, you know. I don't know how you feel Yazad, with all this.

ERVARD YAZAD T. BHADHA: I think **(pausa)** that different country its more like, if you know a Zoroastrian makes you more comfortable to have a conversation and socially interact with them, as well. And I think it's much more important, as a minority religion to stay in a group and to stay with them full and with each other.

IASMIN: Also, so, talking about the ZTFE, we know that this institution has an important role in the Zoroastrian quotidian here in London. So,

MALCOLM: In the whole in the UK, although the majority... we were established in London, the majority of the community, what we served for the rest of the UK, and parts of Europe, you know, like when people like Yazad being a priest has to go and serve communities like, they want to have a ceremony if family passes away, because we do not have... there communities that are small, they don't priests there, so we send one. Sorry to interrupt but, you know.

IASMIN: No! Feel free...

IASMIN: So, can we say that the ZTFE assist the migrants in preserving and identity, I mean, there is no fire temple in London, am I right?

MALCOLM: Yes

IASMIN: So, the closest place are these institutions like the ZTFE.

MALCOLM: Yes. You are right. Yes. So, the ZTFE is seen as a focal point, although... the more important the Zoroastrian Centre is seen as a focal point for people to meet, greet and celebrate. So, we come here, we meet each other in times of celebration and in times of sorrows as well. So, although we do not have a working fire temple like we have in India, what we do have we'll show you later on, is a prayer room, as such where we do have a, which is a model of what inside of a fire temple looks like. And we have the prerequisites so we light the fire and the priest like the Yazad lights the fire during the ceremony occasions. This religious... the religiosity as at times increase and at times also decrease. It depends on which generation you are as well. So, depends on which age group you are. There are times, you know, when you are young, your parents brings you, when you come to teen ages and you decide to go in your own way, and at times when you get mad at yourself, you know "how do I now bring up my children?" So again we have these religious classes for children, we have classes for adults, so it helps them to bring together. So there is one element of education but more important is just simply to meet. So we have a children's classes,

when the children's meet but also their parents. We have a citizen club when the elder people can meet as well. That is just **(inaudível)** no religious. Its just to meet. As a social club. But then of course we have a whole throughout the calendar, the annual calendar that has different ceremonies. So, for instance we have ceremonies that celebrate the new year, we have ceremonies to remember departing, then we have other seasons ceremonies, as well. So there is also other opportunities to people to meet and greet. And if you look at the very first page of this booklet, the letter, the very first letter, which we got in arcades, which was written in 1861 in gujarate, and this is the translation to English. The idea behind the Fund was actually to meet in times of happiness and sorrow, and this continue today. And this is not unique to us, also for the others emigrants communities as well.

IASMIN: When we study about migration and demography, we study about the determinants of a migration, which are the thing that makes the migrants comes to that place, like attractive points. Do you think that ZTFE may be considered a determinant, like an attractive point for Zoroastrians in the Asian continent?

MALCOLM: No.

IASMIN: No?

MALCOLM: No, that is not a why people come to the UK, because of the ZTFE. People come to the UK, especially today in the Zoroastrian community, for an improvement in the living standards. It is not always the case. The origin of the community in here in the UK are three fold. You have got one which is from historic Indian and Pakistan, which is to improve economic life... and continues that way. Then you have a section of the community, which originates from east Africa and south Africa, which is from the 1960's. Although... they are also from Indian origin, their parents and grandparents left India to come, to go and travel to east Africa like, Kenia, Zanzibar, Tanzania, places like that, and South Africa, for economic improvement. But when these countries become independents in the 1960's from the British there was a very anti-Asian and anti-Indian feeling. The classic example is what we witness in Uganda by Idi Amin, who detected the Asians out. Same thing in Yemen, in Aden, where gain an anti-Indian feeling. So those people came to birtain. They were definitely out of choice. They were checked out from the country. An then we have the Zoroastrians, and the ZTFE were a meeting place for them. Again, 1979 with the Islamic Revolution, they established an Islamic Republic in Iran. Again, you have a group of Zoroastrians refugees leaving Iran. So, again for them, it was not quite a choice. So, there is a mixture of people and

depends of that mixture and what you are initialed that is how you get attached yourself at the ZTFE. For some people meeting your fellow, people with similarities, important. For others, not. And Zoroastrians are very much like the jews, you know, they feel Zoroastrians but others they don't feel to meet fellows Zoroastrians. Others... and the important to doing so. When our doors are open to... we don't say "yes, you have to come here", we say "yes, we are here. If you wish then you are welcome".

IASMIN: Now talking about changes in religions. Generally when a group of people migrates caring their religion, adaptation process can be visualized over time. Since Zoroastrianism arrived in England, do you think that the religion went through an accommodation or assimilation process?

MALCOLM: Yes. **(pausa)** This happened even before we came here. I mean, you know ... as you know the origins of Zoroastrianism in the hot lands of Iran. So, falling the Arabic invasion of the VII century and the gradual islamization of Iran, which follow the Zoroastrians being a **(inaudível)** minority eventuate de fringes and persecution. Life was difficult. So then a group decided to live and come to India, you have to make initial adjustments. But ate the same time is also important how the host community is like. So a country like a India, which have, at that time, predominantly Hindu community, their policy was of a policy of "live and let live", because hindus themselves were not a proselytism religion, a religion which was very much converting others. So in that sort of billion the Zoroastrians had to adapt to the set up. Of course, eventuate that, we have the first Europeans coming to India were the Portuguese. Vasco da Gama! Again, the Portuguese, back in that time, the whole idea was to sort of either persuade or forced a conversion to Catholicism. Well, the community was very mindful and very concerned, so we distance ourselves from the Portuguese's. When the English came, the English... they came as traders, so then the different outlook. And they sort of saying "okay, if you came and help us, you can practice your religion". So that is what we did. And that is why today much of... the majority of the Zoroastrians in the 21st century are what we called in the English speaking world. So like...United Kingdom, Canada, Australia, New Zealand, United States, as such. So that's also very historic. But at the same time, when we were with the English, the English were not forcefully converting, but you had the missionaries that were asking questions. So we had also to adjust when we came to Britain. We had to adjust, and one of the adjustment was actually that we can not have a tower of silence. Also establishing a Fire Temple back in the last... you know, back hundred, hundred fifty years ago was

not that simple. Because Britain today has much change to what Britain was, saying hundred, hundred fifty years ago. It is what we called today there is more politic control, more interest in interfaith dialog than it was. But having said that I mean, Britain as always, you know, in the recent history, has had a policy of religious freedom and that's also means a benefit. But at the same time it was very much an ovenciatly Christian country. Still is. The majority of people in Britain are still Christian, with a practice of Christianity was different. As they would classify themselves as Christian. So you have to interface them in accordingly, and minorities communities like the Zoroastrians they change cause of how the host community is like. So, when the host community became more interfaith orientated, we then came out with more of what we do. But because we ourselves are not converting as such, so we are not going out in the wilder society saying "look, you have to know about us", but if you come to us when you say you want to find out more about us, we are willing to help you. Otherwise, we keep ourselves to us. We don't have a tattoo in our head "I'm a Zoroastrian" for instance, you know. Or we don't got dressed outside which makes us any different. Or, and the language, another thing in each part of the world we are, we tend to educated our children in the local schools, or speaking the local language. So, again, it makes in that way easier to settling in. But in our homes we practice the Zoroastrianism... as such.

ERVARD YAZAD T. BHADHA: I think, as said recently by Malcolm Deboo, right now is much more freedom than it was a few... a few hundred years back, and I think it does give much more freedom to others religions to practice, as such. And this is what we Zoroastrians are doing, as such.

IASMIN: Okay, we have only more two questions. This one was in the questionnaire, in the online questionnaire, and I got some different answers. In your opinion what means to be a Zoroastrian in England. Is it different from being a Zororastrian in the Asian continent?

MALCOLM: **respiração profunda**

IASMIN: I got some answers...

MALCOLM: No, that is fine! Yeah. I mean... **(inaudível)** Not all to people are alike. But... **(pausa)** I think in the Indian sub-continent **(pausa)** different Zoroastrians practices Zoroastrianism differently. **(pausa)** And it is also the case here. There are other things... because this... and this is primarily got to do when going back to the Arabic invasion in Iran and then... which fallow the destruction of the whole Zoroastrian society. So you do not... you lack the central leadership. And because once lacked the

leadership, the practices can also vary from different places. So, for instance, the Zoroastrian community in India or Iran can not tell the British Zoroastrian community "This is how you should follow Zoroastrianism." or vice versa. (pausa) But the connection is there. So many of the connectivity of the Zoroastrian community in Britain is tied up with the community in India or the community in Iran, because we still have family there, extended family. Like the case of our priest Yazad. His parents are, you know, in India. His brothers are in India. So their bounding are much closer than in my case where my uncle and aunt are in India. It depends of how often do you go to visit. And it is not uncommon, not only for the Zoroastrian community, but other communities, the Indian community, or the Caribbean community, they go and visit their families, you know, because of the geography of the United Kingdom is such, it does not take that long to travel to India or to the Caribbean or Africa. It is quite in the center of ... So that helps. Now... it is, there is an individualism in the Zoroastrian practice. You don't necessarily have to go to church, or to Fire Temple, to be a Zoroastrian. That is an extension of your Zoroastrian practice. Like the Hindus we both are Indo Iranian religions. You can practice at home. So that is why you have people who feel that they don't want attach the association with the community. They feel that I can... an island of myself and I can practice. Plus, people like me feel that this is a mistake. That, I think that one can not be an island of themselves. You have to meet, bound with others. And that would help especially when the idea of identity is concerned, but more importantly for your psychological well be. Why do I say that? It is this, that, by associating with people of your own kind also improve your outlook. Like loneness. Loneness can be a big problem. We do have... in the Zoroastrian classing we do makes it very easily with the host community. But there are times when we want to be by ourselves. Especially when... when our dear and dear pass away. Because there are practices, where we want no people to meet and that is when the loneness quite hits you. You can be of course on a daily work and you don't have a problem, but there are times when you need to be with others, and that's the important idea of your own meeting, and... but at the same time in a place like... saying, Bombay or Karachi or Tehran where by...you got larger numbers of the community and the other thing, you also got Zoroastrian housing colonies. So you take for granted. In a place like London, (pausa) is a small place comparing with the cities in North America. So the boundings in North America, the distance is more greater, so that isolation can be felt. In also... outside London, isolation is felt by Zoroastrians. That is why over the

decades we have the majority of the Zoroastrian community, not only in the United Kingdom, but in the whole Europe, is actually in London. And one of the reasons are also here, the Zoroastrian Centre helps because it's a focal point to come and visit. And people come here not only when they want to celebrate, but they just come by their selves... to pray. And we don't see them again. We don't see them for the community's gathering. But they just want their own personal space to pray

IASMIN: To finish, I would like to finish with a question from Hinnells questionnaire. He wrote this question. Do you see any danger ahead for the Zoroastrian faith? Do you think that is a kind of pressure on the young community related to marriage or children?

MALCOLM: Yes. But that pressure existed since we became a small community. And as the 20th century progressed and the 21st century, the world has become a smaller place. **(pausa)** Mixed faiths marriages, relationships are increasing than ever before. So for a community, a small one like us, that would be a challenge. And that's where the pressure is... on us to maintain... *ahuviya*. The other challenge, the challenge of mixed faiths marriages or relationship, not in the same sub mixed faiths relationships, it is because a small community like ours ends with a short straw. So, for instance, **(pausa)** I will give you an example. Forget... let us forget the fact of a mixed faith relationship between a Zoroastrian and an English or a British Christian, which I mean the Church of England. Or for instance with a catholic. Let's ignore that. Let us, let us look at, for instance a relationship between a Zoroastrian and a Hindu. Okay, both minority religions. Both not proselytizing religions. But the Hindu religions community is far, far larger than the Zoroastrian community. So... so what is happening when this two people marry or get together, eventually that assimilation is more from the Zoroastrian side than the Hindu side as opposed to the other way around. And that's the pressure, what I see, to maintain our roots. Again, the Zoroastrian community, yes, there have been historical pressure to marry with the community and still are, but it getting less, so. Because, I would say that I think the Zoroastrian community were wide, has now accepted that mixed faiths relationships are a reality. **(pausa)** We don't know how to tackle them. And this is where the situation... it is increasing a much more faster rate than when Hinnells did his work back in the 1980's and 90's. But other advantages in the post internet social media era. What we are also witnessing is that you do have the Zoroastrian chat group, like other chat groups coming along. And we do find... at times we do find a surprise. I do find young people telling me "oh", and these are two Zoroastrians, "oh, we met all through Facebook" or "we met all trough

that sort of thing..." And that's also, so this is an example we can use the new technology to our advantage. But at the same time, the fact is that... the person should be also a "oh, I want to get married another Zoroastrian", which is not easy. So the community located in the Britain, for instance we have about four and a half thousand Zoroastrians. Over two and a half thousand are in London, as for the 2011 national census. But let's think about in Brazil. You are the sixth largest country in the world. I can only remember, I think that might be only a couple of two or three Zoroastrians in Brazil. You know...so the difficulty of, of, of a young Zoroastrian in Brazil it's just hundredfold. But then comes a time when people want to get on, so the assimilation takes place... eventually. So, may not... so imagine a Zoroastrian, what is called a Zoroastrian, was coming to... was settled in Brazil, or comes from India. That Zoroastrian marries a local Brazilian. Could be of whatever ethnic group. It could be a person of Portuguese origin, it could be of the indigenous origin, of African origin, makes it different. But that... these community are still much larger than the Zoroastrian. That Zoroastrian in his or her lifetime would try to maintain sort of Zoroastrian practices. But with their children, is highly doubtful. The other thing, see, when these children go to school, they are even more isolated. They're different and at school you don't want to be different. You want to be part because you don't want to be called names, you know, or pointed or things like that. So that also has a... has a... has a impact as well. You have... say the United States. Also very liberal country. But, besides de coast, on the east... most of United States is very, very strong baptism Christian. So when, when, when the Zoroastrian or any other, even a...see, a Latino Christian marries the bap, the pressure is on the baptism, eventually... eventually go Christianity as such. So that... the pressure is on the Zoroastrian too. And the pressure much increased. The other challenge, see, I gave you the example of the Hindu and the Zoroastrian. You ask the majority the people of the world; they have a vague inclination of what a Hindu is. Okay. Then if you tell who is a Muslim, more people is saying, "Yes, I've heard of Islam". Well, if you say a Zoroastrian, people say, "Have never heard of it". Although we are one of the oldest religions in the world. And as I mentioned early, we had a very strong presence in post exile Judaism, in new testament, Christianity, Islam, but what you say, you know, people never heard about us. So them they say, "oh, are you really a religion?" And our practice are very different. As I talked the way we look at evil, the way we look and the way we dispose our dead, and things like that. So that is even more challenging. So that assimilation went through

two or three generations, but will take place quite easily. So that challenge is that. The other challenges, even we are not a proselytizing community, but at the same time we have become in the early twenty century what we called a very western nuclear family community, of... when we marry we have one or two children, late marriages, not marriages. So we are a community which a like...made of a European kind... which is very much... we are highly educated community. We have a **(inaudível)**...who are...who got more post graduated qualifications at the mankind departs. Because of that, of course the career is important, late marriage, children not possible, or, at the same time, to maintain the economic lifestyle, and do not have a children, because, you know, the housing and the pressure of housing in a place like... are very, you know, very difficult. So that also add to the whole equation of the situation we are here, you know. And... so then when you leave to some places like Britain, or North America, the community is also... many of... we are not married, there's late marriage or not children. So that's added... you know. And the last thing is also happening, as the late twenty century has progressed, especially post, post Islamic Republic, we have got of Iran, we have got a movement taking place with people who want to be Zoroastrians, as such. So that's another challenge for the... for the, for the traditional community, how do we equate with the new wanting, the new Zoroastrians? Who's practices, they say "okay, I'm a Zoroastrian but I think selective of what I choose". So for instance... like for instance, if you compared from Catholicism, or the eastern Christianity, the radical Christian would say "no, no! I'm not going to adapt this part of Christianity. This is just not... this are not, doesn't come from Christ. This is just added by some... by the pope, whoever." And similarly, we have those people, the... what we call radical Christian, who want to established the new Zoroastrians identity and say "no, no. We are not adapting this part of... there's nothing to do with the prophet. That's just added on differently." So that's another new challenge coming along in our community as well. But as time goes along, I mean, the fact is that we are living, yes we are drafting at times, and, but at the same time there's a optimism in the Zoroastrian community, because the belief of God, that we are not dead yet, we are still around. I mean, people are giving up of centuries ago. But there is a, you know, being a believer God you have to also believe in the mystery of God. And at times you say **"okay, God, we'll help you out" (dedução)**. And, but so far we don't know the answer of how to tackle these various challenges which we face in the twenty first century. But fortunately what is happening is this, that, that as a twenty first century is now starting to unfold, that

people are finding more about Zoroastrianism. Not because of our practices but because of our **origin (dedução)** belief system. And that is something that, that will be giving a new sort of impetus to Zoroastrians living the twenty first century. I do not know.

IASMIN: Yeah, it reminds me something that, one of the person who answer the questionnaire, it was a woman and she said about that in the United States there are lots of Fire Temples and here in Britain there's not at all. And I was wondering why there is this difference?

ERVARD YAZAD T. BHADHA: I don't think in United States are any consecrated Fire Temple as such. I think there are most *dar-e-mehr*, which we say a house of fire as such, related to...

MALCOLM: Yeah, what is happening is that mentioned, you see, we do not have a central structure. So the North Americans Zoroastrian community has, has decided to established their own new credentials, which they feel that now in a new country they have to mean the new identity. So, like everyone, they borrow something from India and they have their own. So what is established is a place of worship, which a Zoroastrians place of worship, which a, the North America classify themselves as Fire Temples, or *dar-e-mehr* a house of fire. But the idea... they are different from the Iranian and the Indian .What means that they, in India, most of... all of Zoroastrians place of worship are very exclusive to Zoroastrians only. They not open to members of another faith, including if you happen to be married to a fellow Zoroastrian. In Iran there are, because of the various challenges they are facing at the Islamic Republic, there are sort of constraints and sort of differences as well. They are not as exclusive as what we have in India. In North America, the place of worship are open to all. In the UK, we wanted to... we have had times in our history we wanted to establish a place of worship, a concentrated. But for of right reasons the community declined to proceed. Primarily because of this aspect is about accessibility of who can enter, who can not enter. But more fundamental than this is that, the all the generation, in every generation the feel that the young generation may not be able to maintain a place of worship. An let me just elaborate this particular point. In the Zoroastrian world what's, it's not just the building which we are talking about the consecration. But actually the fire itself that is consecr... that's the holy... the focus, because its just through the fire we use as a via to worship God. The fire is not God. But it is like, it is, you know, for the Christian sort of meditating on the cross. So the cross is just a piece of wood. But is what it

signifies, that's important. And assimilate in our case as the holy, the consecrated fire, a temple fire, is signify. And is the responsibility of keeping that fire going. And it is, so the fire for instance in our case, once the fire is consecrated... it is a living entity. And I, I'm sure your reading you must be aware that the Zoroastrians own in Iran the oldest consecrated fire is about two and a half three thousand years old. In India the oldest consecrated fire is one thousand years old. Which have been caught with the early religious refugees who left Iran in the XX century, where they came to Gujarat, the eastern of India. This is kept going through centuries it is a place of... is a place of **pelgremench (dedução)**. It is a great responsibility to keep them going. It requires lot of money, lot of resources, but at the same time a lot of worship, prayer and in the case of Britain of our members a fell for whatever reason, that is not the way to proceed. For good or for bad. And I think what you had mentioned about this particular answer to... the person who answer the questionnaire, yes, there are Zoroastrians in this country that do feel a vacuum of not able to go, you know. But, I mean, the way the progression of the Zoroastrians coming here, has been an involvement. So for instance, I will give you, I'll show you this, you know, a shot. This is the part of a what we called an interfaith calendar which is distribute in the school. We don't do very... a sharp working is almost fifteen years old. They were one of the first organization to have, you know, to open up as in British religious education there is more than Christianity. You can see that we got our festivals here, which we list, now from 1861 to today the number of Zoroastrians religious festivals we celebrate have increased. So, what is happening, back in the early twenty century, if you look at the photograph in this booklet, which we celebrate the new year. Today we celebrate much more than that. But this is how the confidence of the community has come along. And because of that, few years ago we have employed a full time priest, which is Yazad from India. Before that we had voluntary priest. So you see that is a confidence task taking place. But at same time, the British zoro... the community... the Zoroastrian community in Britain has now got a firm anchorage. So we are now here to stay. So we are also... too many... okay, we could be slow compared to the North America community, or we established a place of worship, I do not know. But this is currently what we have. And when I take you upstairs to our place of worship, it is basically... it is what you would see in a functionally Zoroastrian Fire Temple, but minus the flame. That is a basic thing that is not there, you know. And because of that, people feel that this is not a proper place of worship,

which we accept, you know. But others feel that “look, this is the only place we got and we need to come and associate ourselves. So that’s what happens.

IASMIN: It is very complex right?

MALCOLM: Yeah

ISADORA⁷⁹: May I ask you something?

MALCOLM: Sure!

ISADORA: I am hearing this for the first time and we don’t talk too much about Zoroastrianism. In the way coming here, she told me some things, for example, the thing about the marriage that I didn’t know yet, and I thought it was very interesting. You’re saying about a... here you do some things a little bit different than the Zoroastrian community in other regions. No one ever try to contact you to make, you know, a unique, maybe... like the catholic has a unique... something like that, you know. Because you have something a little bit different here and because of the region, for example in England you don’t have a way to do some things that the religion ask to. I don’t know if I understand very well, that stuff you said about “oh here we can do this way because, you know, the difficulties”...

MALCOLM: Yeah! This is one of the reasons why we employed Yazad, who is a priest trained in India. You see, the Zoroastrian priesthood is a heritage priesthood, which goes back to the days in invasion, you know, the Christ, even before. So, his ancestors were practicing priests, his father is a priest, his brother is a priest, his grandfather was a priest, and one of the reasons we had in fact, his uncle happens to be one of the highest priest of the community. And he is in charge of the oldest Fire Temple in India, which I mentioned the consecrated by the first religious, you know, refugees who came to India. But, I employed him with us, here, it is one of the advantages that he can then... close, you know, it converge those practices if there any different, between what is practice in India and in here. So one of the advantages that... so we got much more similarity in our practice. Of course, in the dead ceremony, the prayers are different, but the actual practice is different because we just do not have the Tower of Silence. So when somebody passes in India, the Zoroastrian priest in India will conduct the ceremony differently to what is conduct in here, because here the option will be cremation, or burial, or it will choose to fly the body back to India, which is very rare.

⁷⁹ Durante minha viagem à Inglaterra tive a companhia de minha irmã mais velha, Isadora. Durante a visita a ZTFE e a entrevista, Isadora foi convidada por Malcolm a participar de alguns momentos. Ao final da entrevista, ela pede licença para realizar uma pergunta.

But the... in India, the vast majority of people who die goes to the Tower of Silence. So that practice would be different. The other aspect is also, the issue, also in India we are having more and more mixed faiths marriages taking places as well. But again... again... the idea is that in India, for instance, saying when we have the new year celebration, people in India will not focal...they go to the place of worship and pray, but they would not go to a local center and celebrate together. They would celebrate with the family. Or go to the restaurant. Here also people go to the restaurant, but at the same time, two, three hundred, four hundred people would come and celebrate together, depending in what day the new year falls. So if it happens to be a weekend, more people would come to the Zoroastrian Centre, if it is a working day, less people would come, you know. So those sort of things are there. And unlike the North America, the community in United Kingdom feels that they are much more closer to India, or if it happen to be an Iranian Zoroastrian, more closer to Iran. And the bound... in geography also mean easier to go. Because to travel from here to India, which is six and a half or seven hours. To travel from New York, which is close of the east coast of Bombay, can take you fourteen, fifteen hours, you know. Also the differences are also, you see, what is also happening in Britain, getting extended leave from your work places is much easier than getting in the United States. So that... all those things also make a difference. So that way, if you look, between United Kingdom, the distance of the United Kingdom to India or Pakistan, Iran is much closer than distance, you see, from New York, Toronto, Sidney, Oakland, you know. So that is another advantage we have. So that is... many Zoroastrians go to India and get married. So even though a Zoroastrian boy and a Zoroastrian girl can meet here, they would say "Okay, we'll go to India to get married" because they feel more authentic, you know... for that reason... that kind of thing. So that also... and then they have the reception here. Just last Saturday we have an example of that. A Zoroastrian boy and girl got married in India in December and then they have a wedding reception just here. That's another example of that. But after all, the ZTFE does not dictate "this is what you should do". We are not, we are not... we do not have that capacity or we are not in that particular role. So like the Catholic Church, "that is what you have to do", you know. We would say, "okay, we will try to help you to the best of our ability" as such. But the, you know, otherwise we have to do things in our own way.

IASMIN: Perfect! Okay, thank you very much.

Entrevista concedida no dia 03 de maio de 2019 na sala de reuniões da ZTFE em Londres

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Alysson Assunção. *A política do reconhecimento em Charles Taylor*. Belo Horizonte: FAJE, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- BENTO, Artur Monteiro. *Memória, espaço e identidade: a experiência de imigrantes caboverdianos no Rio de Janeiro (1950 – 1973)*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009.
- BOYCE, Mary. *Textual sources for the study of Zoroastrianism*. Chicago: University, 1984.
- _____. *Zoroastrians: Their religious beliefs and practices*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.
- _____. *A history of Zoroastrianism*. Leida: Brill Press, 1975.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. EUA: Routledge, 1996.
- BERTONHA, João F. Transnacionalismo e diáspora: reavaliando conceitos e paradigmas teóricos das imigrações. In: *Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. Salvador: Editora Pontocom, 2015.
- CASTIGLIONI, Aurélia H. Migrações: abordagens teóricas. *Migração Internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA, 2009.
- CLARKE, John M. *London's Necropolis: A guide to Brookwood Cemetery*. Inglaterra: Stenlake Publishing, 2018.
- COHEN, Robin. *Global Diasporas: an introduction*. Londres: UCL Press, 1997.
- COWARD, Harold; HINNELLS, John R; WILLIAMS, Rymond Brady. The Zoroastrian Diaspora in Britain, Canada and the United States. *The South Asian Religious Diaspora in Britain, Canada and the United States*. EUA: University of New York, 2000.
- DHINGRA, Jonathan W. S; OTTAVIANO, Gianmarco; REENEM, John Van. Brexit and the impact of immigration on the UK. *Brexit 2016: Policy analysis from the Centre of Economic Performance*. Londres: LES, 2016.
- DIEHL, Astor. *Cultura Historiográfica – Memória, Identidade e Representação*. EDUSC, 2002.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas: Volume 1: Da Idade da Pedra aos mistérios dos Elêusis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FIGLINO, Beatriz. A validação da exclusão do imigrante em esferas representativas na campanha pela Brexit. *Revista Pensata*. Vol. 07, n. 01. São Paulo: 2018.
- FREUD, Sigmund. (1929) *Malaise dans la civilization*. Paris: PUF, 1971
- GOLGHER, André B. *Fundamentos da migração*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.
- GUZDER, Deena. The last of the Zoroastrians. *Revista Time*, 2008. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1864931,00.html>. Acesso em 11, abril de 2020.
- HAKIMZADEH, Shirin. Iran: A vast Diaspora abroad and millions of refugees at home. *Migration Policy Institute*, 2016.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006

- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- HEGEL, George W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- HINNELLS, John R. *Zoroastrians in Britain*. Oxford: Clarendon Press, 1996
- _____. *The Zoroastrian diaspora: Religion and Migration*. Inglaterra: Oxford Press, 2005.
- HINTZE, Almut. The study of Zoroastrianism in Europe and North America. *Hamazor*, Volume 2, p. 128 – 132. Londres: WZO, 2010.
- JOISTEN-PRUSCHKE, Anke. Jewish and Christian relations with Zoroastrianism. *The everlasting flame: Zoroastrianism in History and Imagination*. Editado por Sarah Stewart. Londres: Tauris and Co Ltd, 2013.
- KOLTAI, Caterina. A recepção nacional do estrangeiro no mundo globalizado. In: VIEIRA, Liszt. *Identidade e Globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- KREYENBROEK, Philip G. Zoroastrianism as an imperial religion. *The everlasting flame: Zoroastrianism in History and Imagination*. Editado por Sarah Stewart. Londres: Tauris and Co Ltd, 2013.
- KUDASCHEFF, Alexander. Opinião: Porque está certo proibir a burca. *DW Brasil*, 2016. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/1JlgL>>. Acesso em: 15/06/2020.
- LACERDA, Nara. Brexit muda as relações pessoais e imigrantes relatam incertezas. *Brasil de Fato*, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/31/brexit-muda-as-relacoes-pessoais-e-imigrantes-relatam-incertezas>>. Acesso em: 17/06/2020.
- LEE, Everett S. A theory of migration. *Demography*. Seattle, v.3, n.1, p.47-57, Janeiro de 1966.
- LINS, Marcelo. A fluidez do mundo líquido de Zygmunt Bauman. *Fronteiras do pensamento*, 2016. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/a-fluidez-do-mundo-liquido-de-zygmunt-bauman>>. Acesso em: 15/06/2019.
- MATTOS, Patrícia Castro. A sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser. *Sociedade e Estado*, v. 19, n. 1, p. 255-256, 2004.
- MONTESQUIEU, Charles. (1748) *O Espírito das Leis*. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- MOURA, Hélio. *Migração interna, textos selecionados: teorias e métodos de análise*. Fortaleza: BNB, 1980.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.
- _____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 3 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, v.14, p. 7-24, fev. 1997.
- _____. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História*, v. 14, fev. 1997.
- _____. Sempre existe uma barreira. A arte multivocal da História Oral. *Ensaios da História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Olga Von Simson (org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália e Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- RIVETNA, Roshan. The Zarathushti World – a demographic picture. *XVI North America Zarathushti Congress (FEZANA)*. Nova Iorque, 2012.

SAFRAN, William. Diasporas on Modern Societies: Myths of Homelands and Return. *Diaspora: a journal of transnational studies*. Vol. 1, p. 83 – 99. Toronto University Press, 1991.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.

SHEPPERSON, George. The African abroad or the African diaspora. *Emerging themes of African History*. Nairobi: East African Publishing House, 1968. p. 152-176.

SOUZA, Iasmin. A cidade de Persépolis: uma análise a partir das ruínas do palácio de Dario I. *Anais do evento VI Eneimagem*. Vol 5, p. 273 – 283. Londrina, 2017.

STAUSBERG, Michael. On the state and prospects of the study of Zoroastrianism. *Revista Numem*, edição 55, p. 561 – 600. Leida: Editora Brill, 2008.

TAYLOR, Charles. A política do reconhecimento. *Argumentos filosóficos*, São Paulo: Edições Loyola, 2000.

VERTOVEC, Steven. Three meanings of “Diaspora”, exemplified among South Asian Religions. *Diaspora: a journal of transnational studies*. Vol. 6, p. 277 – 299. Toronto University Press, 1997.

WIDENGREN, Geo. Stand und Aufgaben der Iranischen. Religionsgeschichte. *Revista Numem*, ed. 01, vol. 01, p. 16 – 83. Leida: Editora Brill, 1954.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas T. da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.